



Maria Natália Brito da Silva Correia Guedes

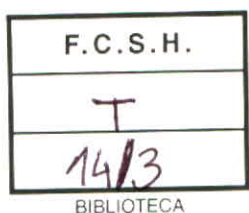


MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Volume III

Dissertação de Doutoramento em Antropologia
(especialização em museologia),
apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

Orientada pelo Prof. Doutor Augusto Mesquitela de Lima
Lisboa, 1994



60984

42003



INDICE

III VOLUME

Conclusão	428
Apêndice documental	439
1. Manuscritos	441
2. Impressos	508
Anexos	542
1. Questionário	543
2. Entidades portuguesas vocacionadas para financiar actividades culturais nos países lusófonos	547
3. Inquérito ao visitante	550
4. Ficha de identificação da peça	553
5. Ficha descritiva global	554
6. Ficha de candidatura	557
7. Circular para os órgãos de comunicação social	562
8. Desdobrável publicitário	563
Bibliografia consultada:	
Museologia e Museografia	565
Exposições temporárias organizadas por Portugal nas colónias e no estrangeiro	571
Os Museus e a preservação das culturas autóctones	574
Comunidades portuguesas no mundo	583
Talha em Portugal	584
Diversos	587
Siglas utilizadas	592

CONCLUSÃO

Demonstrámos, nos dois primeiros capítulos, que a Museologia é indubitavelmente uma *Ciência*, cujo processo de afirmação decorre ainda, como especialidade jovem, tendo dado os primeiros passos no final do século XIX; o seu objectivo é comunicar os testemunhos materiais que as sucessivas gerações nos legaram, enquadrando-as no respectivo ambiente social, político, económico.

A bibliografia que se lhe refere é restrita, porque ao profissional de Museu, tradicionalmente apelidado de "Conservador", ainda é pedido que se dedique com prioridade aos aspectos técnicos, raramente sendo dada ocasião de reflexão teórica; esta, no entanto, é básica para o progresso da ciência. Interessa sobretudo provar que cada exposição em que a Museologia se compromete, cada catálogo, fornecem dados novos e inéditos sobre as matérias seleccionadas, contribuem para a formação do público e, como base de trabalho, nelas utilizam documentação, iconografia, provas laboratoriais de inegável qualidade, rigor e seriedade.

Por outro lado, podemos dizer que se assiste hoje a um franco progresso de procura e utilização de linguagem própria que lhe vai permitindo, cada vez com maior clareza, elaborar e expor os seus raciocínios.

Compreende-se que a complexidade de implicações com os diversos ramos do saber justifiquem, tantas vezes, questões em aberto, dúvidas. Aliás, a inserção num quadro geral científico, se numa primeira análise é localizável no âmbito das ciências humanas sem implicações de positivismo radical, admitimo-la no entanto sujeita a revisão, à medida que se forem encontrando balizas mais definidas, não só para a Museologia, como para as outras ciências que lhe são tangentes, recém-reconhecidas, que, tudo leva a crer, estão sujeitas a um rápido evoluir.

O Museu é, afinal, um laboratório de experiências em que se impõem uma vocação e uma preparação humanísticas como componente indispensável para que se obtenha êxito em qualquer iniciativa.

O Museólogo deve possuir uma sólida cultura geral, que lhe permita dialogar com químicos, como com agrónomos, com escultores, como com antropólogos; as ciências auxiliares da História devem-lhe ser familiares, tal como o conhecimento e experiência em processos de montagem de exposições ou de execução financeira lhe serão imprescindíveis.

Para o contacto com o público diversificado sobre todos os aspectos, o Museólogo necessita de possuir boas bases em Psicologia e

em Sociologia. E, neste quadro, talvez possamos concluir dever ser seu apanágio uma das qualidades do cientista, a humildade em reconhecer, no momento próprio, a sua ignorância, aceitando recorrer à experiência de outros especialistas.

Compreender e explicar serão as suas grandes metas em face das colecções. Na museologia, teoria e prática relacionam-se intimamente; não encaradas como teoria-versus-prática, mas como dicotomia entre a fundamentação académica e a actuação de "campo", no dia-a-dia do Museu.

Para poder comunicar o conteúdo e a mensagem dos objectos subentende-se o domínio de técnicas de conservação liminares, com estatuto próprio definido no âmbito da Museologia, secundando-se de equipamento sofisticado para análise dos materiais, estudo dos respectivos componentes, colocação em reserva ou espaços acessíveis ao público. De igual modo, o recurso a regras práticas para garantir a segurança das colecções são exigências em que se apoia, tal como lhe são imprescindíveis os contactos interdisciplinares de âmbito técnico - desde as ciências abstractas às ciências humanas - dependendo da temática escolhida para apresentação dos objectos. Esta prática museológica pressupõe uma verdadeira vocação *ad initio*; ela cobre um vasto campo de aptidões, inatas na sua maioria, que ao longo dos anos se consolidam e modelam com os conhecimentos adquiridos.

Será esta sensibilidade que lhe proporcionará uma capacidade privilegiada de diálogo com a faceta artística da disciplina em causa.

A Museologia é também uma arte de seleccionar objectos, de os expor, de criar ou recriar espaços, sons, imagens, claros-escuros, envolvências sugestivas de épocas, ambientes, estados de espírito; utiliza processos cada vez mais sugestivos e sofisticados, acompanhando a rápida evolução dos nossos tempos. A robótica, a semiótica, a informática são-lhe já familiares nos Países com maior capacidade financeira, conseguindo-se, assim, obter informação e apresentação impensáveis há uma década.

Nos outros, nos Países em desenvolvimento, o equilíbrio entre Museu e comunidade é cada vez mais obtido num encontro recíproco de temáticas que contribuem para o esclarecimento básico do público, carente por vezes de um mínimo de conhecimentos sobre sanidade ou tecnologias primárias, ignorando a sua própria História.

O Museu, aqui, quase se confunde com o centro de assistência social ou a escola; diríamos-lo no limite das suas funções.

Mas haverá limites para a actuação de um Museu? Como dissemos atrás, esta pergunta não obteve resposta peremptória ou definitiva do vasto auditório de cerca de 3000 profissionais que participaram na Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus, em 1992.

Julgamos que, uma vez feita uma análise pormenorizada do público a que o museu se destina, será ele próprio a encontrar o seu "território" e tipo de actuação independentemente de qualquer definição pré-concebida. Deixar o campo livre para a criatividade, para a experimentação são permissas de que o Museólogo não deve abdicar; a

análise e crítica dos resultados obtidos ajudá-lo-ão a encontrar o equilíbrio pretendido, sendo garantes de qualidade científica.

Para estes dois aspectos, o recurso a especialistas é fundamental, tal como aliás demonstrámos ser em todo o evoluir do processo museológico. Na fase final, o psicólogo, o sociólogo, o antropólogo darão o seu contributo para interpretação dos factos.

Uma vez comprovado o carácter científico, técnico e artístico da museologia, passámos, na II Parte desta tese, à apresentação de um projecto, aplicando com realismo a teoria defendida à prática, tendo oportunidade de explorar caminhos inéditos, de registar métodos de execução subordinados a uma temática original e exequível.

Por ser afim a actividades que anteriormente exercemos, optámos por apresentar um exemplo que se insere no âmbito cultural: poderia recair, com idêntica vantagem, em matérias tão diferentes como a irrigação agrícola, a sanidade ou a evolução da espécie humana. Escolhemos também a área cultural porque todos os índices actualizados e melhor informados apontam para o primado desta área entre as de maior importância (entre a educação, os transportes e a saúde) em qualquer País em vias de desenvolvimento.

"A área cultural deveria ser preservada como a principal frente da nossa acção estratégica", independentemente da defesa tradicional de fronteiras físicas, económicas ou políticas (palavras de um oficial general português in *Diário de Notícias*, 30.07.93).

Como subtemas optámos pela Arte e, dentro da diversificação que lhe está implícita, escolhemos a talha por ser uma das manifestações em que o espírito criativo português aliado à sua aptidão manual deu suficientes provas, obtendo um estatuto de originalidade que em algumas épocas o distinguiu de outros europeus; apresentamos uma proposta de exposição subordinada ao tema "O trabalho da madeira em Portugal", com especial incidência na obra de um mestre que trabalhou na área de Lisboa, na segunda metade do século XVIII.

Para um conjunto de peças executadas em madeira é recriada uma determinada ambiência, proporcionando o conhecimento tão global, quanto possível da época do autor, da evolução estilística, da integração no contexto histórico e social em que surgiu. Quadros esquemáticos, projectos de colocação dos objectos, esboços de perspectivas, panorâmicas completam o texto registando, em termos gráficos, as opções do museólogo; etapas que, embora imprescindíveis para a compreensão de todo o processo, exigindo rigoroso estudo e registo, raramente se executam com profissionalismo e muito menos se arquivam.

Admitimos como hipótese que a Exposição se destina a itinerar nos Países e Comunidades de língua portuguesa, fazendo parte de um ciclo de âmbito alargado que se propõe dar a *Conhecer Portugal*. Por este motivo, por se tratar de uma iniciativa inovadora e de grande responsabilidade, estudámos com minúcia todos os pontos nevrálgicos.

Provamos que as clássicas barreiras, com demasiado peso psicológico entre o conjunto de peças expostas e o público, caem quando se evitam protecções físicas excessivas e simultaneamente se oferecem espaços lúdicos e pedagógicos como a oficina-laboratório e a sala polivalente para actividades audiovisuais complementares.

E se o museólogo e o designer conseguirem que a sua obra - a exposição - sensibilize a comunidade, levando-a de per si a iniciar um processo de procura e investigação de manifestações e testemunhos em idênticas áreas, o animador-monitor dará continuidade ao projecto, acompanhando e inter-relacionando exposição-ensino-património global.

O trabalho, em museologia, é realizado em equipa; logo no núcleo inicial, ao museólogo se junta o designer e o monitor, sendo a estes atribuídas tarefas fulcrais que, se não forem executadas com a maior qualidade, podem pôr em causa toda a exposição.

Comunicar é a acção de pôr conhecimentos e objectos em comum, encerrando um trabalho pluridisciplinar elaborado e complexo. Para o Museu, ela representa a preocupação latente, constante, o seu objectivo final. Actividade que encerra características de teor científico, é-lhe reconhecido, gradualmente, maior impacto no avanço civilizacional.

Uma chamada de atenção foi lançada, neste ano de 1993, pelas Nações Unidas, ao proclamar o "Ano Internacional das Populações Autóctones". A instituição museológica, melhor do que qualquer outra, está apta, em teoria, para responder a este desafio - atenta a cada

cultura, sabe aplicar meios tecnológicos para as analisar e apresentar, tornando-as interactivas; mas, da teoria à prática, do museu emparedado ao museu global e activo, permanece uma atitude chave - a comunicação - que nem sempre se atinge com eficácia.

Deste binómio Museu-Comunicação nos ocupámos porque nele julgamos residir a linha de força em que assentará a ciência museológica nas próximas décadas.

Assistimos à liberalização de temáticas, à abertura de Museus para experiências que transcendem a sua finalidade "clássica", precisamente porque o conceito de "comunicar" está definitivamente interligado com o desenvolvimento integral.

Daí a importância de dotar, com infra-estruturas museológicas, os agregados populacionais, que se pretende venham a ter um desenvolvimento global equilibrado, abrindo-os à participação de todos sem qualquer exclusão, contribuindo para a afirmação e enriquecimento da personalidade, para o alargamento da participação na vida colectiva, para a promoção dos contactos culturais entre as nações. Por este motivo, julgamos que o conceito de objecto ou peça museológica tende a ser progressivamente alargado, aspecto a examinar em futuros estudos.

O espaço amplia-se em função daqueles, podendo romper as paredes físicas atingindo uma dimensão que é, afinal, a que o Homem determina - espaço vivido quotidianamente, onde se encontra, discute,

cria, numa aceitação ou rejeição pacífica que conduzem ao seu próprio progresso.

Provaram os contactos que mantivemos para a elaboração desta tese que , ao mundo de língua portuguesa, restrita atenção tem sido dada pela matriz que lhe está na origem - Portugal. Falta um levantamento sistemático de quase tudo...

Talvez que a amplidão da tarefa desmoralize à partida qualquer proponente. Certo é que as marcas que vão de Timor à "Colónia do Sacramento" persistirão por alguns séculos, sem que usufruamos mutuamente desse benefício cultural; e o que toca a sensibilidade mais empedernida, não é apenas encontrar Carvalhos no Senegal, Sousas no Benim ou Regos no Togo, onde estão há meio milénio, utilizando terminologia e hábitos portugueses. Confrangedor para nós e especialmente digno de atenção por motivos sócio-antropológicos é o reconhecimento, em todos os Países lusófonos, de que neste preciso momento não existem meios suficientes para proceder ao levantamento do património que nos é comum, fazendo, no entanto, parte da sua própria História - herança positiva ou negativa que explica o seu devir.

Escolhemos a Guiné-Bissau, a título de exemplo, para o painel final da exposição proposta; utilizámos apenas materiais existentes em Portugal, escassos, embora bastante significativos. Dos objectos que permanecem em funções, e tantos há no local, nenhum levantamento sistemático foi realizado, nem pelos antigos colonos, nem pelos naturais.

Será esse um dos objectivos de maior importância na exposição: a selecção e recolha, efectuada pelos naturais, de objectos do seu património cultural, de modo a futuramente ser preservado e divulgado nas devidas condições.

A diversidade multicultural é, deste modo, posta em relevo através de um diálogo atractivo, amplamente participado e quotidianamente revisto - ensaio científico de comunicação museológica.

APÊNDICE DOCUMENTAL

NORMAS GERAIS DE TRANSCRIÇÃO

Na transcrição dos documentos, respeitaram-se a ortografia e os erros dos textos originais, mantendo-se a pontuação, as maiúsculas e as minúsculas.

Ordenámos a documentação cronologicamente.

Completámos o Doc. 40 com numeração das peças nele referidas por se tratar de uma Relação de obras de talha que serve de ponto de referência fundamental ao roteiro.

1. MANUSCRITOS

Doc. 1

1763

"Para Joseph Pinto Bacellar, Corregedor do Cível da Cidade/S. Mag. manda remetter a v.m^e a Pettição/junta de Francisco Joaquim da Crus e Luis Pedro Espinola/para que vendo v.m^e o que os suplicantes nella referem/mande ir à Sua presença assim os suplicantes como o Suplicado Francisco de Mattos e todos os mais Palanquei/ros e na forma que entre si se convierem Estes com Fran/cisco de Mattos para os Dias de Toiros que se findarão/agora se ajustem com os ditos Suplicantes para os/tres dias que novamente pretendem fazer de Toiros; Cor-/rendo pela mesma regra Francisco de Mattos quanto/ao Chãos que não arendou e que por sua conta fes os/Palanques e quando este não queira ficar com os dittos/que devem dar os outros Palanqueiros. Ordena S. Mag.^e que se lhe avaliem e se entreguem aos novos/Festeiros pagando estes a importancia em que forem/avaliados, cuja avaliação ou será respeitando ao alu/guer das dittas madeiras, ou valor dellas, sem se tra/tar de feitos, porquanto estes ficão já recompensados/no lucro que tiveram nos primeiros Toiros/Deos g.^e a v.m^e Palácio de Nossa Senhora/d'Ajuda a 7 de Setembro de 1763/Dom Luis da Cu/nha//"

AHM, 3ª Divisão, 50ª Sec. nº 2, Cxª 25 Cópia.

Doc.2

1777

"Por ordem do Sr. João António Pinto da Silva comprei os Brins p^a os tectos e divizoins q se fazem no quarto da Rainha May N. Sr^a e se entregou ao M^e Verissimo Jorge dos Reys o q tudo se fez por ordem de S. Magd^e - F.^{ma} Lx: 28 de Mayo de 1777

Felix Vicente de Almd^a///"

AHMF, Cx. 6, 1777, Doc. Desp. do Thesoureiro.

Doc. 3

1777

"Conta do Retros e olandilhas que levou o Mestre Armador Pedro Alexandrino Nunes da Lage de José Joaquim Luis da S^a p^a os Coartos da Raynha May N. S^a

.... Lisboa 5 de Junho de 1777"

AHMF, Cx. 6, 1777, Doc. Desp. do Thesoureiro.

Doc. 4

1777

"Lembrança do Importe das duas cadeiras dobradiças que o Sr João António Pinto mandou fazer para a Raynha May N. Srª Junho de 1777 ..."

AHMF, Cx. 6, 1777, Doc. Desp. do Thesoureiro.

Doc. 5

1778

"Rezumo da Des/peza q. fes o Mestre Armador Pedro/Alexandrino Nunes com os Jornais dos/Off.^{es} de Vestimenteiro e jornais de off.^{es} de/Correeiro e Off.^{es} de Armador e mais varias/compras percizas p^a se forrarem os coartos/com todos os seus ornatos adonde assis/te a Raynha Mãe N. Snr. e p^a se fa/zer hus doceis e cortinados e tudo pertencen/te as Sallas dos Duceis da d^a Snr^a/e Feito tudo por Ordem de Sua Ma/g^e q. Ds. G.^e e Expedida pello/Snr. João Antonio Pinto da S^a/em o mes de Março de 1777/Emporta o d^o Rol em duzentos/e mil e seiscentos e corenta rs..... 201\$640/

Pedro Alexandrino Nunes//

Despeza que fes o Mestre/Armador Pedro Alexandrino Nunes com os Jor/nais de Off.^{es} de Vestimenteiro e jornais de Off.^{es}

de/Armador e mais varias couzas q. o Rol declara p^a se/fazerem huns doceis e panos de bufetes e cortinados p^a as/Sallas dos Duceis da Raynha Nossa Snr./q. Ds. Gd.^e e p^a se forrarem os coartos da d^a Snr^{te}/e feito tudo por Ordem de S. Mag.^e q. Ds. Gd.^e/e expedida pello Snr. João Antonio Pinto/da S^a em o Mes de Março de 1777/

Pr^a Salla de Duçel

Por feittio de hum docel de veludo Lizo azul com seu/

Espaldar q. chega athe ao chão com sua Sanefas/

de duas facias e seu tecto e forrado todo o d.^o de Olan/

dilha da d^a cor e goarnecido de galloens e franjas de/

Retroz azul ferrete..... 9\$000/

Por Feittio de 9 portas de cortinas de hum panno/

cada cortina com suas Sanefas de veludo azul li/

zo guarnecidas de galloens, franjas de Retroz d^o.... 1200/10\$800/

Por Feittio de 2 pannos de bufetes de veludo azul li/

zo goarnecido com sua franja e galão de Retroz d^o... 1000/2\$000/

Por 4 pelles azuis ferretes p^a se fazer dois panos p^a se/

por por sima dos panos de veludo..... 800/3\$200/

Por Feittio dos d.^{os} pannos..... 200/\$400/

Por 9 Duzias de Argolas de Latão p^a as cortinas..... 60/\$540/

Segd^a Salla do Ducel

Por Feittio de hum docel de veludo azul Lizo/ conforme d ^o asima.....	9\$000/
Por Feittio de oito portas de cortinas de Damasco a/ zul ferrete com hum pano com sua sanefa de/ veludo azul Lizo e tudo guarnecido com galloens/ e franjas de Retroz da mesma cõr.....	1200/9\$600/ 44\$540/
Por 6 Pelles azuis ferretes p ^a se fazer 3 pannos p ^a cobrir/ os panos de veludo dos bofetes.....	800/4\$800/
Por Feittio de 3 panos de bufetes de veludo azul Lizo/ goarnecido em roda com seu galão e franja.....	1000/3\$000/
Por Feittio de huma capa de cadeira de veludo azul/ Lizo p ^a de baixo do Ducel.....	1\$200/
Por 8 Duzias de Argolas p ^a as cortinas.....	60/\$480/
Por Feittio de cozer os forros de setim azul ferrete/ p ^a se forrar a Cama.....	1\$200/
Por Feittio de quatro portas de Cortinas de Damasco/ azul ferrete com dois panos cada cortina com su/	

as sanefas largas e tudo goarnecido com gallo/ ens e franjas de retroz da mesma cor.....	800/3\$200/
Por Feittio de cozer os forros de outra caza repartida/ q. hé de Luçagrana.....	/800/
Por Feittio de cinco portas de cortinas de Damasco/ azul ferrete com 2 panos cada cortina com suas/ sanefas tudo goarnecido de galloens e franjas d°.....	800/4\$000/
Por Feittio de cozer os forros de chamalote azul p ^a / se forrar hum coarto emtrior.....	\$600/
Por Feittio de se cozer os forros de Cabaya azul fer/ rete p ^a se forrar a Caza das cantoneiras.....	1\$200/
Por Feittio de 5 portas de cortinas de chamalote p ^a / a d ^a caza com suas sanefas p ^a a d ^a	600/3\$000/
Por Feittio de se cozer os forros de setim azul ferre/ te p ^a se forrar outra caza.....	1\$800/
Por Feittio de cinco portas de cortinas de setim/ Lavrado com suas sanefas e goarnecidas com/ seus galloens e franjas.....	800/4\$000/
Por Feittio de dois cobertores de pano azul ferrete goar/	

necido com sua fita.....	1200/2\$400/
	76\$220//
Por Feittio de huma Armação de Cama de Damas/ co azul ferrete com seu teto e duas Ordens de sane/ fãs com suas cortinas e rodape e taboa de cabe/ ceira e tudo forrado de chamalote e goarnecido/ com galloens e franjas de Retros da d ^a côr.....	48\$000/
Por Feittio de hum cobertor de Damasco d ^o todo for/ rado de chamalote e goarnecido com seus galoens/ e franjas.....	2\$000/
Por 20 V. ^{as} de fita azul Larga p ^a debruar os/ ditos cobertores em roda de panno.....	60/1\$200/
Por Feittio de duas capas de trepeça de Damasco a/ zul ferrete forradas de chamalote goarnecidas com/ seu galão em roda.....	1200/2\$400/
Por Feittio de huma taboa de Cabeçeira e rodape/ com suas sanefas em redondo e cobertor e tudo/ o d ^o de setim azul ferrete riscado e goarnecidos/	

com seu gallão e franja de Retroz dº.....	9\$000/
Por Feittio de forrar e goarnecer hum tambor de setim azul ferrete riscado e forrado por dentro de cavalim e goarnecido com seu gallão em roda/.....	3\$200/
Por 3 V ^{as} de cavalim p ^a forrar o dº por dentro.....	2400....\$720/
Por Feittio de forrar de Damasco azul dois sestos/ goarnecidos com seu gallão.....	\$400/
Por Feittio de Estufar e cravar 4 cadeiras de braços/ e forradas de setim Lavrado azul com seus Espaldares e Acentos e manguitos.....	800....3\$200/
Por Feittio de Estufar e perçintar e cravar e forrar cinco cadeiras com seus acentos com Espaldares de addu/ elas que se forrarão de Damasco azul ferrete.....	400.... <u>2\$000/</u>
	148\$340/
Por Feittio de Estufar e perçintar e cravar e forrar de Damasco azul ferrete 3 Cadeirinhas de perna e forradas por baixo de chamalote azul ferrete.....	400....1\$200/
Por Feittio de Estufar e perçintar e cravar e forrar/	

- de Damasco azul ferrete huma cadeira pluto/
na com sua franja nos manguitos..... 1\$000/
- Por Feittio de Estufar e perçintar e cravar e forrar de/
Damasco azul ferrete tres cadeiras com seu es/
paldar assentos e Manguitos..... 800....2\$400/
- Por Feittio de Estufar e perçintar e cravar com cra/
vo dourado e forrar hum canape com assento/
e Espaldar e manguitos..... 2\$400/
- Por Feittio de huma Almofada de Damasco azul/
ferrete com sua frajola em redondo p^a o d^o ca/
nape..... 5300/
- Por Feittio de 4 Almofadas de Damasco azul/
ferretes com sua frajola em redondo p^a servir/
nas cadeiras de palinha..... 400....1\$600/
- Por Feittio de 2 Almofadas de pelles azuis fe/
rretes p^a as cadeiras de palinha..... 500....1\$000/
- Por 4 Pelles d.^{as} p^a se fazer as d.^{as} p^a se fazer as d.^{as} Almofadas
..... 800....3\$200/
- Por 6500 cravos de Latão dourado p^a cravar to/

das as d. ^{as} cadeiras todas declaradas asima a: sentos e Espaldares e manguitos e cadeirinhas/ de perna e hum canape.....	1900....12\$350/
Por 12 milheiros de carda p ^a se pregar todas as perçin/ tas e entre ferros das d. ^{as} e canape.....	140....1\$680/
	175\$470//
Por 15 V. ^{as} de perçinta p ^a se renovar as cadeiras por/ q. estão algumas podres e quebradas.....	40....\$600/
Por 10 V. ^{as} de panno treu p ^a se renovar os Espaldares/ das d. ^{as} cadeiras e canape.....	35....\$350/
Por 38 Arrates da China p ^a se renovar as d. ^{as} cadei/ ras e canape e p ^a encher as Almofadas e p ^a o ma/ is q. foi perçiso.....	140....5\$320/
Por 6 V. ^{as} de Brim p ^a em choriçar as d. ^{as} cadeiras/ e canape.....	140....\$840/
Por 18 C. ^{os} de Olanda p ^a entre forro das cadeiri/ nhas de perna e cadeiras com os Espaldares de adu/ ellas e p ^a entre forro das Almofadas e mais q. foi/ percizo.....	120....2\$160/

Por Feittio de huma capa de banca de jantar de caba/ ya azul ferrete goarnecido com gallão de d ^a cor.	S400/
Por Feittio de outra capa de pelle azul ferrete p ^a / outra banca de jantar com sua aba em re/ dondo.....	\$500/
Por 2 Off. ^{es} de Armador q. andarão Armando e forran/ do as d. ^{as} cazas 8 dias cada hum.....	600.. 9\$600/
Por Comedorias p ^a os d. ^{os} Off. ^{es} de Armador.....	4\$800/
Por Alfenetes p ^a se armar tudo o d ^o	1\$600/
	201\$640/

Recebi do Snr. João Antonio Pinto da/Silva duzentos e hum mil, seis centos e//quarenta reis, importancia da conta retro. Nossa Senhora da Aju/da 22 de Junho de 1778/São = 201\$640 rs./Pedro Alexandrino Nunes//"

AHMF, Documentos de Despezas do Thesoureiro da Casa Real, Cx^a 10.

Doc. 6

1779

"... Das Folhas de Obra de Talha para duas Estantes da Senhora Infanta D. Mariana Vitória.....	35\$165/"
--	-----------

AHMF, Casa Real, XX-G-20, 1779.

Doc. 7

1784

"Atesto com o jur.^{to} q do meu cargo me foi dado em como/tenho andado no Real Serv.^o de el Rey meu amo e Sr./doze meyo dias em doze seges de aluguer q a oito centos/reis cada huma importão Nove mil e seiscentos reis.....

9\$600/

em hir as Reais Quintas de Quellus e Caxias ademe/nistrar as suas Obras como tambem em ir ao Lugar de/Bucellas, examinar os reparos de que necessita a Igreja/e caza de Rezidencia do Parocho em que fis despeza/de seis mil e quatro centos reis

6\$400/

16\$000/

Somão as duas adiçoens dezasseis mil reis: dos quaes/meresso ser satisfeito pellos ter despendido des/de 17 de Abril the 15 de Maio do prezente anno Lx^a/15 de Maio de 1784.

O Sargento mor Matheus Vicente de Olivr^a///"

ANTT, Casa do Infantado, C.H. E 137, P.3, maço nº1.

Doc. 8

1786

"... de pagar o Principe Nosso Senhor/ao Sargento mor Architecto/Manoel Caetano de Sousa do res/to das obras q. o Senhor Rey/Dom Pedro 3º mandou fazer/no celleiro de Samora Correa/e cazas adjacentes no Cabo/da Villa no de Salvaterra de Magos = Cavallarice e peque/no concerto das Cazas = no/Quarto novo e Palácio de Samo/ra Correa = na reforma das/Cazas da Murteira e nas obras q. o mesmo Senhor Rey/mandou fazer aos Padres Ca/milos e Nazarenos a quantia/de..... 1.947\$580/"

AHMF, Arquivo da Casa Real. Cxª 270. Datável de 1786.

Doc. 9

1786

"Rezumo da herança/do Senhor Rey D. Pedro/

"... Deve mais a herança pelo q. já/pagou o Principe Nosso Senhor ao Mestre Entalhador/António Angelo da obra dos/Guardaventos que fez por or/dem do Senhor Rey D. Pedro/3º para a Igreja de Bucellas..... 696\$000/"

AHMF, Arquivo da Casa Real, Cx^a 270.

Doc. 10

1787

"... Diário da Receita e despesa do Particular: A Antonio Angelo.
Mestre Entalhador por conta da obra que está fazendo para o Paço de
Quelus..... 200\$000/
A António Angelo à conta da obra de Entalhador que está fazendo no
mesmo Paço de Quelus..... 300\$000/"

AHMF, XX-G-26, 1787/89, fl. 105 e 109.

Doc. 11

1788

"Outubro de 1788 - A Antonio Angelo Impreiteiro da obra de talha para
Bandinelas do Real Paço de Quelus..... 200\$000"

AHMF, XX-G-26, 1787-89.

Doc. 12

1789

"Ao ourives Bernardo Rodrigues Soares, por outto caixinhas de Prata dourada que fez para a sagração da Igreja do Novo Convento do Coração

de Jesus..... 130\$000"

AHMF, Diário da receita e despeza do Particular, XX-G-28, 1789.

Doc. 13

1789

"A João braham e por elle Ignácio Rodrigues da Costa de huma Folha de Ferragens que fez p^a as obras do Paço de Quelus..... 661\$085"

AHMF, XX-G-28, 1789.

Doc. 14

1790

"Diário da receita e despeza do Particular - A António Angelo do resto da obra de talha que fez para o Paço de Quelus..... 896\$000

A António Angelo, de obra de Entalhador que está fazendo para o Paço de Quelus..... 280\$000

Ao Entalhador António Angelo do resto de 1.276\$425 rs. da obra que tomou de Impreitada e fez para o Paço de Quelus..... 776\$425"

AHMF, XX-G-28, Outubro de 1790

Doc. 15

1791

"Julho de 1791 - A Caetano Cordeiro de Araujo Feye de pessas de Cassas q. vendeu p^a Barbinellas do Paço de Quelus..... 126\$000"

AHMF, XX-G-27.

Doc. 16

1791

"Eu o Principe Faço Saber aos que este Alvará virem Que An/tónio Angelo Mestre examinado no Officio de Entalhador me representou/estar trabalhando em todas as Obras Minhas, por Ordem do Architecto, dan/do inteira satisfação, do que se lhe encarregava: e porque desejava ser Mestre de Mi/nha Caza do Infantado Pedindo-me lhe fizesse merce de conceder-lhe Alvara/hei por bem fazer merce ao dito Antonio Angelo, de o nomear por Mestre En/talhador de Minha Caza e Estado do Infantado, e gozará dos Privilégios/de que gozão os Mestres de Officios de Loja aberta, da mesma Minha Caza que/são concedidos aos da Serenissima de Bragança, e poderá ter o Escudo de/Minhas Armas, na Loja em que trabalhar. Pelo que Mando aos Mi/nistros Deputados da Junta da Minha Caza e às mais pessoas a quem/conhecimento deste pertencer o cumprão sendo passado pela Chancellaria da pre/dita Minha Caza. Pagou de novo direitos

quinhentos e quarenta reis que/forão carregados ao thesoureiro delles no Livro decimo terceiro de sua receita e fo/lhas quarenta e nove, como consta do conhecimento registado a folhas trinta e duas do Livro quadragesimo oitavo do registo geral dos ditos direitos. Lisboa se/is de Julho de mil sete centos noventa e hum/Principe/..."

ANTT, C.17E, 137 P.2 - Casa das Obras e Paços Reais.

Doc. 17

1791

"Aos herdeiros de João Abraham Hirsch de Ferragens que este fez para o Paço de Quelus..... 761\$298"

AHMF, XX-G-29, Junho de 1791.

Doc. 18

1791

"- Semana que findou a 2 de Julho de 1791/

... Ao M.^e Entalhador Antonio Angelo de fazer vinte meynos capiteis/ p^a os Pilares a 6.400 cada hum..... 128\$000/"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 357.

Doc. 19

1791

"Recebi do Snr. Dezembargador João Roiz/Vilar a quantia de quatro sentos e dezasseis mil reis/porsedidos de quarenta capiteis que trabalhey para/a obra do real piquadeyro a saber vinte para as Co/lunas por preso de quatorze mil e quatro sentos reis/cada hum e vinte para as pedastras a preço de/seis mil e quatro sentos reis cada hum que/tudo a referida quantia asima e por ter recebido/Pasei o presente que asino belem/Lx^a 31 de Mayo de 1791/são 416\$000 M.^e Entalhador Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 357.

Doc. 20

1791

"Recebi do Sr. Dez.^{of} João Roiz Vilar cento e/quarenta e quatro mil reis porcedidos de des ca/peteis de columna que fis para a obra do/Real Picadeiro, a preço de quatorze mil e quatro centos reis cada hum. Bellem 30 de Abril/de 1791/

Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 357.

Doc. 21

1791

"Recebi do S.^r Dez.^{or} João Roiz Vilar Cento/e quarenta e quatro mil reis porcedidos de/des capiteis de Columna que fis para/o Real Picadeiro a preço de quatorze mil/e quatro centos reis cada hum. Bellem 31/de Maio de 1791/

Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 357.

Doc. 22

1791

"Recebi do Sr. Dez.^{or} João Roiz Vilar cento e vinte/e oito mil reis percedidos da obra de intalhador/q fis para o Real Picadeiro e foi metida na/folha do mes de Junho do presente anno e por ter/recebido a d^a quantia asignei o presente. Bellem/13 de Agosto de 1791/

Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 357.

Doc. 23

1791

"Setembro - 1791. Despezas com a Fundação da primeira Pedra do
Convento Novo da villa de Mafra..... 399\$530"

AHMF, XX-G-27.

Doc. 24

1791

"Setembro de 1791 A João Pedro Alexandrino Nunes das Armações para
preparo da Fundação da primeira Pedra, em o Convento Novo de
Mafra..... 290\$330"

AHMF, XX-G-29.

Doc. 25

1793

"Folha das pessoas que trabalharão na obra do/Real Picadeiro que S.
Mag.^e mandou fazer no citio de Belém/Principiou no primeiro de Janeiro e
findou a 31 do dito de 1793/

... Ao M.^e Entalhador Antonio/Angelo de fazer de impreitada
hum/Capitel para hua das Colunas das tribunas do
Picadeiro..... 12\$000/

Ao dº mais de fazer dois dºs de Pilastra/pª as mesmas Tribunas a 32.000 rs. cada hum.....	6\$400/...
- Principiou em o primeiro de Fevereiro e findou a 28 do dito de 1793/	
... Ao M.º Entalhador Antonio Angelo de/fazer de impreitada tres Capiteis das/Colunas para as Tribunas do Picadeiro a/doze mil reis cada hua.....	36\$000/
Ao dº mais de fazer hum dº de Pilastra.....	3\$200/...
- Mes de Março de 1793/	
... Ao M.º Entalhador de fazer tres Capiteis pª as co/lunas das Tribunas do Picadeiro a 1.200 rs. cada hum.....	36\$000/...
- Principiou a 1 de Abril/e findou a 30 do dito de 1793/	
... Ao m.º Entalhador de 7 capiteis q fez pª as Colu/nas das Tribunas do Picadeiro a 1.200 rs. cada hum.....	84\$000/"

AHMF, Bols. Part., Cxº 359.

Doc. 26

1793

"Ao dº mais de outro dº pª Pilastra.....	3\$000/...
- Principiou em 1 de Mayo e findou a 31 do dº de 1793/	

... Ao M.^e Entalhador Ant^o Angelo fazer de imprei/tada dois
Capiteis para as Co/lunas das Tribunas do Picadeiro a 1.200
rs. cada hum..... 24\$000/..."

AHMF, Bols. Part., Cx^a 359.

Doc. 27

1794

"Vm.^{ce} fará por ordem do S.^{or} Dez.^{or} João Roiz/Vilar para a obra
do Real Picadeiro que S. Mag.^e/mandou fazer no sitio de Belem o
seguinte/

Quatro fastois para os Pilares das Tribunas do/Picadeiro. Belém 14
de Junho de 1794/Ant^o da Fon.^{ca} Frejre/João Jorge Coelho/

Por quatro fastois a quatro mil reis cada hum..... 16\$000/

Recebi a conta asima Lx^a 29 de Agosto/de 1794/Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 360, "Folha" de Junho.

Doc. 28

1794

"Vm.^{ce} fará por ordem do Snr. Dez.^{or} João Roiz/Vilar para a obra
do Real Picadeiro que S. Mag.^e/mandou fazer no sitio de Belem o
seguinte/

Dois fastois para os Pilares das Tribunas do/Picadeiro. Belém 1 de Setembro de 1794/Ant^o Fon.^{ca} Frejre/João Jorge Coelho/

Por dois Fastois para os Pilares das Tribunas do Picadeiro/a quatro mil reis cada hum.....8\$000/

Recebi a conta asima. Lx^a 25 de Setembro/de 1794/António Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 360, "Folha" de Setembro.

Doc. 29

1795

"Vm.^{ce} fará por ordem do S.^{or} Dez.^{or} João Roiz/Vilar para a obra do Real Picadeiro que S. Mag.^e/mandou fazer no sitio de Belem o seguinte/

Seis fastois para os Pilares das Tribunas do/Picadeiro Belem 11 de Outubro de 1794/Ant^o da Fon.^{ca} Frejre/João Jorge Coelho/Por seis fastois a quatro mil rs. cada hum..... 24\$000/

Recebi a Conta asima Lx^a 1 de Janeiro/de 1795/António Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 360, "Folha" de Outubro.

Doc. 30

1796

"Registo de Portarias, nº 4 - Dita (portaria) p^a se satisfazer a importancia das Folhas de Jornais e materiais despendidos na Construção da Tribuna donde S. Altezas assistirão às Funções na Praça do Comércio... por ocasião do Nascimento do Serenissimo Principe da Beira. Lisboa, 9 de Março 1796"

ATC, E.R. 328.

Doc. 31

1797

"Manuel Caetano de Sousa Cavaleiro Professo na Ordem/de S. Bento de Aviz Coronel de Infantaria em exercicio/no Real Corpo do Engenheiros Arquitecto Civil e Militar/nas Ordens de Nosso Senhor Jezus Christo S. Bento de Aviz e/Santiago da Espada e das Serenissimas Casas e Estados/de Bragança e Infantado Real Arcenal das Obras Pú/blicas e S^a Igreja Patriarcal por Sua Mag. Fideli/ssima que Deos guarde etc./Atesto que Henrique Joze Hirsch de Nação Alemã e/do Officio de serralheiro têm servido debacho de minhas/Ordens há mais de sete annos executando tudo o que me/tem sido percizo tanto do Officio de serralharia, Ferraria/Fundição de Latoens e de Relogios de que fes hum para o Re/al

Palácio de Quelus para servir na Torre e outras Maquinas de Bronze e campainhas de que o tenho encarrega/do para diversas obras de sua Mag. de que fui e estou/incumbido dando sempre boa conta de si e com grande/inteligencia sendo outro sim inventor de algumas cou/zas raras que lhe tenho visto fazer e por ser verdade o re/ferido lhe passei a presente que juro pello Habito que/Professo. Quelus 7 de Junho de 1797. Manuel Caetano de Sousa/"

AHMOP, JC8; Ferreiros-H.

Doc. 32

1798

"Vm.^{ce} fará por ordem do S.^{or} Dez.^{or} João Roiz/Vilar para os/tetos do Palacete do Picadeiro que S. Mag.^e mandou fazer/no sitio de Belem o seguinte/

Oitenta Floreis Belem 2 de Abril de 1794/Ant^o da Fon^{ca} Frejre/João Jorge Coelho/por oitenta Floreis p^a os tetos do Palacete a mil e seis centos cada hum..... 128\$000/

Recebi a Conta asima Lx^a 12 de Janejro/de 1798/Antonio Angelo/"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 362.

Doc. 33

1798

"Vm.^{ce} fará por ordem do S.^{or} Dez.^{or} João Roiz Vilar/para a obra do Real Picadeiro que S. Mag.^e mandou/fazer no sitio de Belem o seguinte/

Noventa Florois para os tetos do Palacete de Belém/2 de Julho de 1798/João Jorge Coelho/Ant^o Da Fon^{ca} Frejre/

Por 10 Florois para os tetos do Palacete a mil e seis centos cada hum..... 144\$000/

Recebi a Conta asima Lx^a 8 de Mayo de 1798/Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 362.

Doc. 34

1799

"Vm.^{ce} fará por ordem do S.^{or} Dez.^{or} João Roiz Vilar para/a obra do Real Picadeiro que S. Mag.^e mandou fazer/no sitio de Belem o seguinte/

Sincoenta e nove Florois para os tetos do Palacete/Belém 9 de Junho de 1798/Ant^o Da Fon^{ca} Frejre/João Jorge Coelho/

Por 59 Florois p^a os tetos do Palacete a mil e seis cada
hum.....4\$000/

Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 362.

Doc. 35

1799

"Vm.^{ce} fará por Ordem do S.^{or} Dez.^{or} João Roiz Vilar/para a obra
do Real Picadeiro q. S. Mag.^e mandou/fazer no sitio de Belem o seguinte/

Vinte e tres Floroes para os tetos do Palacete d^o Pica/deiro. Belém
18 de Agosto de 1798/

Ant^o da Fon^{ca} Frejre/João Jorge Coelho/

Por vinte e tres Flores para os tetos do Palacete/mil e seis centos
reis cada hum..... 36\$800/

Recebi a Conta asima Lx^a 8 de Mayo de 1799/Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 362.

Doc. 36

1799

"Vm.^{ce} fará por ordem do S.^{or} Dez.^{or} João Roiz Vilar/para os tetos do Palacete que fica pegado ao Real Picadeiro q. S. Mag.^e mandou fazer no sitio de Belem o seguinte/

Settenta Florois para os tetos do Palacete. Belém 12 de Mayo de 1798/Ant^o da Fon^{ca} Frejre/João Jorge Coelho/

Por settenta Florois a mil e seis centos reis cada hum..... 112\$000/

Recebi a conta asima Lx^a 7 de Março de 1799/Antonio Angelo//"

AHMF, Bols. Part., Cx^a 362.

Doc. 37

1802

"Ill.^{mo} e Ex^o Snr. D. João de Almeida Mello e Castro/

Tomo a liberdade de hir deste modo a procurar as orde/ns de V. Ex^a p^a com ellas ter a honra de estar no seu/serviço bem q. o meu prestimo a pouco valle e no/mesmo tempo incluo a receita p^a dar o lustro no mogno/q. certam.^{te} he a mais simples e mais facil/Devesse comprar huma porção de cera amarella/e depois de bem cortada em piquenos bocadinhos/se poem em qualquer sorte de potte vidrado e

depois de se/ter posto dentro a cera se cobre toda ella com agoa/ras isto he athe q. chegue a cobrir os d^{os} bocados de/cera imediatam.^e se cobre o potte athe o dia pella/manham q. se achará tudo em huma massa morbi/da q. se deita e se toca em pequena quantid^e no/mogno e logo se esfrega com hum pedasso de/baeta e voltando a baeta da parte limpa se es/frega de novo athe q. fique bem luzedio também se renova a d^a massa todos os dias e nos mais dias da se/mana basta esfregar com a m^a baeta... Porto, 21 de Maio 1802 Francisco Vieira//"

A.H.M. 3^a Div., 50^a Sec. n^o15 Cx^a 2

Doc. 38

1803

"Recebi do Snr. Antonio Xavier Machado de Serveira/a coantia de corenta mil reis emportancia da obra de/Entalhador q fiz por ordem do dito Sr. para o Orgao da/Real Capella de Quelus e por constar a verdade de/ter recebido a dita coantia/e estar pago e satisfeito pa/sei o presente por mim feito e asignado. Lx^a 28/de Agosto de 1803/São 40\$000 rs./O Entalhador/

Thomas de Aquino//"

AHMF, Arquivo da Casa Real, Cx^a 373.

Doc. 39

1804

"Ano de 1804 (pague-se) ao Carpinteiro dos Bancos..... 2\$100/"

AISS-INSL "Livro da Receita e da Despesa de 1781 a 1838", folha 10.

Doc. 40

1805 (?)

Nº atribuído

a esta Relação

"A trinta e nove annos que Sirvo a Caza Real, Como mostro/

Estas primeiras obras forão feitas No reinado do senhor Rey D. Jozé/fuy mandado para o arsenal por ordem do Arquitecto Reynado Manoel, p^a/se fazere todas as Bancadas para os Tribunais e mais as Cadeiras para os prizizentes/e mais os Paineis para os ditos Tribunais por ordem do mesmoSnr./

Tambem fui para a Ribeira das Naus para se fazer a Torre para o fogo que/serviu no meyo da praça do Comercio quando se fizerão as funçoens da Estatua/por ordem do mesmo Snr./fuy outra ves para O arsenal para se fazer huma grande Livraria de Pao/Santo, com ornatos de madeira amarela para o quarto da Rainha May, para/o Real Passo de Nossa Senhora dajuda, por ordem do mesmo Snr./

As Capellas e Cadeiras do Coro para as Comendadeiras de Santos/depois do ensendio que tinham tido, por ordem do S.R.D. Pedro/

As trebunas que se fizerão para a Sé de Evora, que servirão para as pasa/gens de suas Magestades e Altezas Reaes e mais acomodaçoens que se/fizerão pello Palacio, aonde não tive Arquitecto de que eu servi de/Arquitecto e de Mestre, mandando fazer todas as Obras pellos meus riscos/que eu para isso tirei, por ordem do S.R.D. Pedro/

A Livraria para o Quarto de S.A.R. para o Passo de N.S. da Ajuda/

As Capellas que se fizerão para o Recolhimento de N. Snr^a da Lapa/por Ordem do S.R.D. Pedro/

A porta que fiz para a portaria do Convento de S. Camillo de Lelis/

Pessas que se fizerão para a função de deitar a primeira pedra no Conventin/ho novo que se fazia na Real Villa de Mafra, por ordem da Rainha N./Senhora/

Bambinelas que se fizerão para o Real Passo de Sintra por ordem S.R.D./Pedro/

Dois Guardaventos que se fizerão para a freguesia de Bosselas mandados fazer pello S. Rey D. Pedro//

A Obra do Quarto da Rainha N.S. para o Paço de Quelus que consta de/todas as Salas guarnecidas de banbinelas e o seu Oratório e Castiçaes e Sacra e Evangelios/

As armaçoens que se fizerão de Madeira para as Ezequias que Sua A.R. q./mandou fazer por seu Pai, o Senhor Rey D. Pedro, Na Capela da Bempos/ta de que eu fui encarregado/

Toda a obra de Talha e molduras que fis para os almarios do Tizouro da Patrialcar/e maquinetas e caclarios e mais varias pessas que servem na dita Igreja e na/Porcisão do Corpo de Deos/

A bancada de nogueira que se fes para a Cappella maior da Bemposta/e mais duas estantes de Pao Santo para o Coro/

A Capella Mor da Igreja da Bemposta feita em dois mezes e depois o Corpo/da Igreja para bacho/

As tres Trebunas que se fizerão para o Mosteiro de S. Vicente de Fora, huma/por tras do Altar mor e as duas por de fora ao lado do dito Altar, por ordem/de S.A.R./

As sanefas que se fizerão para as tribunas da Capela Mor da Sé de Lisboa/

As pessos que se fizerão de madeira para a Sagração do Real Convento/da Estrela e tambem os modelos feitos em madeira para o Ourives fun/dir as pessos de prata para a dita Sagração por ordem de S.M./

Os dois Conficionários de Pao Santo com seus ornatos de madeira amare/la que se fizerão para o Real Convento da Estrela por Ordem de S.M./

A Capela Mor da Ajuda e tambem os acrescentamentos dos Coretos da/dita Capela como tambem a Capela da Basilica e as do Corpo da Igreja/e tambem o Pannel do Batisterio/

Toda a obra dos Capiteis do Picadeiro de Belem e mais ornatos tanto/para fora como para as salas e tribunas//

A obra de Folhas das Cadeiras do Coro do Real Convento de Mafra/e mais quarto Estantes que se fizerão para o dito Coro/

A tribuna Real que se fes para as funções de Touros e Cavalhadas no/Terreiro do Passo, por ordem de S.A.R./

Os Modelos que se fizerão p^a esbarro da Torre de Quelus e mais modelos para/Sima da torre que consta das pessos de baicho do Gallo e da Crus de Sima/que todas herão precisas para o Latueiro fundir/

As obras que se fizarão para a Real Capela do Paço de Quelus que constão/de banquetas e quartelas para a Capela Mor e tronos e saclario e maquine/ta e serpentinas e a Caxa do Orgão e tambem o Coro e despois os aCrecenta/mentos dos Coretos/

Os Modelos dos Castiçaes que se fizerão para o Oratorio de S.A.R. como/tambem banquetas e quartelas e trono e estante de Páo Santo e Sirio Pascal/como os modelos que se fizerão para guarnecer estas pessas que tudo isto he/ra preciso para fundir o Fundidor/

O Painel de S. João Baptista para o Oratorio de S.A. Real/

A maquineta que se fes para o quarto da Serenissima Prínçeza/ para o Seu/felis parto/

As serpentinas que se fizerão para a Capela do Sacramento da Real Igre/ja da Bemposta/

Também fis Duas insignias para os Costodios para a Real Basilica/de Mafra para a Procição do Corpo de Deos que Levão nas maos a di/ente dos Religiosos todas entalhadas com as Armas de S. Fran.^{co} nas duas facias/

As obras que se fizerão para o Real Convento de Mafra que constão de seis Ca/xas de orgãos para a dita Igreja, quatro para o Cruzeiro sem Coretos e du/as para a Capella Mor com seus Coretos

feitas de madeiras de Páo Santo/ e tambem se fizerão todos os modelos de madeira tanto de molduras como/tambem para Algumas Pessas tanto para se modelar, como para hirem para a fundição para por elles se fundirem os metais/

Tambem se fes huma banquada de pinho para o cruzeiro da d^a Igreja/para os Padres Rezarem emquanto se acenta as duas Caxas dos Orgão/da Capella Mor/

Tambem se consertou o trono grande para as Indoencas e tambem a/Maquineta e o Coffre e a pienha e tambem se fizerão duas Cortella p^a/o Altar/

Tambem se consertou o trono pequeno para se acrescentar para os Lados q./serve para os Lausperennes/

Tambem se fizerão seis Caxilhos de madeira de fora para os terassos que ficão/por tra dos Orgãos/

Todas estas obras que prencentes o Real Convento de mafra, forão fei/tas dentro de hum anno/

As mais destas Obras forão feitas Compreça que ma hera preçizo traba/lhar de dia e de noite pella preça Com que vinhão, sem nunca faltar p^a/o tempo que me ditriminavão, sendo me precizo pedir dinheiro em/prestado para satisfazer as ferias aos sabados aos officiais, emquanto eu/o não Recebia, Isto herão Aquellas Obras que eu pagava e as outras q./eu não pagava herão pagas pora suas Reparticoens//"

AHMF, Documentos de despesa do Theozoureiro da Casa Real, Cx^a271.

Este documento foi pela primeira vez por nós divulgado in *O Palácio dos Senhores do Infantado em Queluz*, pág. 184, embora só agora se publique na íntegra. Sem assinatura nem data, é atribuível ao Mestre Entalhador António Ângelo, por comparação com outros documentos, autógrafos do respectivo artífice (Vd. Painel XIX, P27).

Manuscrito sobre papel, datável de 1805 (ano em que António Ângelo é nomeado Mestre Entalhador da Casa das Obras e Paços Reais), com a marca de água "H.C. Wend" da 1^a metade do século XVIII.

Doc. 41

1805 (?)

"Senhor/

Diz Francisco Fernandes, Mestre do officio de Pedreiro que ha/vendo-se empregado no Serviço de Vossa Alteza Real, haverá 30 annos pois/q como Mestre do seu Officio concertou os selleiros Cavalharices e Muinho de/arros, fazendo tão bem o accrescentam^{to} do Palacio Tudo na villa de Samora/Correia bem como fez os reparos dos seleiros das villas de Salvaterra, e Po/vos e medio varias obras no Real Palacio de Queluz tendo no dito exer/cecio dado provas do seu zello e sufeciencia: foi Vossa Alteza Real ser/vido pelo Alvará da Copia junta atendendo ao referido fazer-lhe merce/em 28 de Junho de 1791 do lugar de

Mestre das mesmas Reaes Obras vis/to a impossevelid^{de} do que o era; de cuja Graça pagou o sup^{te} os competen/tes Direitos e mais emolum^{tos} continuando em virtude delle no mesmo/Real Serviço fazendo a Igreja nova e mais Obras do Real Palacio/da Bemposta, como a cozinha e outras Cazas q se lhe acrescentarão/

Em toda esta diuturnidade jamais o sup^{te} pediu ou recebeu aju/da de custo ou outra alguma remuneração, além do seu jornal, não obstan/te as jornadas muitas vezes com perigo de vida a que se expoz nas re/feridas Obras e o exemplo que a Benignidade de Vossa Alteza Real lhe/dava, praticado com os Mestres Carpinteiros seus companheiros, os quaes/tem sido tres no tempo do sup^{te}; o 1º Joze da Silva Godinho estando annos/duente sem puder sahir fora lhe corria o seu jornal como se effectivam^{te}/rezedice; o 2º Pedro Antº Virgolino obteve vencer o mesmo jornal todo o/tempo do anno independente de haver obra; e o 3º ha pouco prvido Antº Angelo bem como o 2º conseguiu mesmo beneficio sem que todos tives/sem experimentado incomodo em jornadas a que nunca forão a fim de/fazerem obras.

Não só não tem experimentado o sup^{te} huma igual sorte a de/seus companheiros que igualm^{te} como ele tem a Honra de serem/criados de Vossa Alteza Real mas até sendo o sup^{te} proximam^{te}/acometido de hum ataque de enfermidade que chegando ao ponto de ser sacramen/tado o empedio 7 dias de trabalho de poder apparecer nos actuaes//das Propriedades Reaes; esses mesmos dias lhe forão descontados sendo-

lhe/com tudo remetidos a Folha dos Officiaes para a assignar o que cumprio/apezar de ver com magoa sua que Vossa Alteza Real houvesse de/tractar com tanto rigor a hum criado com inteligencia e sem nota/o tem servido e zelado a sua Real Fazenda ha tantos annos, como he/constante/

Não parão aqui os acontecimentos contrarios aos que o sup^{te} julga de ver esperar de hum Amo; cujos Reaes Beneficios e Paternal/Amparo todos Experimentão; pois que no dia 15 do corr^{te} mez de Agosto/foi o sup^{te} chamado pelo respectivo Architecto e lhe participou por/ordem de Vossa Alteza Real q som^{te} venceria quando houvessem Obras novas/e não por ocasião de reparos ou consertos para os quaes não era necessario/Mestre:

Em taes Termos prostando o sup^{te} perante Vossa Alteza Real re/corre humildem^{te} expondo que desde que serve a Serenissima Caza do/Infantado nunca os Mestres forão só p^a as Obras novas nem o seu Alva/rá tal distincção faz; isto não só por ser de uma Caza Real mas até/por ser a bem das mesmas Obras prohibindo aos Particulares poderem fa/zelas novas ou consertos sem direcção de hum Mestre que na conformi/dade das leys de Vossa Alteza Real as derija; portanto:/

P. a V.A. Real q atendendo aos dilatados serviços do sup^{te} e à sua/numeroza familia se digne por Effeitos de Protecção não dezamparar hum/criado de q^m não ha culpa nem se persuade desmerecer a Real Contempla/ção de seu Amo: Ordenando q lhe sejam pagos os d^{os} dias de doente e/fique continuando o ceu vencim^{to} como sempre foi pratica e

estilo/Permitindo q não seja o sup^{te} aquelle q depois de tantos annos experim^{te} hua/novid^e toda oposta às Benignas Intenções de V.A.R. mesmo desdoi/radora do Credito do sup^{te} p. q. jamais se pensará q sem culpa inorme/haveria hum tal procedim^{to}/E.R.M^{ce}//"

AHMF, Casa Real Cx^a 280.,s.d., 1805/12 (Vd. GUEDES, Natália Brito Correia; *O Palácio de Quelus*. Pág.335.)

Doc. 42

1805

"Dom João, etc^a Attendendo ao que Me representou Antonio Angelo e aos bons/serviços q^e me tem feito: Hey por bem fazer-lhe Mercê da Propriad^e do officio de Mestre Enta/lhador da Caza das obras dos Paços Reaes desta Cid^e com o ord^o em cada hum anno de cento e oi/tenta mil rs, por Graça pagos pelo Almox^e da d^a Caza das obras e os proes e precalços e Prev^{as}/q^e lhe pertencerem Esterá e servirá emq.^{to} Eu o houver por bem e não m.^{dar} o contr^o com declara/ção q.^e tirandolho ou extinguindo-o por qualqu.^{er} cauza q.^e seja lhe não ficará por isso m^a Fa/z^a obrig.^{da} a satisfação alguma; o Conde de V^a Verde Conselhr.^o de Est^o Min^o assist.^e ao desp^o do Meu Gabinete q^e serve de Prov.^{or} das obras e Paços Reaes lhe dê posse do d^o off^o e o deixe/servir e haver o ord^o proes e precalços e Prev.^{as} como d^o he dando-lhe pr^o o juram.^{to} dos Santos/Evang.^{os} p^a q.^e bem o sirva g.^e em tudo o Meu Serv.^o e as p.^{tas} a seu Der.^{to} e se fará assento nas

cos/tas desta Minha C.^{ta} q.^e se cumprirá cujo ord^o lhe será pago com Certi.^{am} do Prov.^{or} de m.^{as} obras/e Paços Reaes em q.^e conste cumpre com as suas obrigações de q.^e pg. de novos Dir.^{tos} noventa/mil rs. q.^e forão carreg.^{dos} ao thez.^o delles a fl.199 v. do L^o 33 de sua Rec.^{ta} como constiu/de hu conhecim.^{to} em pr.^a do Escr.^{ão} de seu Cargo, assinado por ambos reg.^{do} a a fl. 4 v. do/L^o 71 do reg^o G.^{la} dos m.^{os} Dir.^{tos} e roto ao assignar desta m.^a Carta q.^e por firmeza/de tudo mandei dar ao d^o Ant^o Angelo por Mim assinada e sellada com o Meo Se/llo pend.^e q.^e será reg.^{da} na Secretr.^a das m.^{ces} m.^a chanc.^{ria} e Faz.^{da} Lx.^a 6 de Março/de1805 an/o Principe R. por Portr.^a do Ex.^{mo} Conde Prov.^{or} das obras e Paços/Reais de 4 de M.^o de 1805 = Diogo Ig.^{cio} de Pina Manique = Pg. duzentos//rs e de av.^{am} dezoito mil rs e aos off.^{es} dois mil duz.^{tos} e sincoenta rs Lx^o 25 de M^o de 1805 = D. Mi/guel J.^e da Cam.^{ra} Mald^o/

C.^{da} Antonio Joaq.^m Serrão//"

ANTT, Chancelaria de D. Maria I, Livro LXXIV, fls 102 V^o

Doc. 43

1806

(Pague-se) "Ao M.^e Entalhador Antonio Angelo de obra de talha p.^a
Mafra..... 19\$2000"

AHMF, XX-G-41, Outubro de 1806.

Doc. 44

1806(?)

"Tendo o Senhor Rei D. Pedro 3º encarregado/Antonio Xavier Machado e Cerveira da factura de hum Or/gão pª a Igreja do Hospicio de Sº Antonio da Carreira dos/Cavillos, bem como pela Congregação Camararia da Patriarchal em/consequencia de Ordem da Rainha a Senhora D. Maria 1ª afora do/Orgão da Igreja Patriarchal (qd.º ainda se achava no Convento de/S. Vicente, que depois se trasladára para a Real Bazilica d'Ajuda/e hoje por ordem de S. Mag.º pª a Capella Mor da mesma I/greja) o foi consecutivamente da direcção e factura de mais dois Or/gaos para a Real Bazilica da Estrela, mas não se encontrando/hum Local com proporções pª o estabelecimento da respectiva/Fabrica sem fazer ao Estado alguma despeza, se determinou pela repartição das Obras Publicas, que ao referido Machado/se facultasse o uzo de huma parte da agua-furtada do The/zouro Velho p.ª que ali fosse estabelecida a mencionada Fabrica/de Carpenteria e Fundição, onde se tem fundido toda a Cana/ria destinada aos Orgãos da Real Bazilica de Mafra assim como/na mesma se tem feito e continua a fazer-se toda a mais obra re/lativa às referidas Bazilicas e bem assim a todas as Capellas Re/aes das Serenissimas Cazas de Bragança e Infantado de q. o dº Ma/chado he Director como se verifica do Docum.ºo junto.

Tal he o titulo p.ºr q.ºe ocupo o lado do Nascente na Agua furta/da do Thezouro Velho, bem como huma loja no mesmo Edificio/e o pequeno

resto de huma coxeira separada do mesmo Edificio/onde costume recolher os Cavallos da Caza Real qd.º se empres/tão a bem do Serviço das mencionadas Bazilicas e Reaes Capel/las/

Antonio Xavier Machado e Cerveira//"

PDVV, Manuscrito 609/III-6, sem data.

Doc. 45

1806

"Recebi do Snr. João Diogo de Barros Leitão/e Carvalhosa dezanove mil e dozentos reis da obra/de Talha de duas mizulas para o Convento de Mafra. N. Senhora dajuda, 7 de Outubro/de 1806/M.º Entalhador António Angello/19\$200//"

AHMF, Cxª 92, 1806, Doc.24 (maço 3), Doc. de Despeza do Tesoureiro da Casa Real.

Doc. 46

1807

"Folha de dois Custodes/da R. Basilica de Mafra/

nº 1 O Primeiro Custode por dia..... 240.....22\$080/

2 segundo dº

240...22\$080/

45\$060/

Recebi a quantia supra. Real Basílica de Mafra, hoje 24 de Outubro de 1807. Frei José da Conceição Sacristão Mor//"

AHMF, Doc. Despeza do Thesoureiro, Cxª 96, 1807.

Doc. 47

1807

"Pª os órgãos de Mafra/Recebi do Ill.º Sr. João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa¹ hum conto de reis pª despesas dos Orgãos de que darey conta. Nª Sª da Ajuda em 8 de Agosto de 1807/Joaquim Joze de Azevedo²"

AHMF, Doc. de Despeza do Tezoureiro, Cxª 95.

Doc. 48

1807

¹ Tesoureiro da Casa Real e do Real Bolsinho.

² Comprador da Casa Real (AHMF, Cxª 100, 1810, Doc. 66.) e Fiel do Guarda Joias (AHMF, XX-G-42.)

"Agosto de 1807 - A Joaquim Joze de Azev° p^a a Despeza dos

Orgãos de Mafra..... 9.867\$125/"

AHMF, XX-G-41.

Doc. 49

1807

"Conta Corrente de Jeronimo Freire Gameiro que servio de Pagador Geral das Obras Publicas, nos seis annos que decorrerão de 1798 até 1803 inclusive

fol.12 -1801 -Idem a Raymundo Joze de Azevedo e a Franc.º/da Costa Nogueira pela importancia da despeza/feita com o Modello e dourado delle para os Or/gaos da Real Igreja de Mafra como se vê dos Documentos Nº 27 e 28, insertos no referido Masso..... 200\$230/"

ANTT, Obras Públicas, C.27 E.23 P.4.

Doc. 50

1807

"Ajustamento da Conta/de Jeronimo Frere Gameiro Pag^{or} Gal que foi das Obras Publicas relativas ao anno de 1807

fol.56 - D^a com d.^{os} Esculp/tores vencerão com os /ornatos que se fizerão para os Orgãos da Bazilica de/Mafra/..... 146\$950/"

ANTT, Obras Públicas, C.27 E.23 P.4.

Doc. 51

1808

"Pelo que paguei a Joaquim Joze de Azevedo por ordem de S.A.R. o Principe N.Sr.à conta de quarenta e cinco contos dez mil cento e cinquenta e seis reis que o ditto mostrou ser Credor à Real Fazenda cuja conta o mesmo Sr. Foy servido aprovar e destinar a Consignação mensal de dous contos de reis pr. Mez tendo principio no Corrente Mez de Mayo; sendo a referida quantia precedida de 29.314\$716 rs. que se lhe ficarão devendo pelos órgãos de Mafra..."

AHMF, XX-G-42, Maio de 1808; sobre este assunto consulte-se a documentação de despesa com as cotas XX-G-46 (1814).

Doc. 52

1809(?)

"Senhor/

Diz Carlos Amatucci, Escultor e Retratista/de V.A.R., que pelo Real Aviso de 23 de Fevr^o de 1803, foi V./A.R. Servido Mandar arbitrar ao supp.^e o competente Ordenado/para ficar no Real serviço, em consequencia do que se lhe arbitrou/o Ordenado de 365\$000rs. por anno, pagos pela Folha da Real/Obra do Palacio d'Ajuda à qual foi o supp.^e applicado logo desde o di/to anno. desempenhando ao mesmo tempo outras obras Reaes, co/mo foi a dos Orgãos de Mafra, e outras, sendo-lhe concedido

aquelle/Ordinado, não só como creado de V.A.R. para o emprego da sua/Arte mas até como alimentos, visto ser hum Professor Estrangeiro/demorado neste Paiz para o Real Serviço..."

ANTT, Ministério do Reino, Maço 282 (1805-1809?).

Doc.53

1809

"Recebi do Ill^o Snr. João de Barros Leitão e Carvalhosa desanove mil e duzentos reis pelo trabalho do trato dos orgãos da Real Bazilica de Mafra. Nossa Senhora d'Ajuda 11 de Dezembro de 1809 São 19\$000 reis/O organeiro da Real Bazilica de Mafra e da Real Capela de Nossa Senhora d'Ajuda/Joaquim Ant^o Peres Fontanes"

AHMF, Doc. de Despeza do Tezoureiro, Cx^a 99/1809, Maço 18.

Doc. 54

1809

Fol.20 "A Antonio Angelo Mestre Entalhador da Caza/das Obras cento e oitenta mil reis proprietário/Recebeo o dito asima de Firmo António Dias Alm.^e/da Casa das Obras e Paços Reaes a quantia de trinta/e seis mil reis Liquido de Desima Ordinária e es/traordinária pertencente ao prim^o quartel

de mil/oitocentos e oito de que assignou CommigoEscrivão. Lx^a 27 de
Dezembro de 1809./Fran.^{co} Leocadio Pr.^a de Mir.^a/Antônio Angelo//"

Fol.19 "A Antonio Angelo Mestre Entalhador da Caza/das Obras cento
cincoenta e quatro mil seis/sentos e oito reis do Ordenado q. venceu
no/Anno paçado de mil outto centos e cinco/que não foi lançado na folha
do mesmo/anno, por estar já feita cujo ordenado/prencipiou a vencer em
seis de Março do/mencionado de mil outocentos e cinco7154\$608/

Recebeo o dito asima a quantia de doze mil oitocentos e cincoenta/e
sete reis q.^e venceo desde seis de Março athe ao ultimo do/dito mes de mil
oitocentos e oito ficando liquido de Desi/ma ordinaria e extraordinaria a
quantia de des mil do/zentos oitenta e seis reis que recebeo de Firmo
Antônio/Dias Alm.^e da Caza das Obras e Paços Reaes de que
assignou/commigo Escrivão. Lx^a 27 de Dezembro de 1809/Fran.^{co}
Leocadio Per^a de Mir^a/Antônio Angelo//"

ANTT, Casa das Obras e Paços Reais, C.17 E.14 P.5, Livro de 1809.

Doc. 55

1809

"Folha dos ordenados q hão de haver os/Officiais da Caza das
Obras no Anno/de 1809 pelo Alvares de outto de Agosto/de 1754/:

...A Antonio Angelo Mestre Emtalhador/da Caza das obras cento
e outenta mil reis/Proprietario 180\$000/

Recebeu o dito assima de João Henriques de/Azevedo Almox.^e
da Caza das Obras e Paços/Reaes a quantia de trinta e seis mil
reiz/liquidados de Dezima Ordinaria e extraor/dinaria pertencente ao
prim^o Quartel/de mil outocentos e nove de Q assignou com/migo
Escrivão Lx^a 30 de Março de 1810/

Fran.^{co} Leocadio Pr^a de Mir.^{da}/

Antonio Angelo/..."

ANTT, Casa das Obras e Paços Reais, C.17, E.14.P.5.

Doc. 56

1812

Fol 16 "Antonio Angelo Mestre Entalhador da Caza das/Obras e Paços
Reais Proprietário Cento e oiten/ta mil reis..... 180\$000/
Recebeo o dito asima de João Henrique/de Azevedo Alm.^e da Caza das
Obras/e Paços Reaes a quantia de trinta e seis/mil Reis pertencente ao
primeiro Qu/artel de 1810 de que assignou Commigo/Escrivão Lx^a vinte
e outto de junho de 1811..... 36\$000/
Franc.^o Leocadio Per^a de Mir^a/António Angelo/

Recebeo mais na forma dita asima a quantia /de trinta e seis mil
Reis Liquido de duas Desimas/pertencente ao segundo quartel do Anno
de mil/Outo centos e des de que se assignou Commigo Es/crivão. Lx^a 9

de Dezembro de 1811/Fran.^{co} Leocadio Per^a de Mir^a/Antonio Angelo..... 36\$000/

Recebeo mais na forma dita asima a quantia de trinta/e seis mil Reis Liquido de duas Desimas pertencente/ao terceiro Quartel do Anno de Outocentos/e des de que assignou Commigo Escrivão. Lx^a 2 de/Maio de 1812. Fran.^o Leocadeo Per^a de Mir^a/Antonio Angelo..... 36\$000/

Fol 16v. Recebeo mais Antonio Angelo de actual Almox.^e a//quantia de/trinta e seis mil Reis Liquido de Desi/mas pertencente ao quarto Quartel de 1810 de que/assignou commigo Escrivão. Lx^a 25 de Setembro de 1812. Fran.^o Leocadio Per^a de Mir^a/Antonio Angelo..... 36\$000//"

ANTT, Casa das Obras e Paços Reais, C.17, E.14. P.5, Livro de 1812.

Doc. 57

1814

"A Antonio Angelo Mestre Entalhador da Caza das/Obras Proprietário, cento e outenta mil Reis..... 180\$000/

Recebeo o dito asima por seu procorador Joze Bento de /Azevedo e Sousa de João Henrique de Azvedo Alm.^e/da Caza das Obras e Paços Reaes a quantia de seten/ta e dois mil rs. Liquido de Desima Ordinária e extraordinária pertencente ao prim^o e

segundo/quartel do anno de mil Outocentos e honze e de que/assignou
Commigo Escrivão Lx^a 26 de Mayo de 1813/Fran.^{co} Leocadio Per^a de
Mir^a/Joze B. Azev.^o e S.^a..... 72\$000/

Recebeo mais o dito pelo mesmo Procurador na/forma asima a
quantia de trinta e seis mil r. liqui/do de duas Desimas pertencente ao
terseiro quar/tel de mil outocentos e onze de q. assignou Commigo
Escrivão. Lx^a 3 de Setembro de 1813/Frnc.^o Leocadio Per^a de
Mir^a/Joze B. Azev^o e S.^a..... 36\$000/

Receberão Getrudes Prodenia do Nascimento/e Anna Joaquina
Roza como herdeiras de/Antonio Angelho Mestre Entalhador da
Caza/das Obras e Paços Reaes e por seu Procurador Joze/Bento de
Azevedo e Souza³ de João Henrique de/Azevedo Almojarife da dita
Caza em virtude do Despacho q. vai a linha a quantia de trinta/e sinco
mil dozentos e oitenta q. receberão por/conta dos trezentos cincomenta
e dois mil e oito/centos rs. ja Liquido de Desima Ordinária e
extraordinária e dos dois por cento q. deixou ven/çido do primeiro de
Outubro de mil oito centos e hon/ze athe ao fim de Março do corrente
anno cujo paga/mento he pertencente ao quarto Quartel de mil
Oito/centos e honze e como recebeo assignou Commigo Es/crivão. Lx^a
4 de Novembro de 1814/Franc.^o Leocadio Per.^a de Mir.^a/Joze B. de
Azev^o e S.^a..... 35\$280/

³ Filho de Raimundo José A.S., entalhador dos órgãos de Mafra.

(à margem) Despº em o Lº/427 de Outubro/de 1814//"

ANTT, Casa das Obras e Paços Reais, C.17.E. 14 P.5.

Doc. 58

1814

"Aos treze de Janeiro de mil oitocentos e quatorze fale/ceu na Rua Larga de Sam Roque com a Extrema/unccam António Angelo Soltº, fez testamento/testamenteiras Gertrudes Prudencia e Anna Joaquina/foi sepultado nesta Igrª/

O Coadj.^{tor} Antonio Gomes da Silva//"

ANTT, Registos Paroquiais Fregª Encarnação, livro O.14 fl92.

Doc. 59

1811-1814

"Testamento de António Angelo = Testr.^a Ge/trudes Prudencia do Vencim.º e Anna Joaqª Roza, mor.^{as}/a S. Pedro de Alcantara Fregª de N. Srª da Encarnação/Em nome da S^{ma} Trind.^e Padre, Filho e Espirito S^{to} Três Pessoas /Distintas e hum só Ds. Verdadeiro em q.^m Eu António Angelo/bem verdadeiram.^{te} creyo e em cuja Fé espero salvar a m.^a/Alma, não pelos meus merecim^{tos} mas sim pelos da mor/te e paixão de N.Sr. Jesus Christo pª o q. tomo por minha advo/gada a

Bemaventurada Virgem Maria N. Sr^a e a todos os mais/Santos da Corte Celestial p^a q. minha Alma vá gozar da Bem/aventurança para q.foi criada amen = Declaro q. sou sol/teiro e não tenho Herdeiros forçados q. meus Bens hajão de herdar/e por isso me he permitido o poder dispor delles e o faço pela ma/neira seg.^e Instituo por minhas Herdeiras a m^a Irmã a Snr. Gertrudes Prudencia do Venciment^o e a Snr. Anna Joaq^a//Joaquina Roza filha da Sr^a Felipa Roza de todos os/meus Bens q. constão de duas propriedades huma de frente da torre de S. Roque digo propriedades de Cazas humas sitas/defrente da Torre de S. Roque e outras pegadas à Irmida/dos Clerigos pobres e toda a mobilia q. se achar em Caza/com condição de não poderem vender ou alhear alguma das d.^{as} propri/edades mas sim dos seus alugueres se sustentarem ambas repartin/do igualmente o seu rendimento do Liquido q. ficar depois de pagos os/foros, Decima e despezas q. se fizerem com alguns concertos e do q. rece/berem dos Inquilinos serão os recibos assignados por ambas fazen/do em tudo boa união como lhes recomendo = Item q. no Cazo da/d^a minha Irmã falecer ficará uzofructuando as ditas propried^{es}/a dita Sr^a Anna Joaquina Roza⁴ para poder acudir às urgências de/Sua May e Manas e por Mortr da mesma ficarão as mesmas propried^{es}/a suas herdeiras q. Legitimam^e o forem

⁴ Ana Joaquina Rosa de Matos viria a falecer solteira e sem descendentes, depois da irmã de António Angelo, em 24.4.1834 (ANTT, Freguesia da Encarnação, Obitos 16), deixando as casas em testamento a uma sua irmã (ANTT, Testamento XV-S-79 (4 v.) 1834, Livro 1 - 2º bairro de Lisboa).

ou a q. a d^a Sr^a mais qui/zer = Item q. no Cazo da d^a Sr^a Anna Joaquina falescer pri/meiro q. a d^a minha Irmã em tal cazo será obrigada a dar/a metade do correspondente àqueles Herdeiros a q.^m por fa/lescim^{to} da mesma m^a Irmã Deixo as ditas as ditas propriedades com/obrigação de lhe fazerem o seu competente funeral = Item q. o meu/Corpo seja amortalhado no hábito de S. Francisco e enterrado/na minha Freg^a acompanhado por oito Clerigos da mesma Freg^a aos/quaes se dara a cada hum 480 rs. e hua vella e meio arrate e ao meu/Parocho se dará de Offerta 9\$600 r. e p^a 2\$400 r. = Item Deter/mino se me digão cem Missas de Corpo prez^e de esmola de 200 rs. cada/huma e no que respeita ao mais do meu Funeral as ditas minhas/Herdeiras farão como dellas espero = E por esta forma hei por/acabado este meu Testam^{to} de ultima e derradeira vontade pelo qual/revogo outro qualquer Testamento q. antes deste haja feito e rogo às Justiças/de S.A.R. o cumprão e goardem como nelle se contem o qual roguei a Joze/Bento de Azevedo e Sousa por mim o escrevesse e com elle o assignasse e Eu So/bred^o Joze Bento de Azevedo e Sousa o fiz a rogo do Testador e com elle assignei/em Lisboa aos 12 dias de Fevereiro de 1811 A rogo do Testador Joze Bento/de Azevedo e Sousa Antonio Angelo/

Aprovação/

Saibão q^{os} este Instrum^{to} de aprovação de Testam^{to} e ultima vontade vi/rem q. no Anno do Nascim^{to} de N.S.Jezus Christo de 1811 e em 12 dias do mes/de Fevereiro Nesta cid^e de Lix^a Praça do Rocio

No meu Escriptório apa/receu prez^e Antonio Angelo Mestre do off^o de Entalhador mor^{or} na /rua direita de S. Pedro de Alcantara junto da Ermida dos Clérigos Pobres/Freg^a da Encarnação em boa disposição de saude, e em perfeito juizo/e entendimen^{to} e logo por elle em presença das test^{as} ao diante nomeadas e as/signadas me foi dado das suas mãos às de mim tabelião este papel escripto di/zendo-me q. era seu testamento pedindo-me q. lho aprovasse e sendo por mim/visto achei ser o proprio testam^{to} o qual se acha escripto em duas Laudas/de papel passando para a terceira Lauda oito regras do mesmo testam^{to} e su/as respectivas assignaturas ao pé das quais vai prenysiado o prez^{le} Instrum^{to}/no d^o Testamento não achei entrelinha emenda riscadura borrão nem outra al/guma Coiza q. duvida faça e as perguntas q. lhe fiz na forma da Ley me res/pondeu q. este era o seu Testamento o qual lhe escrevera a seu pedim^{to} Jo//Joze Bento de Azevedo e Sousa e q. depois de escripto lho havia ele Ditado/de verbo ad verbum e pelo achar em tudo a sua vontade na forma q. o assignasse o q. o sobre/dito fizera juntam^{te} com elle Testador = Por tanto disse este que apro/va e ratifica este seu Testam^{to} por seu bom firme e valioso nome e/quer q. se cumpra como cedula Codicilo e qual em Direito ma/is firme e valido seja e q. por este revoga e anulla outro qualquer testam^{to} ou codicilo que antes este tivesse feito pois/só o prez^{le} quer se cumpra tenha força e vigor em juizo e/fora delle por esta ser a sua ultima e derradeira vontade pelo que pede e roga as justiças de S.A.R. o Principe Reg^e N./Sr. Tanto Seculares lho cumprão digo Seculares como

Eclesiasti/cos lho cumprão fação e mandem m^{to} inteiram^{te} cumprir e/goardar como nelle se contem e declara a q. forão Test^{as} prez^{tes} cha/madas e rogadas por si delle Testador o dito Joze Bento de/Azevedo e Sousa Escr.^{am} das Apelações das Ilhas mor^{or} na Rua/de S. Boaventura Freg^a das Mercês, Sebastião Joze Taborda/Solicitador de Cauzas morador na Rua do Arco da Graça Freg^a do/Socorro Manoel d'Araujo da m^a occupação Mor^{or} na Rua da/Gloria Freg^a de S. Joze, Joaquim Joze Correa tambem solicita/dor de Cauzas morador na Traveça do Adro da Igreja Freg^a da Pena Joze Joaq^m Victor da Gaia Off^{al} papelista morador na/rua dir.^{ta} das Olarias Freg^a dos Anjos pessoas conhecidas de/mim Tabelião q. dicerão ser Elle Testador o próprio aqui con/theudo q. neste Instrum.^{to} assignou e test^{as} depois deste lhes ser/por Mim lido e Eu Domingos de Carvalho Sotto Mayor Ta/belião Proprietário p^o de Notas nesta cid.^e de Lisboa e seu termo/pr. S.A.R.o Principe Reg.^e N.S.^{or} q. Ds. g.^e q. este Instrum.^{to} escrevy/Subscrevy/e assignei em p.^{co} e razo Lugar do signal p.^{co} = Em test^o da verd.^e = Domingos de Carvalho Sotto Mayor = Antonio/Angelo = Joze Bento de Azevedo e Sousa = Sebastião Joze/Taborda = Manoel Araujo = Joaq.^m Joze Corr^a = Joze Joaquim/Victor da Gaia =/

Abertura/

Joaq.^m Pedro de Mattos Prior da Parochial Igr^a de N.Sr^a da Encarnação de Lix^a Certifico q. em o dia 13 de Janeiro do prez.^e anno

de 1814 me foi apresentado hum papel festiado cozido e lavrado p^a/effecto de o abrir e abrindo-o com effeito achei ser o testam^o de /bacho de cuja Dispozição faleceu Antonio Angelo solteiro/em o dia 13 do dito mez e anno às 2 horas da tarde escripto/em seis Laudas entrando a approv. de papel sem borrão nem/da entrelinha Lisb.^a 13 de Janeiro de 1814 = O Prior Joaq^m/Pedro de Mattos ="

ANTT, Testamentos Livro 367, fl.67 v.a 69.

Doc. 60

1815

"Junho de 1815 - Aos dois Custodios de Mafra o 4^o Q.^{el} de 1808..... 44\$160/

Junho de 1816 - Despeza com duas capas que se comprarão aos dois Custodes da Real Basilica de Mafra..... 25\$600//"

AHMF, Casa Real XX-G-46.

Doc. 61

1815

"Serve este Livro de se lançar a despeza da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freg^a de Nossa Senhora da Lapa. Lx^a 27 de 7bro de 1815. Franc^o M^{el} Paes de Sande e Castro

fol. 17v. 1775 Idem pello q. emportou a Despeza que se fez com a Capella onde se poem a Imagem de Nossa S^a da Solidade, cuja despeza emportou segundo a conta do M^e Carpinteiro e Pedr^o e Brim para forrar a mesma Capella a q^a de 43\$000.

fol.33v - Pagou-se ao Armador Henrique Joze Monteiro feitio e Aviam.^{to} das Cortinas e Sanefas q. fez p^a as Capellas de N. Sr^a e S.^r Jesus como do seu rol pago pelo Proc.^{or} da Irm.^e M.^{el} Per^a Gondarem.....9\$600"

AISS-INSL, 1784.

Doc. 62

1835

"Aos quatorze de Abril de mil oito/centos trinta e cinco annos na Capella do Real Pa/lacio d'Ajuda que foi Curato da Patriarcal onde eu/Escrivão vim para em observância de hum Avizo espedido pela Secretaria do Ex.^{mo} Senhor Cardeal Patriarca/ao Ex.^{mo} Senhor Arcebispo Eleito de Lacedemonia Viga/rio Geral, em virtude de outra que pela secretaria d'Es/tado dos Negocios ecclesiasticos e da Justiça lhe foi diregi/do para o d.^o Antonio Joaquim Thomaz, Cura que foi da Santa Igreja Patriarcal fazer entrega dos Vazos Sagrados, paramentos, vestimentas e mais mobilia que servia/na d.^a Capella e Curato existente:

isto em datta de outo e/nove do corrente mez e anno; e logo pelo Referido
Escri/va forão dados a descripção os objectos seguintes/

CAPELLA-MOR

Huma Maquineta de vidro, que por estar fechada se/não sabe qual é a Imagem que dentro eziste, dizendo que/se persuade ser de Nossa senhora d'Ajuda = Hum docel/de Damasco branco e goarniçoens falsas = Hum altar com/pedra d'Ara = Duas Toalhas e Capas de Couro = Dois/Frontais de Damasco de ouro brancos e encarnados com/ Cruz no centro e Armas da Patriarchal nos Lados borda/das de Ouro e com guarniçoens do mesmo = Hum jogo de/sacras de pau dourado = Seis Castiças e hum Cruz de d.º d.º/Huma alcatifa e dois pedaços de panno verde = Hum orgão/de Machado de madeira pintada e dourada com sua/cadeira no corêto da Capella Mor = Duas Estantes huma/de pinho e outra grande de Madeira de fora com oito Livros/e hum Caderno de Coro = Dois bancos de pinho = Trez Cortinas Verdes = Hum Cruxifisso em frente da Capella Mor/no Cruzeiro da Igreja = Duas Cortinas e duas sanefas de Da/masco encarnado com guarniçoens falças das duas Tribunas do// mesmo Cruzeiro/

CAPELLA DO SACRAMENTO

Hum Retabulo da Conceição = Hum docel e espaldar incarna/do de Damasco e guarniçoens falsas = Hum Sacratio de pau dou/rado e por dentro forrado com duas cortinas pequenas de damasco/de ouro branco e guarniçoens finas e hum Corporal = As paredes/da Capella forradas de damasco encarnado incarnado e guar/niçoens falças = Quatro Reposteiros

de d.º com dita = O Altar/com pedra de Ara, duas toalhas, veio de seda e Capa de Couro/Quatro Frontais dois brancos sendo hum de lhama fina/e outro encarnado e Roxo de Damasco e ouro com guarniço/ens finas = Dois frontaes digo dois Toxeiros de pau dourados/Hum Alampedario com trez alampadas = Dois/bancos com incosto forrado de panno de Ras = Huma Alcatifa/e todo o pavimento da Capella ditta forrada da panno Verde/Duas Cortinas e huma sanefa de Damasco encarnado com goar-/niçoens falças/

PRATA

Hum Vazo grande de prata dourada = Outro dito e dito mais/pequeno = Outro ditto e ditto tendo só o pé Lavrado sendo de Pra/ta dourada =Uma Ambola com Caixa de Prata Liza =/Outra dita pequena com Caixa de Marroquim sendo de prata/Hum Vazo para lavatorio de Comunhão de prata Liza = Hu/ma chave de prata com sua fitta fina = Huma bolsa de da/masco branco e Galoens finos com hum Jogo de Corporaes e/Palla = Tres Pavilhoens, dois de vazo brancos, hum de damasco/ e ouro de Lhama bordado fino com goarniçoens dittas =/Dois Pavilhoens de Sacrarios branco e Roxo de Damasco e/Ouro com guarniçoens finas = Hum Purificador com prato/de vidro = Dois Ploviais Roxos de Lhama fina e branco de /Damasco e ouro com goarniçoens finas = Quatro Estollas Par/roquiaes, Roxa, Verde e encarnada de Damasco de Ouro e bran/ca de Lhama bordada de ditto com goarniçoens finas =//Hum Veo de Ombros branco de Setim com renda fina e Es/trelinhas = Huma pequena Lanterna de folha prateada =/Hum Espanador/

SEGUNDA CAPELLA DO LADO ESQUERDO

Hum Retabolo do Santissimo Coração de Jezus = Hum/Docel de Damasco encarnado e goarniçoens falsas = Hum altar com Toalha e Veo de Seda Verde/

CAPELLA DA BAZILICA

Hum Retabolo da Senhora da Piedade = Hum Espaldar/Docel de Damasco encarnado com goarniçoens falças = Duas/Cortinas e quatro Sanefas de dito e dito de duas Tribunas =/o Altar com pedra de Ara e toalha = duas sacras de pau/dourado = Dois Reposteiros de pano encarnado com galoens/de Retroz = Hum tapete velho e dois pedaços de panno Ver/de = Duas Lampadas de Latão = Duas Mezas de Cardencia/de pau pintado e dourado = Trez Frontaes branco, encarnado de lhama fina e verde de Damasco de ouro com go/goarniçoens finas = Hum Goardavento de pau preto à por/ta principal da entrada/

BAPTISTERIO

Hum Retabolo com o Baptismo do Redemptor por S./João = Huma Pia Baptismal de pedra Lavrada com/tampa de pau dourada e pintada/

PRATA

Huma Conxa = Hum Saleiro = Duas Ambolas e/hum pratinho tudo de prata = Hum Capuz de Setim/branco com renda fina//

PRIMEIRO ALTAR A DIREITA

Hum Altar de Santo Estevão = Hum Docel de Damasco/encarnado com goarniçoens falças = O Altar com Toalha e/veo de Seda Verde = Hum Jogo de Sacras de pau dourado/

SEGUNDO ALTAR DITTO

Hum Retabolo da Anunciação = Hum Docel de damasco encarnado com goarniçoens falças = O Altar com Toalha e/veo de seda Verde = Hum Jogo de Sacras de pau dourado = Se/is Castiçaes de d.º ditto/

TERCEIRO ALTAR DITTO

Huma Imagem em vulto grande de Santo Christo/com Resplendor de Latão dourado = Huma Cortina de/Seda Roxa = Hum Espaldar com Docel incarnado e goar/niçoens falças = Sette Cortinas grandes e piquenas = Oito sane/fas dittas e dittas = Dois Reposteiros tudo dito de Damasco/e goarniçoens = o Altar com toalha Pedra de Ara e Veo/de Seda Verde = Hum Jogo de Sacras de pau dourado =/Huma Cruz e quatro Castiçaes de Latão = Toda a Cape/la forrada de panno Verde, assim como o subpedanio dos/mais altares todos com panno verde = Douze Frontaes per/tencentes aos quatro altares sendo todos de Damasco: quatro/brancos, quatro encarnados e quatro Roxos com goarniçoens/finas, exceptuando trez encarnadas que tem galão falso/

SACRESTIA

Hum Retabolo da Senhora da Piedade = Hum Docel de/com duas Cortinas de damasco encarnado com goarniçoens/falças = o Altar com

duas Toalhas e hum Veo de Seda Verde em o inriour do mesmo depositada a Imagem de/Santa Veronica como se conste das inscripçoens que encon//Encontrão ao lado esquerdo do mesmo altar = Dois Castiças/= Huma Cruz pequena de pau dourada = seis Retabolos/digo Relicarios de bronze com pouco mais de hum palmo de/Alto, com seus vidros em forma de piramides = Seis Cai/xilhos de pau Talhado e dourado que disse tem Reliquias/dentro apresentando na frente os quadros da Natividade/da Annunciação, Apresentação e Vizitação Nascimento/e Fuga = Hum da Conceição e os mais das Dores = Duas guarniçoens de gavetoens de madeira de fora/com suas ferragens de metal amarelo contendo cada/hum dezoito gavetas com suas capas de panno encarna/do forrado com galoens de Retroz = Hum Caliz de prata/Lavrada com patena da ditta dourada em huma Caixi/nha de marroquim = Hum prato para Galhetas de prata/Liza = Cinco Cazulas de damasco branco, encarnado, Roxo, Verde e Preta, com goarniçoens finas completas = Hum/Veo de Calix de Seda branca com renda fina = Seis Al/digo Almofadas das Cores e qualidades das Cazulas, sendo/duas pretas e dittas goarnecidas = Duas dittas para a dura/ção do ditto encarnado e Roxo com goarniçoens falças/Trez Capas de Cruz Roxas, sendo duas de panno Catalete/bordado a Retroz e Prata com Galoens finos = Huma Cruz/de pau dourado processional com Cruzificio de Prata e/Titulo =Huma Estola de Velludo Verde digo preto e go/arnição fina = Huma manga de Cruz que foi do mes/mo Veludo com goarniçoens finas = Cinco Alvas com/renda = Quatro singulos, sete amitos = Dois Jogos de/Corporaes com palas = Douze Sanguinhos = Seis Manus/tergios

=Duas Toalhas para Altar = Duas ditas para/Lavatorio =Huma Caixa de Veludo Cramezim e goarnçoens finas para Hostias = Duas Caixas de Madeira de/fora, huma para Sal e outra para arrecadar sanguinhos/e manustergios = Dois Canudos de Folha para Hosteas/Quattro Missaes, trez Romanos e hum para Missa/de Requiem = Trez pares de Galhetas de Vidro = Huma//Huma Garrafa de Vidro branco = Trez Armarios, dois/de madeira de fora e hum de pinho com duas pia/nhas de pau dourado e pintado = Huma forma de Hostias/Outra ditta para particulas = Huma Thezoura = Hum/prato com Tinteiro, Areeiro e obriejro de Latão = Hum Resposteiro de panno encarnado com galoens de Retroz/

ALTAR EMEDIATO A SACRESTIA

Hum painel da Senhora das Necessidades = Hum Es/paldar e docel incarnados de damasco com guarnçoens fal/ças, o Altar com pedra de Ara e duas Toalhas = Dois/Frontaes de damasco encarnado e verde com goarnçoens fi/finas o primeiro e segundo de Retroz = Cinco Imagens de madeira a primeira da Nazareth de dois palmos de alto/com duas pequenas corôas de prata = Santa Margarida/de Cortona com trez palmos de alto com Resplandor e des/ciplinas de prata = Santo Antonio com menino com qua/quatro palmos de alto com Cruz, Resplandor e Corôa tudo/de prata = São Braz com palmo e meio de alto e maio/Corpo de S. Luis Gonzaga de dois palmos, ambos com su/as pianhas competentes = Hum Jogo de Sacras de papelão =/O Subpedanio do Altar de panno Verde = Hum geneflexo/rio forrado de damasco incarnado e com duas almofadas/do mesmo com

goarniçoens falças = Quatro Cadeiras, trez/todas de pau e huma com forro encarnado de damasco Ve/lho = Duas Escadas de Thezoura de pinho = Cincoenta e/oito Thoxeiros de ferro = Duas Mezas com suas gavetas/Trez Rituaes = Huma Meza coberta de panno encarnado/Trez Armarios de pinho pintados = Dois Moxos e hum/banco sem encosto e mais dois com dº = Dois Armarios/pequenos com suas gavetas tudo de pinho = Hum Ar/mario de pinho de pau preto = Muito differentes ob/jectos, ornatos e remates que compoe e ornão a mesma//Cappella que nella se achão E pelo mesmo Reverendo exCura o Padre Antonio Joaquim Thomaz me/declarar não aver couza alguma mais Respectiva e per/tencente ao Serviço do Extinto Curato na ditta Real Ca/pella, continuei o prezente Termo de Inventario, que em fé do referido assignou comigo. Francisco de/Paula Lemos que o escrevi e assigno. Francisco de Paula Lemos = O Padre Antonio Joaquim Thomaz/N.B. Os oito Livros de Muzica e hum Caderno/que estavão no Coreto e huma Alcatifa da/Cappella do Sacramento, levou o Thesoureiro Mor da Sé o Conego Guerra/Para a Igreja das Necessidades vierão seis Arrelicários grandes que estavão na sacrestia//"

AHMF, XX-N-35.

2. IMPRESSOS

Doc. 63

1549

"item assambradores he emtalhadores e Jmagynarios e todo ofiçiall que Emgimynado nom ffor de quallquer destes ofiçios nom podera tomar nem fazer as obras abaixo deçraradas (*sic*) e que se ao diamte nomearem e se for emgymynado de allgu dos ditos ofiçios nom huzara mais do que for emgymynado e a sua carta demgiminação o deçrarar (*sic*) sob a dita pena atras deçrarada (*sic*)

item primeyramente hu Retablo de qualquer maneira que seja asi de pedra como de madeira

item hu coro de cadeiras de JgreJas e de mosteiros

item cayxoes de samçristias (*sic*) e mesas de Refeytores e çasas (*sic*) de çapitolos (*sic*)

item grades de JgreJas e de naves e capelas he estamtes grandes de coro e portas de JgreJas e pullpetos de preguar

item foros de salas e damte çamaras (*sic*) e camaras guarda Roupas e oRatorios que se forão (*sic*) dartezoos e de mollduras a nosa arte e debuxo que se lavram com nosas ffarramentas

item hu esçritoryo (*sic*) hu caixaõ dourivez

item hu oRatorio e hua guarda Roupa e hua taçeyra e hua meza
e hu leyto de quallquer maneira que seJa

item hua çadeira (*sic*) de campo quebradiça ou Jmteira

item mais huas amdas de primçipes e de senhores pera caminhar

item mezas de comfrarias com seus Respalldos e emçostos (*sic*)
e asi cayxas pera esmolos de çonfrarias (*sic*) he emJenhos de lapidairos
he premças demprimydores e todas as outras peças que ao tall ofiço
pertemçem e se ordenam çada (*sic*) dia e se lavram ha sua arte e suas
faramentas"

in *Livro das Posturas Antigas*. Ed. da C.M.Lisboa, 1974. Nota prévia de Maria
Teresa Campos Henriques. Pág. 349.

Doc. 64

1572

"Cap. XXXV. - Do regimento dos Marceneiros

(fl. 129 a 134 vº)

Exame de Ensambladores

6.- E todo o official que se quiser examinar de ensablage faraa
hu painel de sete palmos de alto e cinco de largo e isto se entenderaa
cõ o quadro que teraa ao redor, o qual ocuparaa por cada parte meo

palmo e nelle faraa hua moldura cõ ceppos soltos muito bem feita e ordenada que ocupe tres partes de quatro de largura do caixilho:

7.- O painel grudaraa cõ grude de peixe que por sua mão faraa diante dos examinadores:

8.- Ornaraa este painel cõ duas columnas doricadas proporcionadas a altura delle. as quaes depois de torneadas estriaraa pela ordem que estrião as columnas doricadas:

9.- Item faraa um pedestral por baixo deste painel tão alto como he necessario para columnas de sete palmos cõ ressaltos saídos tanto fora que possam receber as columnas que em cima se pousarem, o qual ornaraa de muito boas molduras, cimalha, e vasa tudo muito bem resalteado:

10.- Encima das columnas faraa hu friso assi mesmo dorico cõ tegriphos bem compartidos, architrave, friso e cimalha e encima o frontispicio de modo que fique acabado e ornado o dito painel usando em todas as medidas da dita peça as regras da arte e fazendo tudo conforme a traça q estaa no principio deste regimento dando a cada membro sua devida proporção:

11.- Item faraa mais alem da sobredita peça alguns instrumetos per onde se conheça que os sabe fazer e ordenar - a saber - hua garloppa, o rebotte, hu guilherme, hu filharete, hu ceppo de moldura bem ornada:

13.- E o que se quiser examinar de imaginaria, ou esculptura de madeira, faraa hu Christo de tres palmos de comprido posto na cruz cõ seu calvario:

14.- Item faraa mais hua imagem de nossa Señora cõ o menino Jesu no colo, a qual seraa do mesmo tamanho do Christo lavrada toda em redondo:

15.- Nas quaes duas peças se mostraraa beleza de rostros, fermosura de mãos, boa ordem nas posturas, e boa inveção no panno e cabellos. As quaes peças quando fezer se lhe não consintiraa que tenha modello diante nem outra cousa algua per onde contrafaça:

16.- E tanto que assi tiver feito as ditas peças os examinadores mandarão chamar quatro officiaes imaginarios q cõ elles as veirão, e achando que tem as partes atras se apontão passarão ao dito official sua certidão para lhe ser feita sua carta como atras estaa dito:

Exame dos entalhadores

17.- E o que quiser usar de obra de talha faraa hu friso de quatro ou cinco palmos de comprido e hu de largo, o qual seraa ornado de romano muito bem ornado e no meo haveraa hu saraphim muito bem feito e de formoso rosto e em tudo conforme ao debuxo e ordenança que aquy vay:

18.- Item faraa hu capitel corinthio de hu palmo de diametro e altura seraa proporcionada a esta compartição. o capitel seraa ornado

de folhas e cauliculos muito bem feitos que se veja que em todas estas cousas ornão o capital sem cortar o viuo delle:

19.- Na ordem das folhas e compartição de todo o ornamento deste capitel guardaraa as obrigações corinthias q em tudo he conforme a este dissegno:

20.- Depois de feitas estas peças daraa conta per traça e pratica da proporção do capitel que fez traçando a planta e levantado delle, para o qual exame outrossi mandarão chamar os quatro officiaes como se conteem atras no exame dos ensambladores e esculptores. e dando o dito official boa conta de si lhe passarão sua certidão para lhe ser feita sua carta:

28.- E mandão que nenhu official dos ditos officios seja ousado a fazer obra algua que leve samago grande nem pequeno por ser grande engano. e o que o contrario fazer pagaraa mil rs a metade para as obras da cidade e a outra para quem o accusar, e lhe farão cortar a parte onde o dito samago for e tornala a fazer sem elle:

29.- Item mandão que todo o official q fez leitos nos galoees q grudarem nas barras ponhão seu prego"

Livro dos Regimentos dos officiaes da mui excelente e semp. leal cidade de Lisboa. Lisboa, 1572. ACML.

Doc. 65

1733

"¹²²As madeiras em que, pela mayor parte

trabalhaõ os Escultores neste Reyno de Portugal as figuras de mayor estatura, he o Bordo, que vem de fóra; e grande magoa faria senaõ viera em tanta abundancia, pois delle fabricaõ os Entalhadores toda a grandeza dos Retabolos, e Tribunas, com aquelle primor, que cada hora estamos vendo, e só em falta desta madeira se remedeaõ semelhantes obras com a de Castanho, que ha neste clima, ou com a de Pulça, que tambem vem de fóra; mas para o ministerio destas obras he o Bordo o que tem o primeiro lugar, pela duração e por ser melhor de lavar. Tambem vem de fóra o Cedro, Espeque, e Genipapo, que todas estas madeiras saõ boas de lavar, e as que mais usaõ os Escultores. O Cedro he madeira de que se podem fazer imagens de bastante grandeza, porém as que fazem de Espeque, e Genipapo, admittem nas figuras pequenas todas as miudezas, que lhe quizerem fazer. Neste Reyno temos o Buxo, que em toda a parte logra a primazia entre todas as mais madeiras, para se lhe imprimirem todas as filigranas, que lhe quizerem abrir, nem temos noticia de pao mais mocisso, nem mais incorruptivel. O Cypreste em lavrarse, quasi que imita ao Buxo, porém tem o inconveniente de ser nocivo para a conservação da vida humana o seu cheiro. Advirta-se, que os paos. que daqui para diante se forem nomeando, saõ os que se entende, que

delles se podem fazer Imagens, e os primeiros nomeados sempre iraõ sendo os melhores. A Larangeira, e toda a arvore de fruta de espinho, saõ paos de bastante duraçaõ, e lavraõ-se bem. O Loureiro tambem he bom pao de lavar, e dura. Pereira Brava he melhor, que a que dá fruto. Nogueira, Faya, Freixo, Sorveira, Amendoeira, Medronheiro, Macieira, Sereigeira, Ulmo, Ameixieira, Gingeira, a gallega he a melhor. De todos estes paos nomeados se podem lavar Imagens, e terem bastante duraçaõ. Outros muitos paos ha capazes de Escultura, mas por naõ nos dilatarmos tanto com os seus nomes, ficaraõ nas eleiçoens dos artifices. Naõ nomeamos aqui a madeira do Choupo, porque naõ sendo verde, naõ se pode lavar bem: nem fazemos mençaõ do Amieiro, porque supposto seja bom de lavar, tem muito pouca duraçaõ, por crear bicho, que logo lhe faz caruncho. Suppostas estas advertencias, que tocaõ às qualidades das madeiras, segue-se o principal, que he saberse em que tempo he mais conveniente fazerem-se os córtes destas, e de todas as madeiras das arvores, porque sem esta circunstancia naõ podem ter muita permanencia.

¹²³Vitruvio em o seu segundo livro, capitulo nono, diz, que o tempo em que convem cortar a madeira das arvores he, desde o principio do Outono, até ao principio da Primavera, e a causa porque naõ convem cortalla do principio da Primavera por diante he, porque as arvores começaõ a brotar, repartindo a força, e virtude, que tem em flor, folhas, e frutos. E cortandose neste tempo, como as arvores tem esparsida a potencia, e virtude em tantas partes exteriores,

naturalmente haõ de ficar os seus troncos menos condensados. Pelo contrario he isto no Outono, e Inverno, pela virtude, que lhe communica a terra pelas raizes, que naõ tem, que fortalecer, e sustentar mais que os troncos, sem repartir o sustento nas folhas, e frutos, por esta causa neste tempo haõ de estar os troncos mais solidos, e mocissos. Com propriedade vem para aqui as experiencias, que temos nos corpos humanos, que no Outono, e Inverno se experimentaõ com effeitos de dureza, e mais saude; e ao contrario no tempo caloroso, que este lhe ajuda a abrir os poros, por onde se recebem as enfermidades. Porém no Inverno, apertadas as carnes, corroborados os corpos, recebem mais saude, e forças.

¹²⁴Supposto este tempo dedicado para os córtes das arvores, todos os Authores, que fallaõ nesta materia dizem, que estes córtes se fação em o minguate da Lua, porque neste tempo tem as arvores menos humor, e está menos grosso, e quanto menos tem, menos sogeita está a madeira a podridaõ, que por naõ serem os paos cortados nesta sesaõ antes de envelhecerem, se consomem com o caruncho, que os come, e os desfaz.

¹²⁵Columela Author grave diz, que he conveniente fazerem-se estes córtes desde o dia vinte, até trinta da Lua, e Abegecio diz com outros, que se cortem do dia quinze, até vinte e dous da mesma Lua; mas seja em qualquer destes dias, sempre ha de ser em minguate, pois he cousa assentada entre todos os Authores. E os que mais entenderaõ

os seus effeitos dizem, que para estes côrtes serem melhores, e para que a madeira fique com mais pureza, conforme o conhecimento dos Astrologos, se ha de esperar, que se cubra a Lua com a terra, porque com a sua influencia se movem todas as plantas, e lhe leva atraz de si o humor, e por esta causa de força o haõ de ter as arvores so nas raizes, ficando-lhe os troncos mais puros, e solidos, e nestas horas seraõ melhores os côrtes. Alguns com a authoridade de Plinio dizem, que tambem se podem cortar madeiras em o mingunte de Agosto, e melhor será se o tal mingunte cahir em Setembro, (como de ordinario succede) isto se poderá entender se for muito preciso cortar neste tempo, Vitruvio (com quem se concordaõ muitos Authores) fallando nos melhores termos de cortar madeira, diz em seu lugar a cima citado, que chegado o tempo conveniente (que fica dito) na arvore, que se houver de cortar, se lhe dê hum côrte, que lhe chegue até ametade do coração, e se deixará sem se acabar de cortar, até que se seque; e a causa disto he, que por aquella ferida destilla o mau humor, e fica sem vicio, e menos corruptivel, porque cortada de huma só vez sem esta destilação, com mais brevidade se corrompe: exemplo disto se está cada hora vendo nos animaes, que quando os mataõ, se os não sangram bem, ou se os affogaõ, apostema-selhe o sangue no corpo, e a carne de pressa se corrompe, e apodrece; e se a hum animal o sangraõ exaurindolhe todo o sangue, mais tempo se lhe conserva a carne incorrupta, e melhor cheiro tem.

¹²⁶Depois de cortada a madeira, he muito importante, que se saiba conservar até estar toda seca, que nisto vay quasi tanta importancia à de se saber cortar, e para isso se guardará a ordem seguinte. Logo que se acabar de fazer o córte na arvore (como fica dito) se lhe tire a casca, e se ponha em parte donde esteja livre de muitos, e maos ventos, da chuva, e do Sol, porque estas tres cousas lhe fazem muito prejuizo, e damno. A madeira, que ainda estiver verde não convem (em quanto assim estiver) que se obrem della figuras, porque tem o perigo de se abrir em rachas, que for secando, e depois de desbastada, quando se for entalhando, ao tempo de secar vay abrindo, pois não tem já tanta firmeza para resistir, porque de repente lhe falta a humidade, que lhe reprimia, e conservava a uniaõ dos veyos. A este proposito me ocorre huma razaõ, que he muito natural, e conveniente advertirse, para a conservação da madeira, no tocante a fazer escolha das arvores, que se quizerem cortar para o ministerio da Talha, ou Escultura, e he que as arvores, que se criaõ em os altos, e ladeiras, naturalmente haõ de ser os seus troncos mais condensados, e solidos, que os das que se criaõ em os valles, ou junto a lagos, porque estas de força haõ de ter mais humidade, e seraõ menos condensadas, e de menos duraçaõ, pois a demasiada humidade as faz corromper mais de pressa. E pelo contrario as arvores, que se criaõ em ladeiras, que a sua madeira com a falta de humidade, he mais dura, e terá menos corrupçaõ, ainda que sejaõ mais tardias em criar. Isto se vê claramente na fruta de regadio, que em breve tempo se corrompe, e he menos

saborosa. Outra circumstancia se deve advertir na escolha das arvores, que são os sitios, e as terras da sua creação, porque aquellas que estiverem ao Meyo dia, não serão tão condensadas, como as que estão ao Norte: he opiniaõ de Vitruvio, Plinio, e graves Authores."

Artefactos Symmetricos e Geométricos. Pág. 64 a 67. (Vd. P18)

Doc. 66

1775 (?)

"Defronte da Real Effigie, quazi junto á extremidade do Caes, se formou huma grande Torre e suposto hera de madeira e para breve duração; os seus fundamentos mostravão grande estabilidade: e o bem matizado e fingido de suas pedras afiguravão construida desta matéria. Principiava por hum solido alicerce fabricado de boas, e bem engradadas Vigas, na flor da Terra era redonda, cuja circumferencia exterior tinha 364 palmos; para ella se entrava por quatro magnificos Porticos (que no interior formava hum cruzeiro) adornados de grossas columnas, que sustentavão a architectura superior: entre os quatro vãos entremedios se vião quatro figuras de fingido jaspe, e ordinária Estatua humana.

Erão estes a Magestade representada em huma Mulher com vestidos Regios meyo rosto velado, e na mão a letra *Obtemporati vigi vigilante fides*.

A monarchia Luzitana figurada em outra mulher Coroada, e vestidos ricos. A fecundidade perpétua representada em outra mulher Coroada de louro, e hum sesto de Pombos; e o Contentamento publico demonstrado em hum Campones mancebo, que na mão direita tinha um Espelho, e na esquerda hum sesto de fructas.

Muito mais interior daquelle prumo em que jogava a primeira bateria sobia outro Corpo tambem de colunas proporcionalmente mais piquenas, de diferente architectura, e cór; as quais segundo os preceitos da Arte sustentavão huma Cupula, em cujo circulo se vião quatro Artes, figuradas em vultos humanos, que por suas divizas se davão bem a Conhecer; estava a Pintura com o debuxo na mão; a Mathematica com a Esphera; a Providencia com o Leme e o Negocio com o Caducêo de Mercúrio. Sobre a cupula se figurava o Deus Apolo em hum Mancebo nú todo dourado, cercado de hum resplendor do mesmo modo; tendo na mão esquerda o septro com a figura do Sol sobre elle mostrando, que dali nascia; e aos péz o alaúde. Para esta torre, que no centro formava hum Cruzeiro bem pintado se subia por humas escadas, que occultavão humas fingidas portas, e dirigião pela groçura da apparente fortificação que ao todo tinha 450 palmos de alto e capacidade para receber muita gente."

Referindo-se aos festejos do dia 7 de Junho de 1775, continua o referido jesuíta:

"A Torre depois de fazer várias vistas de fogo artificial com perfeição, rompeo no destrondo, com tal excelencia e abundancia, como nunca se havia visto em Portugal ainda a respeito do tempo da duração: depois do qual ficou iluminada para o resto da noite".⁵

Doc. 67

1780

"Do Altar, e sua preparação.

Divide-se o Altar em fixo, e portatil, que são os dous, de que hoje se usa na Igreja. Altar fixo, ou immovel he aquelle, que tem a meza de cima toda inteira, de huma só pedra, firmada sobre outras pedras, ou sobre madeira. No caso que se desffça este Altar, perde a sua sagração, ainda que a meza se conserve inteira; porque na conjunção, que tem com a base, que a suatenta, especialmente se consagra: por isso deixa de ser sagrado, separando-se (1), ou partindo-se a tal pedra pelo meio (2), ou quebrado-lhe alguma parte notavel, de sorte que o que fica, não tenha a extensão devida ao Altar (3), ou perdendo o sello das Relíquias, ou se este quebrar (4).

Altar portatil, ou movel he aquelle, que se move, e leva de huma para outra parte: chama-se regularmente pedra da Ara; e de pedra

⁵ Vd. PEREIRA, Angelo. *A inauguração da estátua equestre*. Pág. 21 e segs.

deve ser, segundo o Direito commum: segundo o costume, ha de ser quasi quadrada; e segundo a Rubrica do Missal, será de grandeza, que caiba em sima della a Hostia, e o Calis (5); mas as das nossas Igrejas têm todas mais largura, para que nellas se possam accommodar bem a Hostia, Calis, e Pyxide. Por muitas razões deve estar sempre cuberta com hum encerado de linho, bem cozido por todas as partes, mettida no meio da planicie do que lhe serve de base, algum tanto mais levantada, para que o Sacerdote conheça a sua capacidade, e limites, e de modo, que não diste da frente da mesma base mais que huma mão travessa. Também deve ser inteira, e não ter pedaços, mas ainda que quebre, pôde servir para o Sacrificio aquella parte, que conservar grandeza sufficiente para receber a Hostia, e o Calis; porque essa não perde a sagração, a qual não requer certa figura, mas só proporcionada extensão (6). Duas pedras juntas, ainda que estejam unidas, de nenhuma sorte podem servir para nellas se dizer Missa, porque seria fazer hum Sacrificio em dous Altares. se ambas fossem capazes, ou sem Altar, se nenhuma dellas tivesse a devida capacidade.

O comprimento, e largura dos Altares não se ha de deixar ao arbitrio dos Officiaes que os fazem; mas devem regular-se pelo que commummente ensinão os Authores, segundo os quaes hão de ter os ordinarios dez palmos, ou pouco menos, de comprimento; de largura quatro, ou sinco, ou ao menos tres e meio; e de altura, não menos de quatro e meio: o mór ha de ter de comprimento doze palmos. e de largura sinco, ou ao menos quatro (7). (...)

Em todos os Altares haverá uma banquetta, ou degrão, sobre que se ponhão os castiçais com velas: no mor seis, nos mais ao menos dous, excepto aquelle, em que estiver o Sacratio com o Santissimo, que deve ter ao menos quatro. Todos hão de estar sempre muito limpos de pó, e cêra; as velas muito direitas, e com igualdade: quando humas forem mais baixas que outras, estejam as mais altas junto da Cruz, que deve haver no meio delles tão elevada, que o seu pé os iguale na altura, e todo o mais restante lhes fique supereminente.(...) porque o Crucifixo, que se requer, ha de ter, e estar de tal modo, que facil, e commodamente o vejão o Celebrante, e povo: occupando porém algum Crucifixo grande o principal lugar do retabulo, de sorte que nelle se manifeste aos fieis, não he necessário que na banquetta haja outro (...)

Conforme a Rubrica do Missal já citada, os seus Expositores, e o que se colhe dos Sagrados Canones (15), deve o Altar estar coberto com tres toalhas de linho, além do Corporal; das quaes a superior ha de ser tão comprida, que depois de cubrir toda a meza, desça pelos dous lados della até quasi tocar no chão, e tão larga, que comprehenda toda a planicie da mesma meza.(...)

Tambem hão de estar os Altares ornados com frontaes da côr conveniente á reza do dia, pregados, bem estendidos, e muito direitos. Estes frontaes podem ser de seda, lã, couro, páo, ou pedra; pois o Direito não lhes determina a materia, e de toda a sobredita se usão. Na

sua face, e em volta não deve permittir-se moldura levantada, ou de talha, porque a prohihe o Ceremonial Romano, e commumente a reprovão os Authores: bem se pôde porém permittir, sendo moldura liza que não prejudique as vestes sacerdotaes. Na parte inferior será bem que tenha a dita moldura pregada no taburno suppedaneo, ou estrado de madeira, que em cada Altar deve haver, da altura de hum palmo, pouco mais, ou menos, e da largura de quatro, mais comprido alguma cousa, que o Altar todo. (...)

Bem no meio da planicie do Altar, detrás da pedra da Ara, encostada á banquetta, junto da Cruz, deve pôr-se huma tabella grande, com as palavras da consagração, e o mais que costuma ter: da mesma sorte se porá huma mais pequena no fim do lado do Evangelho, com o de S. João; e outra no fim do da Epistola, com o Psalmo *Lavabo*: chamão-se regularmente *Sacras*: devem andar sempre muito limpas, e bem capazes de se lerem. Tambem no lado da Epistola se ha de pôr huma almofada para o Missal, da côr conveniente á reza (...)

Para todos os Altares deve haver huma credencia em hum dos seus lados, ou hum nicho da cada uma das suas partes, em que se ponha hum prato com as galhetas, e colherinha, que nao ha de andar dentro do Calis; outro com o manustergio, que não ha de pender do Altar; e a campainha, que não ha de estar no chão. Na parede haverá huma escapula, em que pendure hum abanador de seda para enxotar as moscas no tempo do Verão. Ao pé do Altar, da parte da Epistola, ou

onde fizer melhor commodidade, ha de estar hum algidazinho branco para se deitar a agua do lavatorio das mãos: nelle póde andar o instrumento de espevitar, e apagar as vélas; mas tanto huma, como outra cousa se limpará muito bem todos os dias. (...) os catiçaes com vélas, tanto para o Officio Divino, como para a Missa, devem pôr-se na banquetta; e na mesma entre elles os vasos com flores, ou os ramos. Quando a Communiidade estiver no Coro rezando as Horas Canonicas, ou algum outro Officio, não se deve dizer Missa no Altar mór (19); no qual se dirão sempre as Conventuaes, e as cantadas: das rezadas particulares só se dirão nelle aquellas, para que houver Acolytho de Sobrepelliz, em maior reverencia do Augustissimo Sacramento, que nelle costumamos ter."

Mestre de Cerimónias que ensina o rito romano e seráfico aos religiosos da reformada e Real Provincia da Imaculada Conceição no Reino de Portugal.
Frei António de S. Luiz, Lisboa, 1780. ANBA LL-3-2.

Doc. 68

1796

"Correndo assim alternadamente ornada toda a plate-banda, desde um, e outro lado do pórtico até topar na galeria da Real tribuna.

¹⁶Esta, o seu palanque, e camarotes da familia, tudo erigido no centro opposto a'quelle pórtico, tinha de frente cento, e um palmos; de

altura secenta e um palmos e trez decimos. Todo este corpo, como tambem a trincheira, a elle respectiva, destacava para diante da linha dos camarotes, adjacentes a ella, e por sima do palanque, trez palmos.

¹⁷Este palanque foi feito pela mesma forma dos outros, porem de madeira escolhida, e plainada; a sua trincheira tambem se differençou das outras em ser coberta de panno, e a pintura, que n'elle se fez, foi mais bem trabalhada, e mais bella.

¹⁸Sobresaía do mesmo palanque uma galeria de trez ordens de camarotes, com a Real Tribuna em meyo; vindo a ficar quinze camarotes a um lado, e quinze ao outro da mesma tribuna: esta se formou de architectura da ordem jonica, e a galeria de architectura a capricho.

¹⁹Este magnifico frontespicio se construiu de quatorze páos de prumo, ou pés direitos, fingindo pilastras; plantados em igual distancia de seis palmos, e trez decimos; e ficando sette em cada lado de um vam, que havia no centro com onze palmos de largura.

²⁰Entre os dittos quatorze páos de prumo deve haver treze vaons, dos quais tirados cinco para cada lado, devem restar no centro os trez, que tinha a Real Tribuna, um dos dittos onze palmos, no meyo de dois de seis, e trez decimos, como tambem vai ditto; completando as grossuras des pés direitos de mesmo centro os vinte e cinco palmos, que ella tinha de frente, Constava o seu alçado de quatro columnas torneadas perfeitamente, as quais com suas bases e pedestaes

assentavam em quatro represas magnificamente entalhadas, e pintadas, com seus ornatos doirados; e pregadas debaixo da sacada de trez palmos, mencionada em o numero 16.

²¹As mesmas columns fingiam na cor azul, de que eram pintadas, uma rica pedra: os seus capiteis, e as suas bases, tudo era doirado fino: por sima d'estas peças corria a architrave, e simalha da mencionada architectura, fingindo tudo na pintura pedra de varias cores com admiravel perspectiva.

²²Sobre a simalha cobria um grande pavilham em vulto a toda a referida obra; e era dividido em trez claustros, em symmetria com os trez vaons, ou trez janelas da Real Tribuna, por quatro quartelas em symmetria com os quatro pés direitos: estes formavam em baixo cada seu rolo, sobre que assentava um genio doirado, tomando todos quatro cada sua safronada de flores, que pendia de outro rolo, que cada quartela fazia tambem em sima, e sobre que corria a simalha do mesmo pavilham.

²³No meio da claustra de diante, como mais larga, havia mais dois genios abraçando-se, com sua galanteria, e graça. O mesmo pavilham era pintado preciosamente, porque parecia feito de damasco carmezim; e com as dittas quartellas, e seus genios, tudo doirado, concorria a fazer esta obra digna do ministerio, a que servio.

²⁴Sobre o pavilham assentava uma almofada do mesmo artificio, e em sima uma coroa imperial. O que sobre isto aparecia depende da

descriçãam, a que passamos; com ella concluiremos, o que ora fica em suspenso.

²⁵A mencionada galeria formava a vista, com a divisam referida de pés direitos, cinco camarotes; a cada lado; e d'estes uma ordem no mesmo pavimento da Real Tribuna; e terceira pouco mais elleuada, que trez palmos sobre a ordem superior de camarotes de todo o amphitheatro: porem interiormente se repartiram uns mayores, outros mais pequenos, conforme as applicaçoes, que tiveram.

²⁶O exterior da mesma galeria era summamente magnifico, e engraçado; porque todas as trez ordens de camarotes se dividiam por sua simalha, singida pela mais bella perspectiva, com trez galantissimas reprezas em cada pé direito; uma na frente a sustentar a simalha; e duas aos lados, nos angulos de cada um dos vaons, a fegurar o architrave da mesma simalha de cada uma das trez ordens mencionadas.

²⁷Os dittos cinco vaons, ou janelas, todas tinham seus parapeitos, ornados de fastoens de pannos, na terceira ordem d'ellas; e de fastoens de flores na segunda ordem; sendo uniforme este ornato nas trez janelas da Real Tribuna, que corriam no mesmo nivel (numero 25.) Os da primeira ordem, como serviam de encosto ao banco mais alto do palanque, eram de pintura mais ordinaria, mas essa mesma, bella, e perfeita.

²⁸Havia por cima da mesma galeria uma simalha geral, com sua plate-banda, dividida por outros tantos pedestaes, quantos os pés direitos; e topando esta no pavilham descrito sobre a tribuna (número 22.) Levantava a simalha particular da mesma plate-banda um timpano em volta do mesmo pavilham, excedendo na sua altura a coroa mencionada: sobre elle assentava uma base, a qual completava sette palmos da ditta altura, e n'ella um obelisco, de vinte e um palmos e meio de altura, maravilhozamente adornada com vario artificio, e principalmente duas fastonadas de flores, de que pendia uma cifra, no meio da altura do mesmo obelisco, com as letras J. C. , iniciaes dos Nomes dos Serenissimos Senhores Principe, e Princeza do Brazil: No alto do obelisco um formoso sol, em altura do cham noventa palmos. Este o magnifico remate, que adornava a tribuna, e o centro da mencionada galeria.

²⁹Sobre os pedestaes, que dividiam a plate-banda, a qual era de grilhage d'ornato, bellamente fingida pela pintura, servia de remate à mesma galeria uma figura em cada um, a saber: nos dois primeiros de fóra dois homens d'Armas, com seu broquel na esquerda, e uma lança na direita; nos segundos, e quartos, tropheos d'armas: nos terceiros, e quintos, cada seu genio em pé, em ar de brinco, levantando na mam esquerda, uns, coroas de flores; outros, palmas; e tomando todos com as maons direitas certas fastonadas de flores, que pendiam d'aquellas coroas e palmas.

³⁰O sexto pé de prumo, que vinha a ser o exterior em um, e outro lado da tribuna, se coroava com o dragam das Reaes Armas Portuguezas, em aççam de olhar para os lados exteriores. Os settimos pés de prumo, que subiam de entre as janelas da tribuna, sustentavam dois gigantes armados, dobrando os joelhos do centro, como em adoraçam a'quella cifra dos Nomes Augustos, a quem pareciam defender na aççam das espadas, que empunhavam.

³¹Armaram se, a tribuna, e camarotes d'esta galeria, com as cazas interiores na forma seguinte: o tecto, e paredes da mesma tribuna se cobriram de setim carmezim, bordado de oiro, e as Armas Reaes das cores d'Armaria competente, collocadas no seu lugar: a cada lado d'esta caza seu aparador coberto de veludo carmezim lavrado: d'este mesmo eram as sanefas, e cortinas em cada uma das portas, que eram trez; a da entrada; outra do lado direito para o camarote do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva, Estribeiro mór, que em razam de Officio, estava immediato a receber, e a participar á Praça as Ordens de Sua Alteza Real: e outra porta ao lado esquerdo para o camarote das Illustrissimas, e Excellentissimas Senhoras Camareiras-móres, e Damas: As trez janelas da mesma tribuna se ornaram de sanefas, cortinas, e cobertores, de veludo lavrado carmezim, e tudo guarnecido de galoens, e franjas de oiro. O cham se cobrió com uma boa alcatifa d'Arraz"

Memorias Históricas do Serenissimo Senhor Don António Príncipe da Beira, 2ª parte. Ignácio de Sousa e Menezes. Lisboa, 1796. BN HG17.468V/HG5911P

Doc. 69

1812 (?)

"BADAMES. São instrumentos de cortar, especialmente em madeira: os carpinteiros he que dão mais uso a este utensilio, que tem quatro faces paralelas, duas largas e outras duas menores. O seu gume he no fim de huma destas partes mais estreitas. Na Escultura de madeira não tem uso; na de pedra sim, bem que raras vezes, e para a de bronze não tem uso algum. Os que são para cortar em madeira tem seu cabo, ou manipulo de madeira: os que são para cortar em pedra não tem este adjunto, e são como os ponteiros, e escopros. Vide *Escopro e Ponteiro*.

BROCA. As *brocas* são huns utensilios de cortar a pedra, o seu movimento he retrogrado, cortando para huma, e outra parte igualmente, por meio de outra peça que se denomina *Armas de Broca*. Vide A. Estes utensilios tambem ás vezes tem uso por si sós, sem as ditas Armas. Não he só na Escultura de marmore que servem. Os canteiros ornatistas, os Latoeiros e Serralheiros tambem usão deste instrumento, posto que com algumas pequenas differenças.

ENXÓ. He hum utensilio de que principalmente usão os carpinteiros: tambem na Escultura de madeira tem bastante uso, principalmente em seu desbaste. He composto de huma chapa de ferro calçada de aço no lugar do seu córte: o seu feitio he á maneira de enxada, operando na madeira de modo que a enxada na terra: mas o seu cabo he curto, e terá de comprido só palmo e quarto.

ESQUADROS: São huns instrumentos de madeira destinados a traçar angulos rectos nas peças, que delles precisão para se trabalharem.

FORMÕES: São utensilios de cortar em madeira: são como humas chapas de polegada e meia de largura (posto que os ha mais estreitos:) o seu gume he no fim: são calçados d'aço, e tem cabo de madeira.

GOIVAS: São utensilios de ferro calçados d'aço até o meio, para dahi para cima dar lugar á espiga, que entra em seu cabo de madeira. São do feitio da terceira parte do circulo de tubo; cujo feitio conservão tambem até o meio, assemelhando-se muito ás telhas dos nossos telhados, bem que em ponto pequeno. As *goivas* são de duas especies; *direitas*, e de *releixo*: as *direitas* tem o seu corte, e gume pela parte convexa; as de *releixo*, pela concava; por isso são mais encorpadas para dar lugar ao releixo que lhes faz tomar corte retrogrado. Servem a Escultores,

Entalhadores, Marcineiros, e Carpinteiros; e são de vários tamanhos.

GRAMINHOS: São utensílios, que servem para o trabalho da madeira: delles usão com mais frequencia os Sembladores, e Carpinteiros: mas como estes se empregão muitas vezes em preparar peças para o trabalho de Escultores, e Entalhadores, por isso tem aqui lugar a difficil demonstração deste instrumento. O *Graminho* pois, he construido em huma taboa de tres quartos de palmo, em comprimento; seis decimos de largo; e hum de grosso.

He atravessada em sua grossura, com dois furos quadrados para entrarem nelles duas espigas igualmente quadradas; as quaes devem ser moveis, mas tão apertadas em seus encaixes, que se não movão se não por effeito huma da outra, pouco mais de um decimo de palmo; e nataboa que elles atravessão deve haver um furo chato, que penetra toda a sua largura, para receber huma cunha, que ou rosse (no interior) nas taes espigas, para apertallas mais. As ditas espigas, nos seus tôpos superiores tem ponteiros de ferro agudos, voltados hum contra o outro para as testeiras da referida taboa, para poderem imprimir na madeira os traços, que este instrumento encaminha. As espigas, que entrão na taboa, e contem em si os ponteiros de riscar, terão palmo e decimo de comprido, p. m. ou m.

IUNTEIRAS: He utensilio de que usão Carpinteiros, Marcineiros, e Sembladores. E por isso não alheio em hum Dicionario d'Escultura; visto que estes ultimos operarios muitas vezes semblão madeira para Escultura desta materia. He pois a *Junteira* hum utensilio, que deve construir-se de páo compacto, e pezado: v. g. carvalho, sobro, &. Tem de comprido 4 palmos ou mais ad *libitum*: e de largo meio palmo na sua maior largura, que he no meio; e para os extremos ambos diminue. De grosso terá quasi 4 decimos. Do lado esquerdo, (que he onde se encostao dedo polegar da mão direita, quando se trabalha) he todo plano. No meio he que se lhe põem o ferro calçado de aço, com que ha de cortar; e este ferro he collocado deste mesmo lado, em que se encosta o dito dedo. Este lado he aberto no meio, para a introducção do ferro e cunha, que ataca o mesmo ferro. A' sahida do ferro para operar, tem hum rebaxo da largura do corte do mesmo ferro, e formado em angulo recto.

LIMAS: LIMAS CHATAS: LIMAS FACAS: LIMAS DE TRES QUINAS: LIMATÕES; e LIMAS MURSAS. Todas tem varios tamanhos á proporção do mister, em que se empregão. As *chatas* do seu meio para a ponta (assim como todas) vão estreitando: e os seus lados são de igual grossura. As *facas*, da-se-lhe este nome por serem á imitação do tal utensilio domestico. As de *tres quinas*, porque dellas constão: servem para apontar

serras e outros usos. Os *limatoens* são redondos. a feição de bastoens; servem para aperfeiçoar, ou augmentar furos. As *mursas* são de picadura finissima; e servem de certo principio de polimento.

PLAINA: As *Plainas* são utensilios propriamente de Carpinteiros, que lhes servem commummente para alizar o taboado, tirando-lhe aquella especie de caréppa, que lhe fica da serragem; e tem alguns outros usos. As *Plainas* tem de comprimento hum palmo: de largura, e altura em seu meio 4 decimos; e nos extremos diminuem algum tanto em altura. São furadas de alto a baixo: cujo rompimento he em esquadria; e não penetra a peça toda, se não cousa de centesimo e meio.

O dito rompimento principia cousa de decimo e meio atraz da sua frente; e no principio deste rompimento se eleva huma pequena porção da própria madeira á feição de hum *C*, para na parte concava de *C* encostar o dedo polegar da mão esquerda, para guiar-lhe a direcção. Na referida abertura se introduz hum ferro calçado d'aço, cujo ferro tem de comprimento três quartos de palmo, com a largura dos quasi toda a peça; porque no assento deste ferro he que sahe o gume, que faz o effeito de cortar; e este ferro é atacado ao total da peça com huma canha de madeira. E como as vezes tem prestimo no apparelho da Escultura em madeira, isto lhe dá logar neste Diccionario.

PRUMO: He huma pequena peça de chumbo do feitio de huma *piramide quadrilatera*, atada em sua extremidade superior a hum cordel, ou linha grossa; de cujo utensilio se servem os Escultores para equilibrar ou *prumar* as suas figuras.

REBOTE: Vide=*Plaina*. Este utensilio de cortar em madeira tem uso muito semelhante ao da *Plaina*; mas não pôde (como aquella) operar em superficies, que não sejam como as d'agoa estagnada. Elles costumão ter palmo e meio de comprimento, p. m. ou m. No principio tem uma elevação da propria madeira, e em ar de ponte, em que pega a mão direita para guiar-lhe a direcção, &. Tem lugar neste Diccionario pela mesma razão que tem a *Plaina*.

Diccionario Arrazoado ou Filosofico d'alguns termos technicos pertencentes à Bella Arte da Escultura. Joaquim Machado de Castro.

ANBA, XX-8-21.⁶

⁶ Vd. P19.

Doc. 70

1855

"Para completar a serie de photogravuras que hoje offerecemos aos nossos leitores sobre a secção portugueza na exposição universal de Anvers, não podiamos escolher melhor do que uma gravura representando a fachada principal de toda a exposição, e que dá a mais perfeita e completa ideia do aspecto pittoresco d'este grande certamen internacional.

"Há pouco mais de um anno e meio alguns negociantes de Anvers, orgulhosos do desenvolvimento e da belleza da sua cidade, conceberam o projecto grandioso de convidar a Europa, o mundo inteiro, a vir admirar a sua metropole commercial, que se metamorphoseou em menos de meio século, sendo hoje o primeiro porto do continente europeu.

"Este projecto devido apenas á iniciativa particular, foi realizado com uma prontidão verdadeiramente maravilhosa attendendo a que todas as exposições universaes exigem annos e annos de preparativos. Nos fins de junho de 85, depois de vencidas enormissimas defficultades, todos os trabalhos estavam concluidos, occupando a Induatria e Annexos um espaço de 220.000 metros quadrados.

"Todas as nações da Europa se fizeram representar; só Portugal esteve um momento para não apparecer, como já não appareceu na exposição de Amsterdam. Mas Pinheiro Chagas, illustre ministro da

Marinha, tomou a peito uma exposição das colónias, e graças a elle Portugal figura brilhantemente em Anvers. Mas na Exposição quem figura em primeiro lugar é a França que só à sua parte occupa um quinto da superficie total, contando para cima de 2,000 expositores.

"Os expositores belgas attingem um número de 2.400. A galeria das machinas offerece um bello espectáculo; é illuminada a luz electrica. Está construída sobre os alicerces da antiga cidadella do duque d'Alba, o terrível representante de Philippe II de Hespanha. A sciencia brilha portanto no mesmo sitio onde se elevava outrora um dos mais sinistros monumentos d'opressão e de tortura. Por toda a parte a civilização humana prossegue na sua grande obra."

"Somente em dez annos Anvers modificou-se consideravelmente. A cidade estende-se em todas as direcções; e já se observa que é insufficiente a largura de 60 metros dada ao novo caes, que tem uma extensão de 3,500 metros. Às velhas construcções da idade média, succedem-se bellos e magnificos palacios, e as fortunas augmentam em proporções collosaes.

"Chegando pelo mar, os grandes vapores podem directamente abordar ao novo caes onde vem dar um caminho de ferro, e uma serie de guindastes hydraulicos operam immediatamente as descargas. A difficuldade estava em obter um sufficiente tirante d'agua para permittir aos grandes navios d'abordar aos caes. Os engenheiros belgas resolveram o problema apertando o leito do rio Escaut. O caes é o testemunho da sua lucta e da sua victoria sobre o rio. O que foi

necessario empregar de sciencia, de tenacidade, de arrojo, de coragem, não se descreve. Mas o triumpho foi completo, e Anvers graças aos seus melhoramentos maritimos é hoje a primeira cidade comercial do norte.

"...Como nos sentimos tristes ao escrever estas palavras lembrando-nos do que Lisboa podia ser, as riquezas de commercio, de navegação, de industria que podia chamar a si, se um governo patriota comprehende-se a necessidade de melhoramentos no porto. Lisboa podia ser no sul, tão rica como é Anvers..., Lisboa com os melhoramentos do porto podia ser a cidade mais florescente da peninsula iberica. Assim o entendia António Augusto d'Aguiar. E como assim o entendia e assim o queria executar, porque é um patriota e um homem de genio, a politica convidou-o... a sahir do ministerio! Quando deixará Lisboa de ser um cortiço de galopins eleitoraes, para se transformar n'uma cidade commercial e maritima, deante da qual se abrirá o mais bello e mais risonho futuro!...

"Olhem para a nossa gravura e digam-nos se não é triste e desconsolador ver que ainda não ha elementos em Lisboa para tambem construir um palacio assim, para provar ao mundo civilisado que tambem ali se trabalha de coração e d'alma para o bem estar do povo, para a prosperidade e para a gloria do paiz.

"Em dois annos seguidos, dois pequenos paizes - a Hollanda e a Belgica - assombraram a Europa com os productos da sua intelligencia

e da sua actividade. Cabe agora a vez a Portugal de mostrar à Europa o que é e o que vale..."

PINA, Mariano. *A Ilustração*. Vol.II. Paris, 1885. Pág. 227.

Doc. 71

1885

"As exposições são as batalhas da paz. Um país que expõe realiza sempre uma conquista, tanto mais dominadora, tanto mais proveitosa, quanto mais cuidados, escolhidos, aperfeiçoados, foram os produtos expostos. É uma invasão pacífica, toda de competência, civilizadora, uma pugna renhida de que só resultam benefícios e affetos para os adversários.

"A expansão económica dos povos reclama que o commercio e a indústria divulguem, universalizem, os seus processos, e é dessa implacável exigência que nascem os inventos e as invenções: que o espirito humano trabalha insistentemente; que as coisas creadas se aperfeiçoam; que um determinado produto hoje desconhecido é amanhã do dominio de todos, enriquecendo quem o descobriu e ainda todos os intermediários por onde passa; que se utilizem objectos desprezados durante séculos constituindo de súbito inexauríveis fontes de prosperidade; que se criem ramos na indústria, tão remuneradores e pacíficos que fazem uma revolução completa na economia de um país e até às vezes na do mundo; que a concorrência, o mais poderoso dos estímulos, se arvora na mais colossal e irresistível força.

"Não são antigos os certames industriaes e commerciaes. O primeiro, digno desse nome, effectuou-se no século XVIII, em 1791, em Praga.

"A França copiou immediatamente esse extraordinário melhoramento, e Paris, no tempo do Directório, iniciou a série de concursos que tanto brilho e opulência outorgaram à populosa metrópole.

"De então para cá as exposições succederam-se ali dentro de períodos muito curtos, sendo a última, a de 1900. Além destas houve três em Londres, em 1851, 1862 e em 1874; a de Vienna de Aústria, em 1876, a de Sydney, 1870; a de Melbourne, 1880; a de Amsterdam, 1883; a de Antuérpia, 1885; a de Nova Orleans, 1886, a de Barcelona, de Copenhague e Bruxellas, em 1888; a de Chicago, em 1893, a de Bruxellas em 1897 e finalmente a de S. Luiz, em 1905. Portugal não podia fugir a este contágio de progresso e civilização e celebrou a exposição internacional do Porto, em 1865; a de arte ornamental, 1882; a de Cerâmica no Porto e a de manufacturas, em Coimbra em 1883; a agrícola, em Lisboa, 1884; a colonial, em Angola, 1885; a internacional de photographia, no Porto, em 1885; as industriaes, de 1888, 1892 e de 1893; a de arte sacra, em 1895; a de imprensa em 1898 e a de alfaia agrícola em 1898.

"A exposição que a Companhia Fomentadora de Agricultura e Indústria promoveu no Rio de Janeiro, em 1879, foi felicissima nos seus resultados; a que actualmente se prepara com tanto entusiasmo e

actividade, por amável convite do governo brasileiro e com honrosa excepção para Portugal e que deve ser inaugurada no próximo mez de Junho, dispõe de todos os requisitos para ser ainda de maior alcance nos seus efeitos."

NORONHA, Eduardo. *Serões*. S.d.(ano da aclamação de D. Manuel II, 1908). Pág.299.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1. Qual a temática que se lhe afigura de maior interesse para ser desenvolvida numa exposição temporária a realizar nos Países africanos lusófonos?
 - relação histórica Portugal/África (País em causa)
 - Portugal actual

2. A que período da História de Portugal é mais sensível?
 - anterior ao século XVIII
 - séculos XVIII e XIX
 - século XX

3. Quais os aspectos que mais o seduzem?
 - Arte
 - Arquitectura
 - Escultura
 - Pintura
 - Artes decorativas
 - Ciência
 - Técnica

4. Dimensão da Exposição:
 - Exposição de prestígio, em grandes áreas, incluindo originais
 - Pequena exposição, itinerante, incluindo sobretudo cópias

5. Qual o local que considera mais aconselhável para a Exposição?

- Museu
- Biblioteca
- Centro comercial
- Associação ou clube
- Ar livre

6. Público a atingir:

Idade

- menor de 18 anos
- entre 18 e 35 anos
- mais de 35 anos

Grau de formação

- básica
- preparatória
- secundária
- superior

7. Divulgação interna:

- desdobrável
- pequeno roteiro
- catálogo
- audiovisual

Divulgação externa:

- rádio
- televisão
- imprensa
- cartazes
- altifalantes
- panfletos

8. Duração da Exposição em cada local:
menos de um mês
dois meses
mais de dois meses
9. Época do ano mais apropriada:
mês de _____
10. Entidade local que recebe e se responsabiliza pela Exposição:
Oficial (por ex., Direcção Geral)
Privada (por ex., Fundação, Banco, Comp. de Seguros)
11. Que apoio dão habitualmente:
técnico
pedagógico
transportes internos
12. Período necessário para preparar o envio da Exposição:
dois meses
seis meses
um ano
mais do que um ano
13. Quais os encargos que as entidades locais habitualmente suportam?
instalações
(aluguer, luz, água, telefone, etc.)
pessoal
montagem
guardaria
monitor

transportes

dos materiais

dos técnicos especializados

materiais para montagem

(vitrines e outros suportes, lâmpadas, etc.)

14. Que actividades complementares são possíveis, com especialistas locais?

conferências

visitas guiadas

concertos

projectão de filmes

15. Actividade mecenática:

existe

não existe

16. Que conhecimento tem o grande público sobre Portugal?

nenhum

algum

razoável

bastante

17. Que tipo de material está acessível sobre cultura portuguesa?

bibliográfico

artesanato

tradição oral

18. Está em curso algum levantamento sobre vestígios da cultura portuguesa no local? _____

Entidades portuguesas vocacionadas para
financiar actividades culturais nos
Países africanos lusófonos

Centro de Estudos Africanos da
Universidade Portucalense
Av. Rodrigues de Freitas, 349
4000 PORTO
Telefone: +351 2 577823

Comissão Nacional da UNESCO
Av. Infante Santo, 42. 5º
1300 LISBOA
Telefone: +351 1 3967532; 3969061; 604942

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros
1100 LISBOA
Telefone: +351 1 871145; 878827; 877330

Direcção Geral da Cooperação do
Ministério dos Negócios Estrangeiros

Av. da Liberdade, 192, 5º

1200 LISBOA

Telefone: +351 1 3561472

Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45

1000 LISBOA

Telefone: +351 1 7935131

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/57

4100 PORTO

Telefone: +351 2 6067418

Fundação Oriente

Rua do Salitre, 66

1200 LISBOA

Telefone: +351 1 3527002; 528404; 534746

* Projectos de valorização do património cultural de influência oriental.

INATEL

Calçada de Santana, 180

1100 LISBOA

Telefone: +351 1 3538871

Instituto de Emprego e Formação Profissional

Ministério do Emprego e Segurança Social

Av. José Malhoa, 11/11-E

1000 LISBOA

Telefone: +351 1 7262536; 7265123+1 62536; 7265123

Instituto Luís de Camões

Ministério da Educação

Praça do Príncipe Real, 14, 1º

1200 LISBOA

Telefone: +351 1 3464508; 3422219

Ciclo de Exposições CONHECER PORTUGAL

Exposição itinerante

Inquérito ao visitante

1. Já alguma vez visitou um Museu ou uma Exposição?
Sim Não
2. Qual o tema ou temas de exposições que mais o atraem?
Arte História da cultura africana
Ciência História da cultura de outros continentes
Técnica História natural
3. Qual o período da história que mais lhe interessa?
História antiga
História moderna
4. Que horário de abertura da exposição lhe convém mais?
Entre as 10 e as 13h
Entre as 16 e as 19h
Outro
5. Como prefere visitar a exposição?
Sozinho
Em visita acompanhada

6. A que distância habita em relação ao local da exposição?

A menos de 1Km

A mais de 1 Km

7. Como se deslocou até esta exposição?

A pé

Em transporte público

Em transporte privado

8. Quanto tempo demorou a sua visita a esta exposição?

Menos de meia hora

Mais de meia hora

9. Como teve conhecimento da Exposição?

Na escola

Por um amigo ou pessoa de família

Por cartaz afixado

Pela rádio

Pela televisão

Através do jornal

Sugestões: _____

Visitante:

Sexo: Feminino

Masculino

Idade: menos de 18 anos

entre os 18 e os 35 anos

mais de 35 anos

Nível de instrução: primário

preparatório

complementar

superior

Profissão _____

Se gostar de receber convite para a próxima Exposição, registre aqui o seu nome e morada:

Nome: _____

Morada: _____

Ciclo de Exposições CONHECER PORTUGAL

Exposição itinerante

Título _____

Local _____

Ficha de identificação da peça

Identificação:

Designação: _____

Materiais: _____ Marcas: _____

Autor: _____ Data/época: _____

Peso: _____ Dimensões: _____

Proveniência: _____

Proprietário: _____

Morada: _____

Telefone: _____ Fax: _____

Nº de Inventário: _____

Colocação:

No contentor para transporte nº: _____

Na Exposição - Sala _____ Vitrine _____ Base _____

Estado de conservação:

Ao sair de Portugal _____ Data: ___ / ___ / ___

Nota: Se a peça tiver um restauro médio ou profundo, assinale o local num desenho anexo.

Durante o percurso exterior _____

Cuidados especiais a observar:

na manipulação _____

nas condições ambientais _____

Ciclo de Exposições CONHECER PORTUGAL

Exposição itinerante

Título _____

Local _____

Ficha descritiva global

Identificação		Quantidades
Conteúdo	peças originais	
	cópias	
	material audiovisual	
	material complementar:	
	vitrines	
	bases	
	outros	
	material para o serviço educativo	
TOTAL		

Documentação	Número de exemplares
catálogo	
roteiro	
desdobrável	
cartaz	
postais	

Espaço mínimo exigido	em m ²
recepção/exposição	
oficina	

Contentores			
Nº código	quantidade	dimensões	peso

Condições de conservação			
temperatura		20/21°C	
humidade relativa		50/60%	
iluminação incandescente	papel e tecidos	50 lux (máximo)	
	outras peças	100 lux (máximo)	

Segurança	permanente, 24 horas/dia
	alarmes em todos os acessos

CONTACTO - Comissariado da Exposição

Nome: _____

Morada: _____

Telefone: _____ Fax: _____

Condições de empréstimo:

As responsabilidades financeiras com a Exposição são estabelecidas por contrato entre as partes interessadas.

Compete ao Comissariado geral:

- todo o processo de preparação e montagem da Exposição, incluindo a conservação e segurança e a produção de documentação;
- transporte e trâmites alfandegários entre Países.

Compete ao Comissariado local:

- apoio à montagem da Exposição;
- conservação e segurança da Exposição no local de montagem;
- divulgação e animação local;
- transporte e trâmites alfandegários no País receptor;
- selecção, recolha e apresentação das peças de património local, relacionadas com a Exposição itinerante;
- recolha e posterior envio ao Comissariado geral de elementos para avaliação final da Exposição (relatório, inquéritos, estimativa de visitantes, recortes de imprensa, reportagem fotográfica).

Ciclo de Exposições CONHECER PORTUGAL

Ficha de Candidatura

Instituição:	_____		
Morada:	_____		
Telefone:	_____	Fax:	_____
Nome do responsável:	_____		
Habilitações literárias:	_____		
Organismo que tutela a Instituição:	_____		
Morada:	_____		
Telefone:	_____	Fax:	_____
Nome do titular:	_____		

1. Actividades culturais	Sim	Não
Exposições temporárias	—	—
Biblioteca	—	—
Arquivo	—	—
Serviço Educativo	—	—
para escolas	—	—
para visitantes comuns	—	—
Outras:	_____	_____

2. Frequência habitual das actividades culturais

Nº de habitantes da cidade _____

Nº de visitantes/utentes dessa instituição por ano _____

A entrada é:

Gratuita

Paga - valor por pessoa _____

Horário de abertura ao público _____

Dias de encerramento _____

3. Serviços técnicos

Pessoal técnico para montagem da Exposição:

Nome:	Função

Possuem seguro	Sim	Não
de pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
de bens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Especifique: _____

4. Edifício

Data de construção _____

Estado de conservação: Bom Regular

Área total construída da instituição (m²) _____

Possui divisórias amovíveis, que permitam aumentar a superfície de
suspensão de materiais expositivos: Sim Não

Se possível, refira as dimensões: _____

5. Materiais complementares

Possui máquina elevatória: Sim Não
 Marca _____ Capacidade _____

Ferramentas (especifique): _____

Vitrines: Sim Não

Se respondeu afirmativamente, descreva-as:

Quantidade	Dimensões	Características

Bases Sim Não

Se respondeu afirmativamente, descreva-as:

Quantidade	Dimensões	Características

6. Condições de conservação e segurança da zona da Exposição:

	Verão	Inverno
Humidade relativa	_____	_____
Temperatura	_____	_____

Tipo de aparelho para correcção do ambiente: _____

Tipo de aparelho para medição do ambiente: _____

Que tipo de iluminação utiliza?	Sim	Não
Incandescente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fluorescente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fluorescente com filtro ultravioleta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Iluminação natural	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Qual a densidade (em lux)?

Mínimo _____ Máximo _____

Que tipo de protecção têm as janelas?	Sim	Não
Portadas de madeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estores ou persianas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Filtros ultravioletas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cortinas (de tela ou verga)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quantos guardas pode disponibilizar para a Exposição (24horas/dia)?		
Quantidade _____		
Horário de trabalho _____		
Possui sistemas de alarme?	Sim	Não
Contra roubo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contra incêndio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As saídas de urgência estão assinaladas?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Observações: _____		

Documentos anexos:

Plantas:

- Planta de localização, na cidade, da Instituição e da Câmara Municipal, Tribunal, Igreja Matriz, Centro Comercial.
- Planta geral do edifício
- Planta de pormenor da área da exposição, incluindo a indicação de:
 - . acessos para o público;
 - . pé direito;
 - . materiais de construção
 - tecto,
 - paredes,
 - portas

- janelas;
- . paredes em que se podem pendurar materiais de exposição (quadros, vitrines verticais, painéis);
- . pontos de iluminação;
- . tomadas eléctricas;
- . dimensões das portas de acesso;
- . local de armazenamento do material de contentorização;
- . oficina de montagem de exposições.

Fotografias:

- Vista geral exterior do edifício;
- Salas para a exposição;
- Processos de suspensão;
- Tipo de iluminação;
- Vitrines.

Publicações:

- Programa das actividades culturais para o ano em curso;
- Desdobrável, roteiro ou monografia da Instituição.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Função: _____

Ciclo de Exposições CONHECER PORTUGAL

Circular para os órgãos de comunicação social

Organizada pela Secretaria de Estado de ... de Portugal e pela Secretaria de Estado de ... de (País receptor), vai ser inaugurada no dia..., com a presença dos respectivos titulares uma exposição intitulada "A arte de trabalhar a madeira - António Angelo, um entalhador de Lisboa da 2ª metade do século XVIII".

A exposição apresentada no Museu... dá-nos a oportunidade de percorrer, através da observação de objectos originais (como livros técnicos, desenhos, mobiliário civil e religioso), ou de documentação fotográfica, o itinerário de um artista que se destacou numa das expressões decorativas de maior originalidade na arte portuguesa - a talha, trabalho em madeira que adquire, no final do século XVIII, a sua expressão máxima. António Angelo trabalhou durante cerca de 40 anos para a "Casa das obras e Paços Reais", sob a orientação dos mais conhecidos Arquitectos de Lisboa - Reinaldo Manuel, Mateus Vicente de Oliveira, Manuel Caetano de Sousa, Jacome Azzolini e Francisco Xavier Fabri.

No dia... , às... horas, será realizada uma Conferência de imprensa; dar-nos-á muita honra a presença de V. Ex^a.

Anexo - Desdobrável da exposição.

Ciclo de Exposições CONHECER PORTUGAL

Exposição itinerante, apresentada em ..., de .../... a .../...

Desdobrável Publicitário

Duas entidades oficiais portuguesa e ... - a Secretaria de Estado de ... e a Secretaria de Estado de ... - organizaram um Ciclo de Exposições subordinado ao tema "Conhecer Portugal".

Finalmente poderá ver o que há tanto tempo desejava - testemunhos materiais que ainda hoje se conservam em Museus ou colecções privadas vêm até ...!

É um projecto vasto e ambicioso, este; vai consistir em fazer circular nos Países onde se fala português - no Brasil, em África, no Oriente - diversas exposições temporárias com sequência bi-anual sobre temas artísticos, literários, técnicos e científicos.

A primeira Exposição desta série é de temática artística, *A Arte de Trabalhar a Madeira - António Angelo, um entalhador de Lisboa da 2ª metade do século XVIII*.

Vai ser inaugurada em ..., no dia ..., no Museu ..., encerrando no dia... .

Não perca esta oportunidade - Lisboa de há 200 anos vem ter consigo, através da obra de um entalhador que trabalhou para Palácios reais, Igrejas e conventos, entre 1766 e 1805.

Anexo à Exposição há uma oficina, onde um entalhador, vindo expressamente de Portugal, está disponível, durante o horário normal de abertura ao público, para fazer demonstrações da sua arte, utilizando ferramentas e materiais idênticos aos daquela época.

Esta Exposição é para todos, com entrada gratuita, aberta todos os dias, excepto às segundas feiras, das 10 às 13 e das 16 às 20 horas.

Visitas guiadas, com marcação prévia, pelo Tel

Informações sobre o projecto "Conhecer Portugal": Secretaria de Estado da ...; Secretaria de Estado de

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

A guide to collection records management. Toronto, Heritage. 1985.

A.C. 120 vues photographiques et 7 plans de l'Exposition Universelle de 1900. S.d.

AMADEI, Daniel; GOSSELIN, Claude; GREEN, Martin. *Aspects pratiques des expositions itinérantes.* La Société des Musées Québécois. Montréal. 1980.

ANTZOULATOU-REZILA, Eurydice. "One futur for museums: take to the streets" in *Museum.* 174, 44-2, 114-116. 1992.

ARNELL, Ulla; HAMMER, Inger. *Quelques résultats d'une étude sociologique des expositions.* Riksställningar. 1974.

ARNELL, Ulla; HAMMER, Inger; NYLÖF, Göran. *Going to exhibitions.* Stockolm. 1980.

BERGERON, André. *L'éclairage dans les institutions muséales.* Québec. 1992.

BESSELAAR, Th. "Iluminacion refinada en museos de Berlin" in *Revista Internacional de Luminotecnica.* Nº 1, pág. 5-12. 1982.

Bibliografia portuguesa de museologia. Comissão Nacional Portuguesa ICOM. 1988 (ex. policopiado).

Bibliographie museologique internationale. UNESCO-ICOM. Paris. 1988.

CADORIN, Paolo. "Les expositions temporaires: mieux vaut prévenir que guérir" in *Museum.* Vol. 34, nº 1, pág. 48-50. 1982.

CASANOVAS, Luis. " A prevenção" in *I Encontro das Comissões Nacionais Portuguesa e Espanhola do ICOM.* Lisboa, 1988.

CASSAR, May. "Modèles de vitrines et contrôle climatique - une analyse typologique" in *Museum.* UNESCO, 146, pág. 104-107. 1985.

- EISENBEIS, Manfred. "Elements pour une sociologie des musées" in *Museum*. Vol. XXIV, n° 2, pág. 110-119. 1972.
- Expositions scénographiques. Musées et collections publiques de France*. Association Générale des Conservateurs, n° 193, pág. 7-23. Paris. 1991
- FARIA, Margarida Dias Lima de. *Avaliação da eficácia do discurso museológico - Um estudo sociológico sobre os públicos e a eficácia da visita*. Exemplar dactilografado. Museu de Etnologia. Lisboa. 1989.
- FISCHER, D. "Iluminacion acentuada en museos" in *Revista Internacional de Luminotecnia*. N° 1. 1982.
- FIXAR, Daniel; PALLEZ, Frederique. *Le commissaire et le gestionnaire*. Ministère de la Culture, Centre National d'Art et de la Culture Georges Pompidou, 123p. 1987.
- FOREST, Michel; VIENS, Jacques. *Le défi de l'exposition itinérante: vue d'ensemble et expérience pratique*. Musée de la Civilisation et Société des Musées québécois, 228 p. Montréal. 1990.
- Forum 2: points de vue sur l'exposition*. Société des Musées Québécois, 80 p. Montréal. 1991.
- GARDNER, Georges S.. *What's so special about the special exhibitions?*. UNESCO, pág. 196-200. Paris. 1986.
- GLEADOWE, Teresa. *Organizing exhibitions: a manual outlining the methods used to organize temporary exhibitions of work of art*. Art Council of Great Britain, 65 p. London. 1975.
- GORDON, Ayala. "L'itinéraire d'exploration dans une exposition: une nouvelle technique de suivé utilisée dans la Ruth Youth Wing" in *ICOM-CECA*. N° 12-13, pág. 45-51. 1991.
- GREGOROVÁ, Anne. "La Museologie - science ou seulement travail du musée?" in *DOTRAM*. ICOM - Comité Int. pour la Muséologie. n° 1. 1980.
- HALL, Margaret. *On display. A design grammar for museums exhibitions*. Umphries Ltd., 250 p. il. London. 1987.

- HJORTH, Jon. *How to make a ratter exhibition*. Swedish Travelling Exhibitions Service, 38 p. il. Stockholm. 1984.
- HUDSON, Keneth. *1992 - Prayer or promise? The opportunities for britain museums and the people who work in them*. London. 1990.
- In search of the proper definitions: the work to date*. Canadian Museums Association. Ottawa. 1984.
- JACOBI, Daniel. "Evaluer les coûts d'une exposition" in *Office de Coopération et d'Information Muséographique*. Pág. 21-25. Dijon. 1991.
- L'accessibilité des lieux publics aux personnes handicapés*. Editions du Moniteur. Paris. 1980.
- "L'écrit dans l'exposition" in *Actes du Colloque de Lyon*. ELAC, 21 a 23 Juin. Peuple et Culture, 105p. Paris. 1983.
- L'exposition et son lieu*. Peuple et Culture, 76 p. Paris. 1983.
- L'object expose le lieu. Présentation. Représentation. Exposition*. Expo Media, 188 p. Paris. 1986.
- LETERRIER, Alain. *La plaquette publicitaire*. Les Editions d'Organisation. Condé-sur-Noireau. 1988.
- Les expositions à thème: comment conduire un programme? Quelques techniques d'expositions*. La Documentation Française. Paris. 1988.
- "Les unités mobiles d'exposition" in *Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale*. N° 5 s.l. 1985.
- LIMA, Augusto Mesquitela. *La muséologie dans les aires d'identité linguistique. L'espace muséal et l'utilisation d'une langue proche*. Congresso da AISE. Geneve. 1989.
- Lignes directrices pour l'organisation des expositions d'art du Conseil de l'Europe*. Exemplar dactilografado. Strasbourg. 1988.
- MAJEWSKI, Jania. *Part of your public is disabled. A handbook for guides in museums, Zoos and Historic Houses*. London. 1987.
- MAKAGIANSAR, MAKAMINAN. "Musées d'aujourd'hui et de demain: une mission culturelle et éducative" in *Museum*. UNESCO, n° 141, pág. 3-7, il. 1984.

- MCGRIFFIN, Robert F. Jr.. *Furniture: care and conservation*. American Association for State and Local History. 1983.
- MILES, R.S. . *The design of educational exhibits*. Unwinhyman, 198 p. il.. London. 1988.
- MOUTINHO, Mário. *Museus e sociedade*. Monte Redondo. 1989.
- Musées et patrimoine dans les Vosges du Nord*. Septembre, 1991.
- "Musées et personnes handicapées" in *Museum*. Vol. XXXIII, n° 3. 1981.
- Museum and their audience*. European Museums Conference, Glasgow, 25 a 29 de Novembro de 1992. Exemplar policopiado.
- Museus e Educação*. Seminário organizado pela Associação Portuguesa de Museologia. Lisboa, 1971.
- Museus Universitários - sua inserção activa na cultura portuguesa*. Associação Portuguesa de Museologia. Lisboa, 1986.
- Musées, y a-t-il des Limites?* ICOM. Québec. 1992.
- NEUSTUPNY, Jiri. "La muséologie en tant que discipline scientifique" in *DOTRAM*. ICOM - Comité int. pour la Muséologie, n° 1. 1980.
- OLOFSSON, Ulla Keding. "Le Riksställningar" in *Museum*. UNESCO, 152, pág. 205-206. 1986.
- PAVÃO, Luis. *Dicionário e glossário de termos técnicos usados em conservação fotográfica*. Fundação Calouste Gulbenkian (exemplar policopiado). Lisboa. 1990.
- PERSEGATI, Walter. "Autopsie d'une exposition temporaire" in *Museum*. UNESCO, 152, pág. 213-229. 1986.
- PORTER, James. "Présence et représentation - L'aventure humaine" in *Museum*. UNESCO, 152, pág. 230-236, il. 1986.
- Prevention et securité dans les musées*. Edité par l'Imprimerie Nationale. Paris. 1977.
- Quelques résultats d'une étude sociologique des expositions*.
- RAMMER, Brian. "Vitrines aménagés pour le contrôle climatique" in *Museum*. UNESCO, 146, pág. 91-94, il. 1985.

- READ, M. L. . "Règles de securité applicables aux expositions d'Art" in *Lignes directrices pour l'organisation des expositions d'art du Conseil de l'Europe*. Exemplar policopiado. Strasbourg. 1988.
- REYNOLDS, Barri C. . "La muséologie: une science en embryon?" in *DOTRAM*. ICOM - Comité Int. pour la Muséologie, nº 1. 1980.
- RIEU, Alain-Marc. *Les visiteurs et les musées*. La Documentation Française. Paris. 1988.
- RIVIÈRE, Georges Henri. *La Muséologie - cours de muséologie - Textes et Temoignage*.
- ROQUE, Maria Isabel Rocha. *A Comunicação no museu*. Dissertação final do Curso de especialização em Museologia e Património, na Universidade Lusíada. Exemplar dactilografado. Lisboa. 1990.
- ROTH, Evan. "Success stories museums and native americans" in *Museums News*. 70-1, pág. 41-45. 1991.
- ROY, Patrice. "La signalétique à l'oeuvre" in *Museum*. UNESCO, nº 191 (v.39, nº4), pág. 191-192, il. Paris. 1991.
- SAMSON, Denis; SCHIELE, Bernard. *L' évaluation muséale. Publics et exposition*. Expo Media, 226 p. Paris. 1989
- Scénographie*. Société des Musées Québécois, vol. 13, nº 2, pág. 5- 50 il. Montréal. 1991.
- SCREVEN, C.G. "Exibitions and information centers: some principles and approaches" in *Curator*. 29/2. 1986.
- SCREVEN, C.G. . "Présentations didatiques pour visiteurs libres" in *ICOM - Comité pour l'Éducation et l'Action Culturelle*. Nº 12-13, pág. 10-20. Paris. 1991.
- SELZER, Wolfgang. "Un nouveau système «souple» de vitrine" in *Museum*. UNESCO, 146, pág. 108-111. 1985.
- SOFKA, Vinos "La Muséologie - science ou seulement travail du Musée?", *Dotram (Documents de travail sur la Museologie)*. Nº1, 1980. Pág. 12.

- STARTON, John E. "La communication et ses agents: quelques problèmes de présentation" in *Museum*. UNESCO, 139, pág. 159-163. 1983.
- STOLOW, Nathan. *Conservation and exhibition*. Butterworths. London. 1987.
- STOLOW, Nathan. *Controlled environment for works of art in transis*. Butterworths. London. 1966.
- STRONG, Roy. *Le Musée agent de communication*.
- STRONG, Roy. "Pensée et action au Royaume-Uni" in *Museum*. UNESCO, 138, pág. 75-81. 1983.
- "Suggestions d'interventions immédiates pour protéger les biens culturels" in *Nouvelles de l'ICOM*. Vol. 45, n° 2. 1992.
- TAXINHA, Maria José. *Terminologia textil*.
- TELMO, Isabel Conttinelli. *O património e a escola*. Texto Editora. Lisboa. 1986.
- TEATHER, J. Lynn. "Museum. Studies, reflecting or reflective practice" in *Museum Management and Curatorship*. Vol. 10, n° 4, pág. 403-407. Oxford. 1991.
- VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Rio de Janeiro. 1987.
- VARINE-BOHAN, Hugues de. *Patrimoine culturel et vie quotidienne*. Bulletin de l'Institut Royal du Patrimoine Artistique. s.l. 1975.
- VARINE, Hugues de. "Where are we now? What should we follow?" in *Musées: Y a-t-il des Limites?*. ICOM - 1992, pág. 62-67. Québec. 1992.
- VELARDE, Giles. *Designing exhibitions*. The Design Council, 188 p. il. London. 1988.
- VERON, Eliseo; LAVASSEUR, Martine. *Etnographie de l'exposition - l'espace, le corps et le sens*. Centre Georges Pompidou. Paris. 1982.
- "Vitrines" in *Museum*. UNESCO, 146, pág. 61-124, il. Paris. 1985.
- WERSIG, Gernot; SCHUCK-WERSIG, Petra. "A german view of marketing in United States musems" in *Curator*. 33, 1. Março, 1990.

- WESTERLUND, Stella. "Vingt ans d'expositions itinérants" in *Museum*. UNESCO, 152, pág. 206-212. 1986.
- WITTERBORG, Lothard P. . *Good show: a practical guide for temporary exhibitions*. Smithsonian Institution, 184 p. il. Washington. 1991.
- ZEKOWSKI, Gerry. "Iluminação - arte y ciencia" in *Revista Internacional de Luminotecnica*. Nº 1, pág. 13-18. 1982.

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS
ORGANIZADAS POR PORTUGAL
NAS COLÓNIAS E NO ESTRANGEIRO

- A linguagem dos nossos ourives (Le langage des orfèvres de Portugal)*. Luxemburgo. 1989.
- AFONSO, Simoneta Luz. *D. Pedro de Alcântara e Bragança*. Lisboa - Rio de Janeiro. 1986.
- Arte metropolitana*. Luanda. 1948.
- Arte portuguesa - 1550-1950*. Rio de Janeiro. 1965.
- Arte portuguesa*. Paris. 1951.
- Arti indo-portoghesi dei secoli XVI-XVIII - trapunte ricamate, mobili decorati e avori del museo d'arte antica di Lisbona*. Roma. 1981.
- Azulejos portugueses - séculos XVII a XX*. Brasil. 1987.
- CAYOLLA, Julio. *Pavilhão da colonização na Exposição do Mundo Português*. Bertrand (Irmãos) Lda. Lisboa. S.d.
- Cartografia - documentos*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1988.
- Catálogo oficial da Exposição Portuguesa em Sevilha*. Comissariado Geral da Exposição Portuguesa em Sevilha, 167p. Lisboa. 1929.

Catalogue officiel - Exposition Coloniale Portugaise à Paris, Section Portugaise, 311 p. Paris. S.d.

Catalogue spécial de la section portugaise à l'Exposition Universelle de Paris en 1878. Paris. 1878.

100 obras maestras del arte portugues. Secretaria de Estado da Cultura. Madrid. 1985.

COSTA, Pierre Léglise. *A circulação das formas*. Paris. 1989.

Cultura portuguesa em Madrid. Secretaria de Estado da Cultura. Madrid. 1977.

Dez séculos de história - exposição de documentos da Torre do Tombo. ANTT, s.l . . 1982.

EUROPALIA - 91 Portugal.

La magie des couleurs et des pierres

Via orientalis

Aux confins du Moyen Age

Feitorias

Portugal et Flandres - visions de l'Europe (1550-1680)

De Goa à Lisbonne

Vieira da Silva

Portugal 1890-1990(photographie)

Points de repere- architectures du Portugal

Amadeo de Sousa Cardoso (1887-1918)

Eduardo Viana (1881-1967)

Triomphe du Baroque

Azulejos

Les mécanismes du génie

Bruxelles, 1991

Evolução do azulejo em Portugal do século XV ao século XX. Secretaria de Estado da Cultura. 1979.

- Exposição cultural portuguesa da época dos descobrimentos.* Sevilha. 1929.
- Exposição de ourivesaria portuguesa e francesa.* Paris. 1954 (Novembro) a 1955 (Fevereiro).
- Huit siècles d'Histoire du Portugal.* Exposição integrada em "Le Mois de la Culture Portugaise". Banco Pinto & Sotto Mayor, Les Mureaux. 1987.
- L'art portugaise de l'époque des grandes découvertes au XX^{ème} siècle - exposition portugaise.* Paris. 1931.
- La cartographie portugaise et la construction de l'image du monde.* Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1989.
- Milagres.* Secretaria de Estado da Cultura. Bonn. 1984.
- Na rota dos navegadores portugueses - um ensaio fotográfico de Michael Teague.* Fundação Calouste Gulbenkian. 1985.
- O Natal e o povo português.* Casa de Portugal. Paris. 1959.
- Porcelanas portuguesas da Vista Alegre.* Secretaria de Estado da Cultura. 1983.
- Portugal na abertura do mundo.* Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1990.
- Portuguese art 800-1800.* Royal Academy Of Arts. Londres. 1956. (Edição em português: Bertrand, 1977)
- Roma lusitana - Lisboa romana.* Instituto Centrale per il Catalogo e la Documentazione. Roma. 1990/91.

OS MUSEUS E A PRESERVAÇÃO DAS
CULTURAS AUTÓCTONES

- ABLE, Edward H. "Museums Are Eager to Explore the Multicultural Terrain" in *Museum News*. Vol.68, nº 2, pág. 88. Washington, 1989.
- ADAMS, R. M. "A New National Museum May Become a Cultural Rallyng Point for American Indians and Their Arts and Traditions." in *Smithsonian*, vol 20, August. pág. 10. Washington, D.C., 1989.
- AMES, Michael. "Free indians from their ethnological fate: the emergence of the indian point of view in exhibitions of indians" in *Muse*. Vol. 5, nº 2, pág. 14-25. Ottawa, 1987.
- ARDOUIN, Claude Daniel. "Protection sans barrières - un point de vue africain" in *Museum*. UNESCO, 146, pág. 79-80, il. 1985.
- "At Renwick, American Traditions: Native American Art 1965-1985." in *Smithsonian*, vol 18, October. pág. 236. Washington, D.C., 1987.
- BELL, Jan. "Some Observations on the Museum as an Agent of Change" in *Council for Museum Antropology Newsletter*. Vol. 6, nº4, pág. 9-14. New York, 1982.
- BLAIR, Bowen. "American Indian vs. American Museums: A Matter of Religious Freedom, Part 1." in *American Journal*, pág 13-21. May, 1979; Part 2." in *American Journal*, pág 2-61. June, 1979.
- BRODY, J.J. "Meaning of things" in *Museum News*. Vol. 70, nº 6, pág. 58-61. Washington. 1991.
- BUTHELEZI, Mangosuthu G. "The Approach of the Kwazulz Government to Museums and the Preservation of Our Cultural Heritage." in *SAMAB*, vol. 17, nº 4 pág. 175-179
- CABRAL, Nelson Eurico. "L'Afrique du troisième millénaire: Quels musées?" in *Museum*. UNESCO, vol. 41, nº 1, pág. 59-61. Paris, 1989.
- CANNIZO, J. "Exhibition cultures: into the heart of Africa" in *Visual Anthropology Revuew*. Vol 7, nº 1, pág. 150-160. 1991.

- COELHO, Francisco de Lemos. *Duas Descrições seiscentistas da Guiné*. Introdução e Anotação históricas de Damião Peres. Lisboa 1990.
- COLE, Douglas. "Captured Heritage: The Scramble for Northwest Artifacts." University of Washington Press. Seattle, Washington, 1985.
- Conférence mondiale sur les politiques culturelles. Rapport final*. UNESCO. Paris, 1982.
- COSTA, Alda. "Museu e Desenvolvimento, perspectivas para os anos 90 - a situação de Moçambique", in *II Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*.
- CUYPERS, Jan B. "Multinational Seminar, Aarhus, Denmark, 1974: Personal Reflections on Anthropological Museums in Africa and the Understanding of Cultures" in *The Role of Anthropological Museums in National and International Education*. Moesgaard Museum, Department of Ethnography. Hojbjerg, 1976.
- DEVITT, Jeannie, and JOHNSON, Liz. "Cultural Revitalization Research Project." in *COMA*, Nº 5 pág. 8-10. Queensland, 1988.
- DEXTATOR, Deborah. "The Home of Indian Culture and Other Stories in the Museum." in *Muse*, vol. 6, nº 3, pág. 26-28. Ottawa, 1980.
- DODSON, P. "Museums, tourism, and the representation of aboriginal people" in *The Royal Commission into Aboriginal Deaths in Custody Report*. Pág. 687-690. Australian Government Publishing Service, Camberra, 1990.
- DOXTATOR, Deborah. "The Idea of the Indian and the Development of Iroquian Museum" in *Muse*, vol. 14, nº 2.. Toronto. 1985.
- EDWARDS, Roberts; STEWARD, Jenny. *Preserving indigenous cultures: a new role for museums*. Australian Government Publishing Service. Camberra. 1980.
- EOE, Soroi. "Le Rôle des musées dans le Pacifique: Evoluer ou périr" in *Museum*, UNESCO, vol. 42, nº 1, pág. 29-30. Paris, 1990.
- FULFORD, R. "Into the heart of the matter" in *Rotunda*. Vol. 24, nº 1, pág. 14-28. Toronto, 1991.

- GALHANO, Fernando. *Esculturas e objectos decorados da Guiné Portuguesa, no Museu de Etnologia do Ultramar*. JIU, Lisboa, 1971.
- GALLA, A. "Issues for Museums in Post-Colonial Societies." Paper prepared for the XVIIth General Conference of International Council of Museums. Quebec, Canada: September 19-26, 1992.
- GALLA, A. "Training for Museums and Beyond." Canberra: Occasional Publication prepared for the XVth ICOM General Conference, The Hague, 1989.
- GALLA, A. "Training Towards Tomorrow" in *COMA*, nº 23, pág. 68-72. Queensland, 1990.
- GALLA, A. (ed.). "Special issue with the complete proceedings of a Conference on Museums, Antropologists and Indigenous Peoples" in *Bulletin of the Conference of Museum Antropologists*. Nº 23, Abril, 1990. Canberra, 1989.
- GALLA, A. and MCLNTRYRE, D., (ed.) *Issues for Multicultural Heritage Management*. Office of Multicultural Affairs, Council of Australian Museum Associations, Museums Association of Australia Inc. (ACT) and the National Centre for Cultural Heritage Science Studies. Canberra. 1990.
- GALLA, A. and MCINTYRE (ed.). *Towards a Coordinated National Policy on Museums*. Office of Multicultural Affairs, Council of Australian Museum Associations, Museums Association of Australia, Inc. (ACT) e National Centre for Cultural Heritage Science Studies. Canberra, 1990.
- GALLA, A. *Heritage Curricula and Diversity*. Office of Multicultural Affairs, Prime Minister and Cabinet. Canberra, 1993.
- GRANT, Lawrence. "Au coeur de l'Afrique (Exposição)" in *Muse*. Vol. VII. nº 2, pág. 78-83. Ottawa, 1990.
- HAKIWAI, Arapata. "Rendus à la lumière du jour ? Les musées et la culture Maori en Nouvelle-Zélande." in *Museum*, UNESCO, vol. 42, nº1, pág. 35-38. Paris, 1990.
- HALDANE, Warner. "The Museum and it's relevance in a Multicultural Society." in *Agmanz News*, vol. 15, nº 4, pág.26-27. Wellington, 1984.

- HALPIN, M. "The Spirit Sings: Artistic Traditions of Canada's First Peoples", in *Culture*, vol. 8, nº 1, pág.89-93.
- HANSON, James A. " The Reappearing Vanishing American." in *Museum News*, vol. 59, nº 2, pág. 44-51. Washington, 1980.
- HARDIE, Peter. "Chinese whispers" in *Museum News*. Vol. 91, nº 10, pág. 23-24. Washington, 1991.
- HARTMAN, Russel P. "The Navajo Tribal Museum: Bridging Past and Present." in *American Indian Art Magazine*, vol. 9, part 1, pág. 30-35. 1983.
- HARTMAN, Russel P. and DOYLE, David E. "Preserving a Native People's Heritage: A History of the Navajo Tribal Museum." in *The Kiva*, vol. 47, nº 4. Nova York, 1982.
- HILL, Richard. "Indians and Museums: A Plea for Cooperation." in *Council of Museum Anthropology Newsletter*, vol. 4, nº 1. Nova York, 1981.
- HILL, Rick. "A notre propre image: Les images stéréotypées des Indiennes mènent à une nouvelle form d'art autochone." in *Muse*, vol. 6, nº, pág. 32-43. Ottawa, 1989.
- HORNE, Lee. "L'Ethno-archéologie au musée: Relier le passé au présent." in *Museum*, UNESCO, vol. 40, nº 1, pág. 57-61. Paris, 1988.
- HORSE CAPTURE, George P. "Some Observations on Establishing Tribal Museums." in *History News*, vol. 36, nº 1. Nashville, 1981.
- HOULE, Robert and HARGITTAY, Clara. "The Struggle Against Cultural Apartheid. Where does Indian Art begin?" in *Muse*, vol. 6, nº 3, pág. 58-60. Ottawa, 1988.
- ICOM, Comité Nacional Mexicano. *Memorias: Coloquio nacional de Museos*, 4o. Programa cultural de las fronteras, CONACyt, Sep Cultura. Ciudad Juarez, Chihuahua. 1985.
- ICOM. *Des musées pour un monde en développement*. General Conference, 13th, London, 1983. International Council of Museums. Paris. 1984. 154 pág.
- ICOM. International meeting "Consultation of Specialists on Ways and Means of Safeguarding the Cultural Heritage of the Pacific Region." Final report, proceedings and annexes of meeting held in Papeete, Tahiti, 1980. ICOM. Paris. 1981. 149 pág.

ICOM. International meeting: *Consultation of Specialists on Ways and Means of Safeguarding the Cultural Heritage of the Pacific Region*. Final report, proceedings and annexes of a meeting held in Papeete, Tahiti, 1980. ICOM. Paris. 1981. 149 pág.

III Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa. Secretaria de Estado da Cultura, Juventude e Desportos da Guiné-Bissau; Comissão Portuguesa do ICOM. Bissau. 1991.

JAIN, Jyotindra. "Le Musée d'artisanat de New Dehhi" in *Museum*, UNESCO, vol. 40, nº 1, pág. 48-51. Paris, 1988.

JANES, Robert R. "L'Idéologie et la pratique des musées dans le tiers monde" in *Muse*, vol. IV, nº 4, pág. 33-45. Ottawa, 1987.

JENNINGS, S. "Tribal Rights." in *Art News*, vol. 88, pág. 70-71. Nova York, 1989.

JONES, David. "Real questions required" in *Museums Journal*. Vol. 91, nº 1, pág. 18-19. 1991.

JUPP, J. "Australian Culture - Multicultural, Aboriginal or Just Plain Australian?" in *Artlink*, vol. 11, nº 1 e 2, pág. 11-13. 1991

KERNOT, B. "Te Maori Te Hokinga Mai: some reflections" in *Agmanz News*. Vol. 16, nº 4, pág. 3-7. Wellington, 1985.

KONARÉ, Alpha Oumar. "Naissance d'un musée - Bomako, Mali", in *Museum*. UNESCO, Vol. XXXIII, nº 1, pág. 4-8. 1981.

KONARÉ, Alpha Oumar. "Pour d'autres musées «ethnographiques» en Afrique" in *Museum*. UNESCO, 139, pág. 146-149, il. 1983.

L'Identité culturelle camerounaise. *Semaine Culturelle Camerounaise: Actes du colloque de la deuxième semaine culturelle national, Yaoundé, Cameroon Ur, 1985*. Ministère de l'Information et de la Culture, Direction des Affaires Culturelles. Yaoundé. 1985. 533 pág.

LAMBERT, R.E. "New Zealand Museums: A Direction for the Next Decade." in *Agmanz News*, vol. 15, nº 4, pág.3-4. Wellington, 1984

LAVINE, Steven D. "Museums and Multiculturalism: Who Is In Control?" in *Museum News*, vol. 68, nº 2, pág. 36-42. Washington, 1989.

LEACH, Helen. "Te Whenua, Te Iwa - In the begining: the archeological perspective" in *Agmanz News*. Vol. 16, nº 3, pág. 7-11. Wellington, 1985.

- LEONE, Mark. "Methods as message: interpreting the past with the public" in *Museum News*. Vol. 62, n° 1, pág. 34-40. Washington, 1983.
- LESTER, Joan. "The American Indian: a museum's eye view" in *Indian Historian*. Vol. 5. 1972.
- LUMBLEY, Robert (ed.). *The Museum Time Machine: Putting Cultures in Display*. Routledge, Londres e Nova York, 1988.
- M'BOW, Amadou-Mahtar. Allocution de M. Amadou-Mahtar M'Bow, Directeur général de UNESCO, à l'ouverture du colloque de Jokkmokk sur l'identité culturelle des peuples indigènes et les nouvelles tendances de la muséologie. Jokkmokk, Suède, 23 juin 1986. UNESCO. Paris. 1986. 14 pág.
- McFADGEN-RICHARDSON, B.I. "Maori halls in New Zealand museums" in *Agmanz News*. Vol. 14, n° 4, pág. 2-4. Wellington, 1983.
- McMARCUS, Greg. "The question of significance and the interpretation of Maori culture in New Zealand museums" in *Agmanz News*. Vol. 19, n° 4, pág. 8-12. Wellington, 1988.
- McMASTER, G. "Problèmes de représentation: la terre de nos aïeux, ou de l'autochtone" in *Muse*. Vol. 8, n° 3, pág. 35-42. Ottawa, 1990.
- McMICHAEL, D. (ed.) *Australian Museums-Collecting and Presenting Australia*. Council of Australian Museum Associations. Canberra. 1991.
- McMICHAEL, Donald. "Faire évoluer les attitudes: l'éducation sociale et les musées dans le Pacifique" in *Museum*, UNESCO, vol. 42, n° 1, pág. 31-34. Paris, 1990.
- MEAD, S.M. "Concepts and Models for Maori Museums and Culture Centres." in *Agmanz News*, vol. 16, n° 3, pág. 3-5. Wellington, 1989.
- MEDEIROS, José. "Recolha e classificação de materiais etnográficos em países africanos de língua portuguesa" in *III Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*. Lisboa. 1992.
- MENEZES, Cláudia. "Musée de l'Indien. Nouvelles perspectives en vue la participation des étudiants et des populations indigènes " in *Museum*. UNESCO, 41, n° 1, pág. 37-41. Paris, 1989.

- MILANICH, J. "A lesson for the columbian quincentenary" in *Gainsville Sun*. 9 de Dezembro de 1989.
- MILBRATH, Susan; MILANICHE, Jerald T. "Columbian Conflict." in *Museum News*, vol. 70, nº 5, pág. 34-37. Washington, 1991.
- MUTAL, Sylvio. *Rapport de la mission d'évaluation PNUD/UNESCO*. janvier-février 1986. (Zaire, Développement de l'Institut des Musées Nationaux.). UNESCO. Paris. 1986. 2 volumes: 50 pág. , 30 pág.
- Museum - task force report on museums and first peoples*. 2nd edition. Ottawa. 1992.
- Museum Education Associations of New Zealand and Australia. *Interpreting Cultural Diversity*. Conference proceedings. Wellington, New Zealand, 1985. New Plymouth / Museum Education Association of New Zealand. 1986. 86 pág.
- "Museums Are Ready to Face the Multicultural Challenge." in *Museum News*, nº 3, pág. 91. Washington, 1989.
- MYLES, Kwasi. "A Collection Experiment in National Museum of Ganda." In *Museums Journal*, vol. 81, nº 2, pág. 107-110. Londres, 1981.
- NASON, James D. "Time to Take Stock." in *Museum News*, vol. 70, nº 5, pág.51-52. Washington, 1991.
- National Symposium on the Traditional Rural Culture of Sri Lanka*. Proceedings of a symposium organized by the Department of National Museums. Colombo, Sri Lanka. 1977. 192 pág.
- NEICH, R. "Interpretation and presentation of Maori culture" in *Agmanz News*. Vol. 16, nº 4, pág. 5-7. Wellington, 1985.
- O'REGAN, Stephen. "Taonga Maori Mana Maori. Controversial Display" in *Agmanz News*. Vol. 15, nº 4, pág. 15-18. Wellington, 1984.
- OKITA, S.I.O. "Museums: As Agents for Cultural Transmission." in *Nigeria*, vol. 143, (1982), pág.3-20.
- OSAGA, Odaka. "Une Agence de recherche archéologique et ethnographique au Kenya: la KAERA." in *Museum*, UNESCO, vol. 40, nº 3, pág. 150-154. Paris, 1988.
- Pathways of Tradition: Indian Insights Into Indian Worlds*. Smithsonian Institution, Washington, 1992.

- PIO, Edwino. "Le Minimusée de l'Institut Heras." in *Museum*, UNESCO, vol. 40, n° 2, pág. 99-102. Paris, 1988.
- PIRIE, Victoria. "Representation of the People" in *Museums Journal*. Vol. 92, n° 8, pág. 29-30. Londres, 1992.
- Preserving indigenous culture: a new role for museums*. UNESCO. Adelaide, South Australia. 1978.
- Programme de Musées Afro-Suédois - Commentaires sur la Réunion et la Conférence en Suède*. Maio, 1989.
- Quels musées pour l'Afrique? Patrimoine en devenir*. ICOM - Benim, Ghana, Togo, Dipon-Quetigny. 1992.
- RAMAMURTHY, Anandi. "Museums and the representation of black History" in *Museums Journal*. 90-9. 1990.
- ROTH, Evan. "First Peoples, First Steps." in *Museum News*, vol. 71, n° 4, pág. 30-32. Washington, 1992.
- SAND, Viki. "The Continuing Responsibility for Multicultural Programming." in *Journal of Museum Education*, vol. 14, n° 2, pág.30-32.
- SHELTON, Anthony. "Constructing the global village" in *Museums Journal*. Vol. 92, n° 8, pág. 25-28. Londres, 1992.
- SKLAR, Deidre. "Jouer à fire semblant: le Museum of the American Indian en tant que spectacle culturel." in *Muse*, vol. VI, n° 2, pág. 26-35. Ottawa, 1987.
- SOW, Alpha I.; BALOGUN, Ola; AGUESSY, Honorat. *Introdução à cultura africana*. Edições 70 (Trad.). Lisboa. 1980.
- SPECHT, Jim. "Report on the consultation on the Ways and Means of Safeguarding the Cultural Heritage of the Pacific Region." in *Council of Museum Anthropology Newsletter*, vol. 5, n° 4. New York, 1981.
- Special Edition: *Muse*. "L' Essence des Musées nordiques." Vol. VII, n° 1, Spring. Ottawa, 1990.
- STANTON, J. E. "Aboriginals and the Anthropology Museum: A continuing dialogue" in *COMA*. N° 16, pág. 11-15. Queensland. 1985.

- STANTON, J.E. "Aboriginals and the Anthropology Museum: A Continuing Dialogue." in *Coma*, nº 16, pág. 11-15. Queensland, 1985.
- TE VA, Henare. "Te Maori: another view" in *Agmanz News*. Wellington, 1985.
- THIAGARAJAN, Deborah. "Dakshinachitra: Un Musée pour les Arts et Traditions populaires de l'Inde du Sud/Dakshinachitra." in *Museum*, UNESCO, vol. 40, nº 1, pág. 52-56. Paris, 1988.
- The Role of the Museum in Changing Asian Societies with Special Reference to It's Role in Preserving and Strengthening Traditional, Rural and Tribal Cultures. Regional Symposium organized by the Department of National Museums of Sri Lanka in honor of the Centenary of the Colombo Museum, Colombo, December 10-20, 1977. Navchetan Press. New Delhi. 1978. 67 pág.
- TSHILUILA, Shaje. "L'Inventaire des biens culturels mobiliers: Exemple de l'Institut des Musées nationaux du Zaïre." in *Museum*, UNESCO, vol. 39, nº1, pág. 50-51. Paris, 1987.
- ULLBERG, Allan. *A Legal Framework for Considering Requests to Museums for the Return of Objects of American Indian Origin*. Smithsonian Institute, Washington, 1980.
- UNESCO, *Cultura y Sociedad en América Latina y el Caribe*. UNESCO. Paris. 1981. 183 pág.
- UNESCO. *La Culture et l'avenir*. UNESCO. Paris. 1985. 58 pág.
- UNESCO. *Preserving Indigenous Cultures: A New Role for Museums*. UNESCO Regional Seminar on the Role of Museums in Preserving Indigenous Cultures. Adelaide, South Australia, 10-15 September, 1978. Australian National Commission for UNESCO. Canberra. 1980. 229 pág.
- UNESCO. Second Session of the Advisory Committee for the Study of Oceanic Cultures. Port Moresby, Papua, New Guinea, 27 June - 1 July, 1977. *Final Report*. UNESCO. Paris. 1977. 80 pág., Third Session, 1979, 86 pág.
- VÁZQUEZ ZULETA, Sixto. "Le Musée indigène." (from an unpublished book: *Museology of Underdevelopment*.) ICOM. Turku, 1984.
- VEIGA, Manuel. "Museus de Cabo Verde", in *II Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*. Mafra, 1989.

- VUILLEUMIER, Jean Pierre. "Programmation de musée et politique de développement" in *Museum*. UNESCO, 138, pág. 94-97 il. 1983.
- WILLIAMS, Aeteca. "Fiji Museum: It's Role in Preserving Indigenous Culture." in *Agmanz News*, vol. 10, nº 1, pág. 4-7. Wellington, 1979.
- WOLINZ, Inez; TRACHTENBERG, Stephen. "Multicultural perspectives in museums" in *Forum*. Mid-Atlantic Association of Museums, Delaware, 1991.
- ZEGAS, Judy Brown. "North American Indian Exhibit at the Centennial Exposition" in *Curator*. Vol. 19, nº 2, pág. 162-173. Nova York, 1976.

COMUNIDADES PORTUGUESAS NO MUNDO

- ARROTEIA, Jorge Carvalho. *Atlas da emigração portuguesa*. Porto. 1985.
- JESUS, Manuel Filipe Correia. *Comunidades Portuguesas - Uma política para o Futuro*. MNE, Braga, 1990.
- MENDES, João Maria. "Portugal nos EUA precisa de «lobby» e de visibilidade" in *Semanário*. 30 de Abril de 1988.
- MOSER, Fernando de Mello. "Para uma Perspectiva da Cultura Portuguesa", in *Revista do ICALP*. Nº 1, 1985.
- SILVA, Joaquim Palminha da. "Emigração e comunidades portuguesas" in *Diário de Notícias - Opinião*. 25 de Novembro de 1987.
- SILVA, Joaquim Palminha. *Bibliografia das comunidades portuguesas*. Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, s.l. . 1988.
- SILVA, Joaquim Palminha. *Comunidades portuguesas e sua imprensa*. Porto. 1987.
- THOMAS, Eric-Jean (sous la Direction). *Les travailleurs immigrés en Europe: quel statut?*. Paris. 1981.

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. *Bibliografia da emigração portuguesa*. Lisboa. 1984.

TALHA EM PORTUGAL

AGUIAR, António. "Mobiliário português do século XVIII" in *Ocidente*. Vol. XLVIII. 1958.

Artes decorativas portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga - séc. XV XVIII. Lisboa. 1979.

AZEVEDO, Carlos de. *A arte de Goa, Damão e Diu*. Lisboa. 1970.

AZEVEDO, Carlos de. *Barroc organ - cases of Portugal*. 1972.

BAZIN, Germain. "Reflexions sur l'origine et l'évolution du baroque dans le nord du Portugal" in *Belas Artes*. 2ª Série, nº 2. Lisboa. 1950.

BRANDÃO, Domingos de Pinho. "O retábulo da Igreja de S. Francisco de Guimarães" in *Museu*. 2ª Série, nº 4. 1962.

BRANDÃO, Domingos de Pinho. "Retábulos de talha dourada e painéis de igrejas e capelas da cidade do Porto" in *Documentos e Memórias para a História do Porto*. Vol. XXXII, pág. 91-109. 1963.

BRANDÃO, Domingos de Pinho. *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese do Porto*. Documentação I. Porto. 1984.

BURY, John. "The borrominesque churches of colonial Brazil" in *The Art Bulletin*. Vol. XXXVII, nº 1. 1955.

CARVALHO, A. Ayres de. "Os artistas de outrora e as Academias de Belas Artes" in *Revista e Boletim da ANBA*. 3ª Série, nº4-6. Lisboa. 1982-84.

CARVALHO, Ayres de. "A escola de escultura de Mafra" in *Belas Artes - Revista e Boletim da ANBA*. 2ª Série, nº 19. Lisboa. 1963.

- CHICÓ, Mário Tavares. "A escultura decorativa e a talha dourada nas igrejas da Índia Portuguesa" in *Revista e Boletim da ANBA*, 2ª Série, nº 7. Lisboa. 1954.
- CHICÓ, Mário Tavares. "Aspectos da arte religiosa da Índia portuguesa (a Arquitectura e a Talha dourada) in *Boletim da Agência Geral do Ultramar*. Ano XXVII, nº 318. Lisboa. 1951.
- CHICÓ, Mário Tavares. "Aspects of the religious architecture in portuguese India" in *Marg*. Bombaim. 1954.
- CHICÓ, Mário Tavares. *Igrejas de Goa in «Garcia de Orta»*. 1956.
- COSTA, Luis Xavier da. *As belas artes plásticas em Portugal durante o século XVIII*. Lisboa. 1935.
- COSTA, Luis Xavier da. *A escultura portuguesa em madeira no século XVIII*. Guimarães. 1940.
- DIAS, Pedro. *Coimbra, artes e história*. 2ª ed. Coimbra. 1988.
- FRANÇA, J.A.; MORALES y MARIN, J.L.; RINCON, Wifredo. *Arte português*. Espasa Calpe. Madrid. 1986.
- FRANÇA, José Augusto. *A arte em Portugal no século XIX*. 2 Vols. Livraria Bertrand. Lisboa. 1967.
- FRANÇA, José Augusto. *Lisboa pombalina e o iluminismo*. Livros Horizonte, 238 p. il. . Lisboa. 1965.
- FREITAS, Eugénio da Cunha e. "Os retábulos da Igreja da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta" in *Museu*. 2ª Série, nº 9. 1965.
- GONÇALVES, Flávio. "A talha na arte religiosa de Guimarães" in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*. Vol. IV. 1981.
- GONÇALVES, Flávio. "Um grandioso retábulo barroco da Ribeira Lima" in *Bracara Augusta*". Tomo XXXI. Braga. 1977.
- GONÇALVES, Flávio. *A Talha da Capela da «Árvore de Jessé» da Igreja de S. Francisco do Porto e seus Autores*. Liv. Fernando Machado. Porto. 1971.

- GONÇALVES, Flávio. *A talha no concelho de Vila do Conde*. Câmara Municipal de Vila do Conde. 1978.
- GUEDES, Natália Brito Correia. *O Palácio de Queluz*. Livros Horizonte. Lisboa. 1971.
- GUEDES, Natália Brito Correia. "O Picadeiro Real de Belém - documentos inéditos relativos à sua construção" in *Museus de Portugal*. Lisboa, 1978.
- HILLER, René. *Iniciação à marcenaria*. Edições Cetop. Lisboa. 1978.
- JUNIOR, António Rodrigues Mourinho. *A talha nos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso nos séculos XVII e XVIII*. Associação dos Municípios do Planalto Mirandês. 1984.
- MACEDO, Diogo de. *A escultura portuguesa nos séculos XVII e XVIII*. Ed. Ocidente. Lisboa. 1945.
- MARINHO, Natália; ALVES, Joaquim J.B. Ferreira. "Alguns artistas e artífices setecentistas de Entre Douro e Minho em Vila Real e seu termo" in *Bracara Augusta*. Vol. XXXI. 1981.
- MARINHO, Natália. "Elementos para o estudo da talha setecentista transmontana" in *Estudos Transmontanos*. Nº 1, pág. 133-164.
- OLIVEIRA, Aurélio de. "António de Andrade e a primeira escola de talha de Tibães" in *Bracara Augusta*. Vol. XXVII, fasc. 64. 1974.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. "Arte africana em Portugal" in *Escultura Africana em Portugal*. Lisboa. 1985.
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. "Obras de talha em Évora" in *Noites de Évora*. Évora. 1897.
- SANTOS, Reinaldo dos. "A exposição de arte portuguesa em Londres" in *Belas Artes*. 2ª Série, nº 9. Lisboa. 1956.
- SMITH, Robert. *A talha em Portugal*. Lisboa. 1963.
- SMITH, Robert. *Agostinho Marques, enxambrador da Cónega*. Livraria Civilização. Barcelos. 1974.
- SMITH, Robert. *Cadeiras de Portugal*. Lisboa. 1968.

SMITH, Robert. *Frei Cipriano da Cruz, escultor de Tibães*. Livraria Civilização. Porto. 1968.

SMITH, Robert. *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1972.

SMITH, Robert. *Marceliano de Araújo, escultor bracarense*. Porto. 1970.

DIVERSOS

ALMEIDA, Justino Mendes de. "Património cultural português - como preservamos a nossa herança cultural" in *ICALP - Revista*. Nº 9. Outubro de 1987.

ALVES, Artur da Costa. "Uma festa no Palácio de Quelus", in *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivos Históricos Municipais*. Lisboa, 1934, nº 14.

BOREL, Jacques. *Lettres d'Europe*. Paris. 1988.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra, 1712-1728. ATC.

BRETON, Thierry. *La dimension invisible. Le défi du temps et de l'information*. Editions Odile Jacob. Paris. 1991.

CALADO, Manuel Ferreira. *Historia da Fundação da Real Basílica e Mosteiro do Santíssimo Coração de Jesus da Cidade de Lisboa*. Lisboa, 1790.

CARVALHO, A. Ayres de. *Catálogo da colecção de desenhos da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa. 1977.

CARVALHO, A. Ayres de. *D. João V e a arte do seu tempo*. Lisboa. 1960-62.

CARVALHO, Ayres de. *A Basílica da Estrela no segundo centenário da sua fundação*. Lisboa, 1979.

CARVALHO, Ayres de. *Os Três Arquitectos da Ajuda. Do "rocaille" ao neoclássico*. Lisboa, 1979.

- CARVALHO, J. Lino de. *Monumento de Mafra, Basilica da Estrela, Capella de St. André*. Lisboa, 1908. ANBA.
- CASTRO, João Bautista de. *Mappa de Portugal*. Lisboa, 1870. Tomo III.
- CIDADE, Manuel Pereira. *Memórias da Basilica da Estrela*. Ed. Coimbra, 1926.
- COSTA, Luis Xavier da. *O ensino das belas artes plásticas em Portugal*. Lisboa. 1936.
- COSTIGAN, Arthur William, *Cartas de Portugal 1778-1779*. Lisboa, s.d.. Trad. Augusto Reis Machado.
- CRUZ, António. "Casa dos Vinte e Quatro", in *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão. Porto, 1985.
- Diálogo Europa-sul na prática*. Comissão das Comunidades Europeias. Luxemburgo. 1989.
- DODERER, Gerhard. "Subsídios para a história dos órgãos do Palácio Nacional de Mafra", in *IV Encontro Nacional de Musicologia*. Actas, Março de 1987.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Editorial Presença. Lisboa. 1989.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Milão. 1977.
- ECO, Umberto. *O signo*. Editorial Presença. Lisboa. 1973.
- Europa - informação. A ajuda pública ao desenvolvimento por parte da Comunidade Europeia e dos seus estados-membros*. Comissão das Comunidades Europeias. Bruxelas. Maio. 1988.
- FRANÇA, José Augusto. *A arte em Portugal no século XIX*. I vol. Lisboa. 1966.
- FRANÇA, José Augusto. *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*. Biblioteca Breve do ICALP. Lisboa. 1978.
- FRANÇA, José Augusto. *Lisboa pombalina*. Livros Horizonte. Lisboa. 1965.

GAMA, Luís Filipe Marques da. *Palácio Nacional de Mafra*. Lisboa, 1985.

Guia de Portugal - Lisboa e arredores. Ed. FCG. Coimbra, 1983.

GARRONI, E. *Projecto de semiótica*. Colección Comunicación Visual, 2ª tirada. Barcelona, 1975.

GODINHO, Vitorino Magalhães. "A identidade nacional" in *ABC-Portugal*. Março de 1988.

GODINHO, Vitorino Magalhães. *Identité culturelle et humanisme universalisant*. Instituto Português do Ensino à Distância. Lisboa, 1982.

GOMES, Paulo Varela. *Portugal - itinéraires culturels européens*. Strasbourg, 1988.

Guia de Portugal - Lisboa e arredores. Ed. FCG. Coimbra, 1983.

Inauguração da estátua equestre de ElRei D. José I. Prefácio de Angelo Pereira. Lisboa, 1938.

Guia prático da década mundial do desenvolvimento cultural - 1988-1997. UNESCO. Paris, 1987.

IVO, Júlio. *O Monumento de Mafra*. Lisboa, 1906.

KEIL, Luis. "A Bandeira da Irmandade de S. José dos Carpinteiros", in *Revista Municipal*, nº 32, 1º trimestre, 1947.

LEVI-STRAUSS, Lévi. *Anthropologie structurale*. Plon, s.l. 1973.

Le project culturel extérieur de la France - Ministère des Relations Extérieures. La Documentation Française, 1986.

LIMA, Augusto Mesquitela; MARTINEZ, Benito; FILHO, João Lopes. *Introdução à Antropologia Cultural*. Editorial Presença, 9ª edição. Lisboa, 1991.

LIMA, Augusto Mesquitela; MARQUES, Margarida; ALMEIDA, Manuel; MARTINS, Manuela Fazenda; RODRIGUES, Adriano Duarte. *Introdução à Sociologia*. Editorial Presença, 3ª edição. Lisboa, 1992.

LURÇAT, André. *Formes, compositions et lois d'harmonie*. Editions Vincent, Fréal et C. Paris, 1957

- MACEDO, Jorge Borges de. "Questões sobre a cultura portuguesa" in *ICALP - Revista*. Nº 4. Março de 1986.
- Machado, Ignácio Barbosa. *História crítico-chronologica da Instituição da Festa, Procissam e Officio do Corpo Santissimo de Christo*. Lisboa, 1759.
- MARCOLLI, A. *teoria del campo. Corso di educazione alla vizione*. VIII Ristampa. Firenze. 1984.
- MARROU, Henri. *De la connaissance historique*. Éditions du Seuil, Paris, 1975.
- MEDEIROS, Carlos L. *Bibliografia das monografias locais*. Braga. 1990.
- MONTEVECCHI, Benedetta; ROCCA, Sandra Vasco. *Suppellettile ecclesiastica*. Roma. 1987.
- MORAIS, Carlos Branco. *Organização e administração de empresas*. Porto. 1990.
- MOSER, Fernando de Mello. "Para uma perspectiva da cultura portuguesa" in *ICALP - Revista*. Nº 1. Março de 1985.
- NUNES, A. Sedas. *Sociologia e ideologia do desenvolvimento*. Moraes Editores. Lisboa. 1968.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de. *Elementos para a história do município de Lisboa*. Lisboa. 1882-1911.
- PEREIRA, Luis Gonzaga. *Monumentos sacros de Lisboa em 1833*. Ed. Biblioteca Nacional. Lisboa. 1927.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *O Campo dos media*. Ed. Assírio Bacelar. Lisboa. s.d.
- SACRAMENTO, Frei António do. *Memórias Curiosas*. Prefácio de A. Vieira da Silva. Lisboa, 1929.
- SANTI, Don Giancarlo. "Quello che l'architecto deve sapere" in *Chiesa oggi*. Milão, 1991.
- SARAIVA, José Mendes. *Notícia histórica da Capela da Bemposta*. AHMF.

- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Ed. Verbo, 3ª edição. 1979.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *A população de Portugal em 1798 - O Censo de Pina Manique*. Paris, 1970.
- SILVA, Augusto Vieira da, *Plantas Topográficas de Lisboa*. C.M.L., 1950, pl.43, refª 4.
- SILVA, J. H. Pais da. "Neoclassicismo" in *Dicionário de História de Portugal*. Vol. IV, págs. 376-377. Porto. 1985.
- SILVA, J. H. Pais da. "Rococo" in *Dicionário de História de Portugal*. Vol. IV, págs. 376-377. Porto. 1985.
- SOUSA, Tude Martins de. *Comendadeiras de Santiago*. Lisboa, 1940.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Editorial Presença, 2ª edição. Lisboa. 1992.
- The Director-General's preliminary proposals concerning the Draft Programme and Budget for 1994-95*. UNESCO; Paris, 24 de Abril, 1992.

SIGLAS UTILIZADAS

ACML	Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa
AHM	Arquivo Histórico Militar
AHMF	Arquivo Histórico do Ministério das Finanças (actualmente integrado nos AN/TT)
AHMOP	Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas
AISS-INSL	Arquivo da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Lapa, Lisboa
AN/TT	Arquivos Nacionais/Torre do Tombo
ANBA	Academia Nacional de Belas Artes
ATC	Arquivo do Tribunal de Contas
BN	Biblioteca Nacional
CML	Câmara Municipal de Lisboa
CP	Colecção particular
DGEMN	Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
FRESS	Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Lisboa
MNAA	Museu Nacional de Arte Antiga
MNC	Museu Nacional dos Coches
MNE	Museu Nacional de Etnologia
PDVV	Paço Ducal de Vila Viçosa
PNM	Palácio Nacional de Mafra
SEC	Secretaria de Estado da Cultura



feito . (3 Jds /

Esta dissertação foi informatizada e impressa por Maria Isabel Roque e Dália Maria Guerreiro, a quem a Autora agradece.